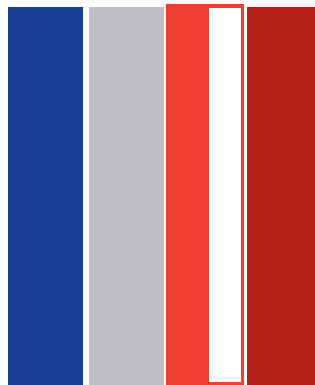


2º Ciclo
Mestrado em Ciências da Comunicação

A Arte Urbana e a cidade do Porto: perspetivas Ana Maria Sousa Teixeira

M

2017



Ana Maria Sousa Teixeira

A Arte Urbana e a cidade do Porto – perspetivas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação – variante de
Cultura, Património e Ciência, orientada pela Professora Doutora Suzana Cavaco

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

A Arte Urbana e a cidade do Porto - perspectivas

Ana Maria Sousa Teixeira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pela
Professora Doutora Suzana Cavaco

Membros do Júri

Professora Doutora Helena Lima
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Cristina Ferreira
Faculdade de Belas Artes - Universidade do Porto

Professora Doutora Suzana Cavaco
Faculdade de Economia - Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

*Para a mãe Cecília,
“Mãe, oh mãe!” - só ela sabe o desespero sentido...
E para todos aqueles que, de alguma forma ou de outra,
tornaram este trabalho possível.*

Sumário

Agradecimentos	8
Resumo	9
Abstract.....	10
Índice de figuras.....	11
Glossário	12
Introdução	13
Capítulo 1 – Estágio na Circus Network	15
1.1. Exposição individual	16
1.2. Exposição coletiva.....	17
1.3. Festival Push Porto.....	18
1.4. Outras tarefas	21
1.5. Inventário	23
Capítulo 2 – Cidade, cultura e arte urbana.....	25
2.1. Cidades e vida urbana.....	25
2.2. Cultura na cidade.....	32
2.2.1. O papel da cultura nas cidades.....	33
2.2.2. Arte urbana e espaço público.....	39
Capítulo 3 – : perspectivas	45
3.1. Arte urbana no Porto – uma análise.....	46
3.1.1. relação da arte urbana com a cidade	51
3.1.2. A arte urbana e o Porto	58
3.1.3. jovens universitários portuenses	66
Conclusão.....	76
Referências bibliográficas	78
Anexos	85
Anexo A: Inquérito	86
Anexo B: Entrevistas a Entidades	91
Anexo C: Entrevistas a Investigadores	112
Anexo D: Entrevistas a Artistas	124

Agradecimentos

Construir todo este relatório revelou-se um percurso bastante intenso, tendo sido o apoio destas pessoas algo extremamente necessário para a sua resolução.

À Dona Cecília, minha mãe, a sua paciência e palavras de alento sempre lá para me descansar e incentivar, obrigado pela oportunidade de completar mais esta etapa.

Ao Diogo que, apesar de tão ocupado, sempre tentou motivar-me e nunca deixou que o sentido de humor se perdesse. Já podemos ir de férias.

Aos pais do Diogo que me aturaram nos últimos tempos de conclusão, fizeram mais do que poderia imaginar.

Às minhas queridas amigas Inês, Ariana, Sara, Yara, Rita, MJ que estiveram comigo nas diferentes fases, que ouviram as minhas dores, esta conquista também é vossa. Já podemos festejar.

Ao meu gato Bitó que teve os seus momentos de delicadeza e sentou-se quietinho a ver a dona trabalhar.

Mas claro, nada disto teria sido possível sem a Ana e o André, que me deram a oportunidade de conhecer um excelente espaço e projeto.

Um grande obrigada aos artistas que aceitaram ceder o seu tempo, Fedor, Godmess, Mesk, SEM, Veshpa.

Obrigado à Porto Lazer e todas as entidades privadas que aceitaram discutir sobre a arte urbana. Espero ter estado à vossa altura.

A comunidade académica mostrou-se igualmente essencial, onde pude contar com a Professora Doutora Lúcia Ferro e os seus conselhos, e o Professor Doutor Heitor Alvelos.

E para finalizar em bem, aquela que me orientou, a Professora Doutora Suzana Cavaco. A sua paciência para aturar um espírito como o meu é notável.

Para não me esquecer de ninguém: Obrigado a todos que fizeram parte deste percurso!

Resumo

À medida que as cidades se vão desenvolvendo, correm o risco de perda de identidade e de se tornarem socialmente cada vez mais frias. Algumas cidades viram na cultura e na arte parte da solução para contrariar esta tendência. No Porto, é do conhecimento público, a postura relativamente hostil ao graffiti (subcultura da arte urbana) por parte do poder político municipal num passado recente.

O presente relatório de estágio propõe-se aferir qual a situação da arte urbana hoje no Porto, procurando perceber a postura/perspetivas dos vários stakeholders (partes interessadas), numa altura em que a cidade recebe/acolhe diariamente milhares de turistas. Para tal, complementamos a pesquisa bibliográfica com um conjunto de entrevistas semiestruturadas a um conjunto de indivíduos e entidades que apresentam experiência e/ou conhecimento (à partida) mais aprofundado sobre o tema. Realizamos também um inquérito dirigido à população estudantil da Universidade do Porto.

Palavras-chave: arte urbana, Porto, cultura, cidade

Abstract

As cities develop, they run the risk of losing identity and becoming increasingly socially cold. Some cities found in culture and art part of the solution to counter this trend. In Porto, it is public knowledge the hostile posture relative to graffiti (subculture of street art) by the municipal political power in a recent past.

The present internship report assess the current situation of street art in Porto, seeking to perceive the posture/perspectives of the various stakeholders as the city is receiving thousands of tourists on a daily basis. Therefore, the bibliographical research was complemented with a set of semi-structured interviews with a group of people and entities that have more experience and/or knowledge (supposedly) on the subject. A survey was also conducted aiming the student population of the University of Porto.

Keywords: street art, Porto, culture, city

Índice de Figuras

Figura 1 – Logotipo; Ana Castro e André Carvalho

Figura 2 – Exposição do artista UIVO

Figura 3 – Exposição coletiva - Who Let The Dogs Out

Figura 4 – Sessão fotográfica dos cães de loiça

Figura 5 – Logotipo Push Porto

Figura 6 – Objeto alusivo ao festival

Figura 7 – Mural elaborado por Lara Luís

Figura 8 – O que aprecia no Porto?

Figura 9 – Para si, qual a importância da oferta cultural no Porto?

Figura 10 – Qual o seu grau de interesse por arte urbana?

Figura 11 – Qual(ais) destes tipos de arte urbana conhece?

Figura 12 – Gosta de ver este tipo de arte nas ruas da cidade?

Figura 13 – Como classifica a quantidade de peças nas ruas da cidade?

Figura 14 – Em que espaços acha que se poderia praticar murais, *graffiti* limpo, stencil, paste up?

Figura 15 – A arte urbana costuma ser motivo de conversa com amigos, conhecidos, familiares, etc.?

Figura 16 – Já comentou/partilhou alguma informação/imagem nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?

Figura 17 – Na sua opinião, a arte urbana na sociedade atual:

Figura 18 – Com que frequência vai a festivais/eventos de arte urbana?

Figura 19 – Classifique por favor a seguinte afirmação: “Os festivais/eventos de arte urbana ajudam a aumentar o interesse pela arte urbana na cidade.”

Glossário

Writers – quem executa *graffiti*.

Tag – assinatura do nome pelo qual o *writer* é conhecido.

Yarn Bombing – intervenção executada com recurso à técnica de crochet ou tricô.

Graffiti limpo/reverse graffiti – intervenção executada através da limpeza de pontos específicos numa superfície.

Stencil – intervenção obtida através do uso de uma forma recortada para aplicar o desenho através de tinta.

Paste up – intervenção através da colagem de cartazes na rua.

Introdução

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, na variante em Cultura, Património e Ciências, como um dos requisitos para obtenção do grau de mestre. O estágio curricular, realizado na agência de criativos portugueses Circus Network, permitiu à estudante estagiária uma aprendizagem rica e diversificada. Por este motivo, foram considerados diversos temas para o desenvolvimento deste relatório.

O tema selecionado para o desenvolvimento do presente relatório resultou de uma reunião de *brainstorming* entre a estagiária e a orientadora da Universidade do Porto: a situação atual da arte urbana na cidade do Porto. O tema foi bem acolhido pela entidade acolhedora do estágio. Desde o início do estágio foi fácil perceber que a Circus Network pretendia apoiar a arte urbana no Porto, por considerar que esta cidade possui condições para o seu desenvolvimento, ainda que há poucos anos atrás a arte urbana não fosse vista com bons olhos pela autarquia, como é do conhecimento público.

A pesquisa bibliográfica que efetuamos, permite-nos perceber uma evolução no estudo da arte urbana: uma primeira fase em que o estudo incidia sobretudo na atividade do *graffiti* enquanto atividade de vandalismo e ocupação do espaço público; passou depois a explorar outras faces do *graffiti* e a forma alternativa com que este passou a ser visto nas diferentes localizações do mundo. De entre a bibliografia consultada, destacamos o estudo realizado por Elena de la Torre e Lígia Ferro, onde se aborda a forma como alguns portuenses interpretam peças exemplificativas de *graffiti* legal e ilegal e se considera importante o desenvolvimento de um estudo sobre a opinião das pessoas sobre esse assunto. (2016) Apresentou-se-nos assim pertinente conhecer/compreender as perspetivas/posturas de diversos *stakeholders* (partes interessadas) relativamente à arte urbana na atualidade no Porto.

Desta forma, pretende-se: saber se a população tem interesse na arte urbana; conhecer a opinião de diferentes atores sobre os projetos e iniciativas no Porto. Propomo-nos ainda identificar os (possíveis) benefícios da arte urbana para a cidade, e perceber qual a posição da cidade do Porto no panorama internacional de arte urbana, auscultando para tal a opinião de diferentes atores sobre projetos e iniciativas no Porto.

Realizamos um inquérito dirigido à população estudantil da Universidade do Porto para obter uma opinião geral de um público tendencialmente crítico e esclarecido. Complementamos a pesquisa bibliográfica com um conjunto de entrevistas semiestruturadas a um conjunto de indivíduos e entidades que apresentam experiência e/ou conhecimento (à partida) mais aprofundado sobre o tema (a entidades privadas/particulares e públicas, artistas, investigadores). Atendemos à intervenção do Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, na conferência Porto do Futuro, realizada em 2017 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por se mostrar relevante para compreender a mudança de postura do poder político local face à arte urbana. O estudo cruza assim métodos quantitativos e qualitativos de análise.

Este relatório encontra-se dividido em três partes, sendo que na primeira parte é relatado o percurso feito pela autora durante o estágio curricular na Circus Network, e as diferentes atividades aí desenvolvidas. A segunda parte diz respeito à contextualização do tema, explorando entre outros assuntos: a cidade e as características relativas à sua evolução; cultura e a forma como se relaciona com a cidade; arte urbana.

Na terceira parte, procuramos aferir a situação atual da arte urbana (em especial o *graffiti*) no Porto.

Capítulo 1 – Estágio na Circus Network

A Circus Network – onde a autora do presente relatório estagiou – é uma organização cultural sediada no Porto, tendo sido criada em 2012 por Ana “Muska” Castro e André Carvalho. A sua missão é promover e divulgar a arte portuguesa. Tem em vista desempenhar um papel ativo dentro da cultura nacional através da criação de eventos, exposições, festas, entre outros. Funciona ainda como uma agência de criativos de diversas áreas no sentido de captar o interesse de empresas e marcas em relação a artistas nacionais.



Figura 1 - Logotipo; Ana Castro e André Carvalho

Os seus fundadores¹ pretendem fazer da Circus Network um ponto de referência na região Norte do país e no mercado da arte urbana e ilustração. Esta visão, tal como a missão que perseguem, assentam nos seguintes valores: responsabilidade social; valorização e respeito dos artistas de arte urbana e ilustração; satisfação do cliente e do artista; relação com os clientes transparente e baseada na responsabilidade e confiança entre as partes; criatividade; qualidade nos trabalhos desenvolvidos.

Em 2014, dois anos após a sua fundação, a Circus Network confrontou-se com a necessidade de um espaço físico onde se pudessem realizar partilhas de experiências,

¹ Informação obtida em conversa com Ana Castro e André Carvalho, a 07 de Março de 2017

conhecimentos, opiniões; um espaço que permitisse o convívio e a reflexão sobre as variadas vertentes artísticas e culturais. O espaço, em formato galeria e de cowork, fica situado na Rua do Rosário, numa zona onde estavam a emergir variados espaços ligados às artes.

Durante o estágio na Circus Network, a autora do presente relatório elaborou vários tipos de tarefas, desde as mais elementares até às mais complexas e exigentes. Como qualquer outro membro da empresa, coube-lhe assistir/ajudar os artistas a montar e desmontar exposições. Na produção e organização de eventos, a autora procurou explorar alguns dos conhecimentos adquiridos na sua formação de ensino superior: do mestrado em Ciências da Comunicação – vertente Cultura, Património e Ciência; do mestrado em Gestão Artística e Cultural (componente curricular); e da licenciatura em Promoção Artística e Património.

1.1. Exposição individual

A estagiária colaborou numa exposição individual e numa coletiva. Para a exposição individual, intitulada “Os velhos morrem no Outono”, elaborou um texto de apresentação do artista UIVO, nome artístico de Gonçalo Fialho, artista e ilustrador lisboeta. Este texto foi posteriormente publicado na página de Facebook da Circus. Foi preparada uma entrevista, cujas perguntas foram disponibilizadas por escrito ao artista. Essa entrevista foi publicada no site/blog. Elaborou ainda um comunicado de imprensa sobre a inauguração dessa exposição que era a primeira exposição a solo do artista UIVO.

Finalizada esta exposição, a estagiária procedeu à catalogação das obras com as indicações de: dimensões, títulos, técnicas e preços.



Figura 2 - Exposição do artista UIVO

1.2. Exposição coletiva

Relativamente à exposição coletiva, a autora do relatório acompanhou o processo desde a fase de conceção. O objetivo da exposição coletiva passava por reinventar uma peça decorativa bastante



Figura 3 - Exposição coletiva - *Who Let The Dogs Out*

comum de gerações passadas e torná-la em obra artística, com a colaboração de diferentes artistas. O produto escolhido foi o cão de loiça. Optou-se por quatro raças de cães. Depois de um dia de *brainstorming* entre vários intervenientes da Circus chegou-se ao título a dar à exposição: *Who Let The Dogs Out*.

A Circus Network desafiou onze artistas a recriarem uma das raças de cães, de forma a que cada peça espelhasse a identidade artística do seu autor e que o fizessem acompanhar de uma obra de arte com 30x40cm, que podia ser um original ou um *digital print*. Os artistas escolhidos foram: Ana Seixas, André da Loba, Andy Calabozo, The Caver, Daniel Eime, Elleonor, Joana Estrela, ±MAISMENOS± também com o pseudónimo KISSMYWALLS, Mots, Oker + Contra.



Figura 4 - Sessão fotográfica dos cães de loiça

Para melhor chegar a um público nacional e internacional, procurou-se cativar as revistas online e/ou em formato papel da área da decoração de interiores e obras de arte. Coube à autora do relatório pesquisar e propor à equipa da Circus Network as revistas mais adequadas para promover os produtos desta exposição. No contato com essas revistas, a autora disponibilizou informação e imagens sobre as obras finais. As imagens foram

tratadas pela orientadora da Circus, Ana Castro, tendo a autora auxiliado na sessão fotográfica.

Para os órgãos de comunicação social de âmbito regional e nacional, a autora elaborou comunicados de imprensa. Os comunicados de imprensa fizeram-se acompanhar de um ficheiro gif. (elaborado por uma estagiária da Escola Artística de Soares dos Reis). Esse ficheiro consistia numa montagem das fotografias das raças dos cães de loiça antes de ser efetuada qualquer intervenção, sendo que a sessão fotográfica ficou à responsabilidade da autora e de outra estagiária.

Também escreveu o texto dirigido a uma associação de apoio animal – Associação Midas – a fim de solicitar o seu apoio à exposição. Em troca, esta receberia uma percentagem do valor das vendas.

A exposição coletiva foi uma oportunidade para a autora aprofundar os seus conhecimentos em *marketing* e em comunicação, recorrendo a obras de autores como Júlio Pinto e Castro, Wally Olins, Jon Miller & David Muir, Paulo Faustino, Ylva French & Sue Runyard, Andy Bull; ao site criado por Joe Pulizzi sobre *Content Marketing* e ainda a teses que se pudessem enquadrar nas temáticas. Procurou também assistir a conferências e palestras.

1.3. Festival Push Porto

A autora participou na preparação de outro projeto que é central à Circus: o Festival Push Porto, cuja segunda edição está agendada para o ano 2017.

O evento Push Porto foi concebido como um projeto prático de Ana Castro (orientadora da instituição acolhedora do estágio da autora deste relatório), na sua dissertação de



Figura 5 - Logotipo Push Porto

Mestrado em Multimédia no ano de 2014. A base principal do festival é a ilustração e a arte urbana. Direccionado para uma vertente de educação da arte e da cultura, este festival visa diversos objetivos essencialmente sociais e culturais. Procura também intervir na economia da região de uma forma indireta. A primeira edição realizou-se em 2014 (entre os dias 13 e 21 de Setembro) na cidade do Porto. Organizada pela Circus Network, o Push Porto contou com o apoio institucional da Câmara Municipal do Porto.

As atividades promovidas pelo evento, todas de carácter gratuito, iam desde: realização de murais por artistas agenciados e convidados pela Circus; palestras sobre arte urbana, apropriação do espaço público, e outras temáticas relacionadas; mostra de documentários; workshops com especial incidência nas escolas; exposições; e convívio noturno.

Um dos grandes objetivos deste festival é ser um evento frequente na agenda portuense. Contudo, e sendo que a Circus Network não consegue financiar totalmente o evento, existe uma necessidade de recorrer a variados tipos de apoios. Quando a autora deste relatório iniciou o estágio, foi-lhe proposta a sua participação no processo de desenvolvimento da segunda edição em que a meta de execução seria no final do primeiro semestre de 2017 até início do segundo. Pretendia-se alargar o período temporal do evento (em vez de 9 dias, durar alguns meses), o que permitiria uma melhor distribuição das diferentes atividades e possivelmente aumentar o envolvimento social.

Não tendo participado da edição do ano de 2014, a estagiária sentiu necessidade de conhecer mais aprofundadamente o projeto. A leitura da dissertação de mestrado de Ana Castro – *Arte Urbana: Estudo exploratório da sua relação com as cidades e proposta de projeto prático para o Porto* – mostrou-se fundamental não só para compreender o Push Porto, como também a história e conceitos ligados à arte urbana, mais concretamente o *graffiti*. Sobre a primeira edição, recolheu informação diversa, desde a sua preparação até ao relatório de resultados. Pesquisou a cobertura noticiosa do evento e presença/discussão deste nas redes sociais.

O envolvimento da estagiária no projeto passou por apontar ideias e sugestões que pudessem ser implementadas na nova edição do evento, tendo sempre discutido sobre as mesmas com a orientadora Ana Castro para perceber até que ponto poderiam

ser aplicadas ou descartadas, ou mesmo ajustadas dando origem a novas ideias. Para tal, a autora serviu-se da leitura bibliográfica sobre marca e produção de eventos.

Coube à estagiária preparar o dossier de suporte ao pedido de apoio apresentado pela Circus à Porto Lazer, empresa pertencente à Câmara Municipal do Porto e que tem como objetivo dinamizar e melhorar a diversidade de oferta cultural da cidade do Porto. Nessa documentação, a estagiária procurou contribuir para uma proposta que mostrasse a relevância do evento, nomeadamente no que respeita à responsabilidade social. Um exemplo: sensibilização do público infantil e juvenil para a diferença entre o *graffiti* e a arte urbana, através de palestras e workshops em escolas (públicas e privadas) e bairros sociais. Após uma reunião para definir o ponto de situação, coube à estagiária expor por



Figura 6 - Objeto alusivo ao festival

escrito e de forma sucinta os diferentes tipos de atividades a desenvolver na segunda edição do Push Porto.

Na preparação do dossier, a autora deste relatório e uma outra estagiária (da Escola Artística de Soares dos Reis) auxiliaram a orientadora Ana Castro no ensaio fotográfico de peças alusivas à cidade do Porto e à arte urbana construídas em papel pelas Oupas! design, um estúdio onde trabalham à base de design gráfico e ilustração e onde a material-chave é o

papel. Essas fotografias serviram de imagem de fundo no dossier.

Após conclusão do dossier, foi pedido ainda um texto sobre o festival dirigido a outras autarquias, na perspetiva de alargar o projeto criando uma rede entre as mesmas. Coube à estagiária atualizar a lista de contactos das autarquias seleccionadas.

Incumbiram à autora do presente relatório a tarefa de pesquisar e filtrar possíveis patrocinadores (espaços de alojamento no centro da cidade – hotéis/hostels, agências e serviços de viagens) e parceiros/colaboradores (escolas ou outras instituições ligadas ao ensino/educação) na nova edição do Push Porto. Estes últimos seriam os locais onde se

efetuariam as atividades de ação de consciencialização das crianças e jovens, para além de outras atividades ligadas ao tema da arte urbana.

Na segunda metade do mês de Dezembro de 2016, a Câmara Municipal do Porto lançou um concurso com o intuito de dar apoio às criações artísticas contemporâneas na cidade: “Criatório”, cuja candidatura por parte dos interessados deveria ser submetida até 31 de Janeiro do ano seguinte. A Circus procurou perceber se conseguia enquadrar-se nos aspetos descritos no regulamento do concurso e de que forma a candidatura se processava.

Um dos requisitos para poder beneficiar do apoio era possuir uma programação de, no mínimo, 6 meses. Com o interesse em candidatar o evento Push Porto, pensado inicialmente para decorrer durante 4 meses, percebeu-se que este teria de ser estendido para o efeito. Nesse sentido, em discussão com a orientadora Ana Castro, foi decidido pesquisar galerias ou locais com espaços de exposição que pudessem vir a colaborar no evento, de maneira a se poder criar uma programação de exposições distribuída por vários pontos da cidade. Os restantes requisitos estavam de acordo com o que a Circus possuía até à data, sendo apenas necessário acrescentar alguns esclarecimentos à candidatura.

No seguimento do desenvolvimento da segunda edição do Push Porto, foi requerido à estudante que realizasse uma nova pesquisa. Nesta, o foco seriam paredes e espaços propícios à concretização de murais, na cidade do Porto. Após efetuar o registo desses locais, Ana Castro e André Carvalho iriam filtrar aqueles considerados passíveis de intervenção, visto que existem os devidos processos burocráticos que são impostos a este tipo de ações.

1.4. Outras tarefas

Durante o período de estágio, foram realizadas outras tarefas, de menor ou maior duração, tornando este estágio mais completo.

A Circus Network, além de gerir o espaço da galeria de arte e de participar em projetos na cidade do Porto, faz mediação dos seus artistas com outras entidades do país. Foi com uma ação nesse sentido que a autora deste relatório se deparou. No

começo do estágio, a Circus² deslocou-se à cidade de Guimarães acompanhando uma artista que representavam, Lara Luís, e que iria trabalhar num projeto da respetiva Câmara Municipal. Esse projeto consistia numa intervenção artística – um mural alusivo ao desporto para a rua das Eiras (Creixomil), no viaduto que dá acesso à Cidade Desportiva. (Circus Network, 2016; Tempo Livre, 2016)



Figura 7 - Mural elaborado por Lara Luís

Já tinham trabalhado no mesmo mural em 2013, que ficou em mostra na Casa da Memória numa exposição sobre a história do desporto em Guimarães, quando esta estava nomeada como a Cidade Europeia do Desporto. Agora, tinham sido convidados a transportar praticamente na íntegra o mesmo mural para a rua. Este foi inaugurado no dia 4 de Outubro do ano 2016, e encontra-se num local de circulação constante de pessoas, principalmente adeptos desportivos. (Circus Network, 2013, 2016; Luís, 2013; Tempo Livre, 2016)

² Informação obtida em conversa com Ana Castro e André Carvalho, a 17 de Outubro de 2016

Regressados dessa ação, a tarefa foi elaborar um texto sobre essa participação, com recurso a informações disponibilizadas pelos mesmos e através de pesquisa no site da Circus e órgãos de comunicação social. Pensou ainda em perguntas para uma entrevista à artista em destaque, Lara Luís.

Outra tarefa executada pela estudante nesta vertente da Circus foi a de analisar uma área de Lisboa onde se encontrava um muro que já tinha sido objeto de intervenção artística para publicidade. Neste caso, uma empresa requereu à Circus um plano de intervenção para publicidade de marca, onde fornecesse os dados de artistas que pudessem colaborar e o respetivo orçamento. Sendo que não se conheciam as dimensões da área a intervir, ficou ao cargo da autora deste relatório fazer essa pesquisa na internet.

No mês de Novembro, o espaço da Circus teve a infelicidade de sofrer uma inundação causada pelo entupimento de canalização do condomínio tendo inundado a cave do estabelecimento, estendendo-se ao espaço de *cowork* situado no mesmo piso. Contudo, os danos não foram mais graves por a situação ter sido controlada e tempo graças a *coworkers* que se encontravam no local no momento do sucedido. Ainda assim os prejuízos foram alguns, pois eram armazenados materiais e obras naquela divisão.

Nessa mesma semana a Circus fechou o espaço ao público para poder efetuar limpeza e levantamento de obras e materiais afetados para poder acionar o devido seguro. A estudante esteve sempre presente a auxiliar conforme necessário. Devido ao incidente, fez-se uma revisão da disposição dos objetos na cave de forma a evitar um novo incidente do género.

1.5. Inventário

O último mês de estágio foi marcado pela realização/atualização do inventário do espaço, pois apresentava-se algumas falhas de organização nos registos. Como tal, foi efetuada uma revisão aprofundada de todas as obras existentes na galeria, loja e armazém e consequente atualização. As fichas de consignação foram igualmente revistas e organizadas num único dossier.

Com a realização do inventário, percebeu-se que algumas obras e produtos tinham os preços em falta. Esta situação provocava uma procura pelos ficheiros sempre que algum artigo era vendido, ou havia interesse, para poder informar o cliente. Sendo assim, todos os produtos em exibição na loja foram retirados, colocado o preço e novamente colocados em exposição.

Produtos repetidos que estavam expostos na loja foram igualmente retirados para que apenas existisse um artigo de cada. Os restantes foram colocados em caixas de armazenagem devidamente catalogadas para facilitar a procura. Neste sentido, também produtos que estavam guardados e que continham nenhum em exposição foram contabilizados, registados, e um colocado em prateleira, respetivamente.

As obras afixadas no espaço foram igualmente alteradas, de maneira a que o máximo de artistas estivesse representado por uma obra sua. As obras que estavam guardadas em caixas de armazenagem foram todas revistas relativamente à quantidade e preço e organizadas segundo nome do artista.

No que toca aos produtos de vestuário, um exemplar de cada foi colocado em exposição, sendo que os restantes foram guardados e organizados por tamanho e *design*.

Com a realização deste inventário de final de ano, a autora teve a oportunidade de perceber o tipo de produtos que a Circus comercializa, a diversidade de artistas representados, e qual a complexidade deste tipo de tarefa num espaço como este.

Capítulo 2 – Cidade, cultura e arte urbana

A Circus Network defende a realização de eventos ligados à arte urbana na cidade do Porto que permitam a sua integração e utilização enquanto promotor cultural, social e económico. Quisemos explorar um pouco esta perspetiva, procurando compreender as cidades, suas características e evolução; e de que forma a cultura pode atuar/influenciar as cidades.

2.1. Cidades e vida urbana

As cidades são espaços multidimensionais onde as relações sociais formam áreas variadas, que se relacionam entre si. A cidade consegue ser um local de ligação com variados temas, lugares, situações e a sua complexidade é tal que não se pode reduzir a uma pequena amostra da sociedade. A cidade nunca é só o espaço em si, é toda uma complexa relação com outros espaços urbanos, outras metrópoles e territórios nacionais e internacionais (Ferro, 2016).

Para Giddens, “as cidades são formas de povoamento humano relativamente grandes onde se desenrolam várias atividades que lhes permitem tornar-se centros de poder em relação às áreas circundantes e a povoados mais pequenos” (2013: 223). Estudar as relações e práticas sociais no contexto urbano pode trazer resultados relevantes e assim ser possível compreender o funcionamento de uma cidade. Conhecer as diferentes culturas e subculturas que constituem uma cidade pode tornar-se fundamental para entender o seu posicionamento na atualidade e a sua ação na sociedade (Ferro, 2016).

As cidades são espaços ativos e de oportunidades, contudo existe uma pré-disposição para as definir como pouco abertas à interação social. Ferdinand Tönnies aponta que os laços sociais foram evoluindo de um sentido mais comunitário para um mais individualista, e as cidades passaram a estar repletas de estranhos, ao contrário de outros espaços povoados (Giddens, 2013). Também Giddens aponta que num mesmo local – um bairro ou vizinhança – a probabilidade de conhecer a maioria dos vizinhos é

reduzida e as interações sociais no dia-a-dia se limitam praticamente a cumprimentos de rua (Giddens, 2013). Filomena Silvano e João Neves (1990: 120), falam-nos da proliferação de lugares não socializados como praças e ruas que se desvitalizaram ao se transformarem em meros lugares de passagem. Falam da criação, nos anos 80, de espaços coletivos semiprivados (como galerias/centros comerciais, discotecas e restaurantes) como tentativa de combater esse problema (Silvano e Neves, 1990: 121), mas que se classificam como um «espaço de fraca especificidade local» (Lopes, 2000: 75).

Simmel, no seu estudo sobre o modo de vida das pessoas na cidade, refere que nas cidades há um constante bombardeamento da mente dos indivíduos com imagens, sensações, impressões e atividades – algo que Ricardo Campos revela ainda ser uma constante e parte integrante da identidade das cidades – e que, como os indivíduos não conseguem responder a todos os estímulos ou atividades, acabam por se proteger através do desinteresse e da reserva, deixando de estar atentos ao que os rodeia e simplesmente centram-se nas suas necessidades. Na sua perspetiva, isto cria um distanciamento emocional dos indivíduos uns dos outros (Campos, 2010: 211; Giddens, 2013: 227; Lopes, 2000: 69-70). Para ele, muitas cidades, enquanto grandes centros financeiros, são marcadas pela racionalidade das trocas e pelo pragmatismo entre pessoas (numa lógica custos/benefícios) (Simmel cit por Giddens, 2013: 227).

Algumas das subculturas que se formam na cidade podem ser uma continuidade das zonas rurais, sendo que algumas características dos seus estilos de vida se mantêm por essa mesma razão (Lopes, 2000). Claude Fischer, por exemplo, aponta os interesses comuns - sejam eles de carácter religioso, político, profissional, ou outros – como facilitadores da comunicação entre os indivíduos, conduzindo à criação de subculturas nas grandes cidades, como por exemplo os casos de imigração e de artistas (Fischer, 1982; Giddens, 2013).

João Teixeira Lopes, na sua obra “A Cidade e a Cultura”, destaca algumas hipóteses relacionadas com o estudo de Fischer, de entre as quais: “Quanto mais urbanizado for um determinado local, maior será a sua variedade subcultural” (por outras palavras: “A concentração populacional favorece a fragmentação em função de

variáveis como a classe social, a idade e as categorias ocupacionais”); “Quanto mais urbanizado for um local, maior será a intensidade das suas subculturas” (que proporcionará uma maior coesão grupal devido à competição entre subculturas); Quanto mais urbanizado for um local, maiores serão os índices de não-convencionalidade (que tenderá a favorecer o multiculturalismo reduzindo as barreiras das diferentes culturas; e que esta diferenciação impede os monopólios e a imposição de arbitrários culturais. Ou seja, num contexto mais urbanizado “proliferam os mecanismos de troca, negociação e compromisso entre as várias subculturas que fervilham na cidade contemporânea” (Lopes, 2000: 72).

A cidade torna-se um espaço de trocas, de afirmação pessoal e coletiva, de acordo com as oportunidades e limites que coloca. Acaba por ser portanto um local de contestação e afirmação através da apropriação do espaço público pelos diferentes indivíduos e grupos, criando novas culturas de relação na cidade. Isso acaba por sobressair nas relações sociais, sendo que a forma de viver a cidade pode levar um indivíduo a centrar-se nele próprio e tentar encontrar forma de afirmar a sua liberdade e permeabilidade junto de moldes sociais bastantes difusos, como pode noutro sentido levar ao corte dos laços mais básicos levando a um isolamento social (Lopes, 2000). Ou seja, não se podem descartar os aspetos negativos que podem advir da vida na cidade, pois “muitos dos conflitos urbanos resultam, precisamente, do desfazamento e da incompatibilidade que entre si estas lógicas manifestam” (Lopes, 2000: 73).

A imagem pensada da cidade afeta a forma como as relações pessoais se concretizam, podendo contribuir positivamente ou inversamente para as vivências diárias. Sendo assim, pode-se afirmar que a cidade nunca é igual para uma pessoa, pois ela permanece num constante processo de construção do espaço urbano. Ou seja, a cidade não é apenas formada pelas suas partes e objetos imóveis, como também pela participação e interpretação ativa de todos os seus intervenientes. São estes últimos que viverão e se alimentarão de todos os estímulos e riqueza simbólica que a cidade lhes pode proporcionar e, dessa forma a estarão sempre a interpretar e atualizar interagindo com ela. Estes resultados serão mais bem-sucedidos se a imagem da cidade for coerente e familiar, onde teremos maior quantidade de espaços públicos propícios a encontros

diários. Já uma cidade que não permita uma imagem clara poderá levar ao isolamento e fragmentação, tornando-a uma cidade caótica e confusa para os seus intervenientes. Este caso é mais verificado em locais onde privilégios são oferecidos a determinadas camadas sociais, criando exclusão e segregação social (Lopes, 2000: 75-76).

Na antiguidade, as cidades eram os principais centros da ciência, das artes e da cultura cosmopolita. Contudo a sua influência no resto do país mostrava-se fraca, dada a forte divisão entre cidades (na maioria cercada por muros altos) e campo e dada a dificuldades de comunicação nessa altura (ainda não havia imprensa). Essas cidades, comparadas com as da atualidade, eram de menores dimensões, sendo que a maioria da população residia nas áreas rurais (Giddens, 2013: 234).

Foi a partir da industrialização, na segunda metade do século XVIII que esta situação se começou a inverter, verificando-se um crescimento da urbanização. Na Grã-bretanha, se em 1800, menos de 20% da população vivia em cidades ou vilas com mais de 10 000 habitantes; por volta de 1900, este valor chegou aos 74% (Giddens, 2013: 235). No final do século XX, mais de 40% da população europeia vivia em cidades, tendo o número de indivíduos que residiam em cidades aumentado cerca de 40 vezes comparativamente ao início da revolução industrial (Lopes, 2000: 67).

“A urbanização é atualmente um processo global para o qual os países em desenvolvimento são cada vez mais arrastados” (Giddens, 2013: 236). A migração para as cidades era feita principalmente por indivíduos de classe mais baixa com a perspectiva de melhorarem a sua condição económica. “Desde o tempo em que se formaram, pela primeira vez, os grande aglomerados urbanos, no século XVIII, as perspetivas sobre os efeitos das cidades na vida social têm-se polarizado”: Há “muitas pessoas” que encontram benefícios, “as cidades representam a «virtude civilizada» e são fontes de dinamismo e criatividade cultural; as cidades maximizam as oportunidades para o desenvolvimento cultural e económico e dão a possibilidade de se viver uma existência confortável e satisfatória” (Giddens, 2013: 237). Mas há também quem veja a cidade como “um inferno de poluição, onde se aglomeram multidões de pouca confiança, onde habitam o crime, a violência, a corrupção e a pobreza” (Giddens, 2013: 237).

As cidades, conforme aumentavam de tamanho, viam também as desigualdades intensificarem-se, tendo a pobreza urbana e a diferença acentuada entre os diversos bairros sido os alvos dos primeiros estudos sobre a vida urbana (Giddens, 2013: 237). Nos anos 50/60 o processo de suburbanização atingiu o seu apogeu nos Estados Unidos, havendo grandes fluxos de população a deslocarem-se do centro da cidade para os subúrbios, normalmente pessoas de classe média (Giddens, 2013: 238).

A expansão dos subúrbios conduziu à decadência dos centros urbanos, agravando-se a situação “à medida que os edifícios nos centros das cidades se deterioram (...) e que o índice de criminalidade e a taxa de desemprego aumentam” (Giddens, 2013: 240). As crises financeiras contribuíram para a degradação dos centros das cidades (nomeadamente na Grã-Bretanha na década de 70) (Giddens, 2013: 241). Os governos locais, regionais e nacionais defrontavam-se com o tipo de abordagem que deveriam adotar para enfrentar os problemas complexos que afectavam os centros das cidades, já que a “realização de uma política de renovação urbana com sucesso constitui um desafio particularmente difícil, porque exige uma acção simultânea em múltiplas frentes” (Giddens, 2013: 243). Programas de subsídios para a reabilitação de casas e incentivos fiscais para atrair negócios são exemplos de “esquemas nacionais” usados para “reavivar a prosperidade dos centros das cidades” (Giddens, 2013: 243).

A tendência anterior era aplicar programas que se focavam nos aspetos físicos das cidades, como a recuperação da habitação, tendo depois sido verificado uma preocupação em aplicar igualmente programas que estimulassem a regeneração social e económica, alargando assim o espectro de ação. A “reciclagem urbana” consiste – para Giddens – na renovação de edifícios antigos e a sua reutilização, por vezes, para outros fins. Esta reciclagem é mais recorrente em processos de nobilitação onde se pretende renovar edifícios de áreas degradadas para atrair grupos económicos mais favorecidos e/ou equipamentos e serviços ligados ao comércio (Giddens, 2013: 244).

A partir do século XXI observamos a formação de megacidades como uma característica chave da urbanização, sendo que estas, ao contrário das anteriores que se destacavam principalmente pelo tamanho, possuem também um papel ativo como pontos de ligação entre aglomerados enormes de população e economia a nível global.

“As megacidades são bolsas concentradas de actividade através das quais fluem a política, os *media*, as comunicações, as finanças e a produção” (Giddens, 2013: 248). A globalização teve um papel relevante no desenvolvimento destas megacidades, fazendo com que os centros urbanos em desenvolvimento passassem a ter um grande impacto no progresso económico e inovação. Fez com que as cidades se tornassem interdependentes e criassem e fortalecessem ligações e redes entre si de diferentes países (Giddens, 2013: 254).

Giddens fala de uma cidade formada por “círculos concêntricos, divididos em segmentos”, em que alguns espaços do centro deterioram-se, voltam a ser ocupados, e assim sucessivamente. Para Harvey, o espaço urbano está em constante reestruturação, e esse processo é determinado, entre outros, pelo local onde grandes empresas e instituições decidem estabelecer as suas atividades. Por vezes acabam por abandonar e mudar-se para um novo espaço, procurando novas oportunidades (*apud* Giddens, 2013: 228). Para Castells, entender as cidades passa por perceber os processos através dos quais as formas espaciais são criadas e transformadas (Giddens, 2013: 230).

“Castells vê a cidade não só como localização específica – a área urbana – mas também como parte integral de processos de consumo coletivo, que são por sua vez uma dimensão inerente ao capitalismo industrial. As casas, as escolas, os serviços de transportes e os complexos recreativos são formas através das quais as pessoas “consomem” os produtos da indústria moderna” (Giddens, 2013: 230). O aspeto físico das cidades é um produto das forças de mercado; mas é também reflexo do poder político. Este último afeta muitos aspetos da vida cidadina, por exemplo, ao construir estradas, ao projectar zonas verdes, ao influenciar quem constrói ou consegue comprar/alugar através do sistema fiscal (Giddens, 2013: 230).

Autores como Logan e Molotch falam do desenvolvimento das cidades de uma forma mais obscura, no sentido em que o setor imobiliário e construção civil define como estruturar a cidade sem se preocupar com as pessoas; podendo destruir um edifício mesmo que possua algum valor para determinada comunidade para dar lugar a edifícios de escritórios. Em reação, surgem associações locais para “impedir a

construção de novos edifícios em zonas verdes ou em parques” ou mesmo pressionar na criação de novas leis de arrendamento menos rígidas (*apud* Giddens, 2013: 231).

Atualmente, a competitividade económica “depende de uma força de trabalho qualificada produtiva”, verificando-se um processo de filtragem pela cidade a nível social. Passa-se a recuperar e requalificar certos locais degradados para que a nova classe média possa ocupar. Alguns fatores a ter em conta para que isso possa acontecer são a aposta num forte sistema educativo, bons acessos e transportes públicos, habitação acessível, segurança, um bom sistema de saúde e equipamentos culturais interessantes. Esta nova cidade baseia-se no consumo, sendo ela própria um produto de mercado, procurando promover-se economicamente e através de um atrativo capital escolar, procurando distinguir-se das restantes (Giddens, 2013: 259; Lopes, 2000: 78).

João Teixeira Lopes aponta que o urbanismo pós-moderno acabou por seguir um caminho desviante, onde se focou demasiado em determinados aspetos acabando por esquecer a ética e a diferença de poder económico dos vários grupos sociais que constituem o espaço urbano. Pode-se observar o crescimento das cidades «com grandeza e espetáculo», ao mesmo tempo que a exclusão e desqualificação aumentava. A globalização é atualmente uma das causas deste processo ao proporcionar o desenvolvimento de redes de riqueza, tecnologia e poder. Esta situação acabou por gerar outro problema, pois numa tentativa de voltar a colocar as cidades com uma imagem positiva, este processo acabava por ser entendido como um plano de marketing urbano. A promoção da cidade parecia focar-se em apenas alguns grupos sociais, pertencentes à nova classe média, ao invés de se dirigir a todos. Contudo, e apesar de estas poderem criar desigualdades sociais, pôde observar-se também a criação de oportunidades a nível produtivo, de criatividade cultural e comunicação (Ferro, 2016; Lopes, 2000: 79).

Como já se referiu, a cidade é um espaço vivido, sendo que as pessoas transformam e constroem a cidade conforme a perceção que fazem dela. Nela criam os seus «espaços de culto» como os «seus interditos», tornando-a um local onde as relações sociais e as construções físicas se interligam criando um ambiente simbólico para os seus intervenientes e um elemento importante na definição das suas identidades sociais (Lopes, 2000; Menéndez, 2017). Se os indivíduos se sentem identificados com a

cidade que escolhem e perspetivam oportunidades, começam a construir os seus pólos e a contribuir para uma imagem cada vez mais distinta da cidade. E tornando-se a cidade um espaço atrativo a vários níveis, começa então a criar a possibilidade de se tornar independente dos outros espaços urbanos e territórios, conseguindo afirmar-se isoladamente. As cidades vêm-se projetadas nacionalmente ou internacionalmente com conceitos próprios que as distinguem, na grande maioria com intuito de atração turística, adotando diferentes estratégias “face ao controlo das interações e das práticas de rua” (Ferro, 2016: 173).

Em Portugal, “multiplicam-se as situações intermédias e os cruzamentos entre rural e urbano” (Lopes, 2000: 67). João Teixeira Lopes aponta que é na cidade que as modas são lançadas e, a partir daí, adquiridas pelos restantes locais. Também concorda com o facto de a oferta cultural das cidades ser maior, o que a torna mais atrativa para quem procura um local interessante para residir ou visitar. Mas é também nas cidades que se acabam por verificar conflitos e tensões, visto que, como foi dito anteriormente, a cidade torna-se um centro onde coexistem variadas culturas e, se estas conseguem obter resultados positivos desta mesma coexistência, também podem provocar antagonismos entre os seus protagonistas. Estes podem ser observados, em parte, nos modos de utilização do espaço público (Lopes, 2000: 67-68).

2.2. Cultura na cidade

“Deveríamos tentar criar ruas que não se limitassem a ser seguras, mas que fossem também «cheias de vida», ao contrário «das artérias de tráfego que, apesar de todo o seu movimento de veículos, estão vazias de vida»” (Giddens, 2013: 246).

A globalização é um processo presente na evolução e formação das cidades atuais, e com ela “novas dinâmicas sociais e culturais” surgiram. A cultura torna-se cada vez mais importante e começa-se a notar uma coexistência mais mesclada da arte no

cotidiano, levando assim alguns a afirmar esta época como o começo da era do pós-modernismo (Ferro, 2016: 36).

2.2.1. O papel da cultura nas cidades

Para Lopes, o “conceito de cultura é, desde os seus primórdios (mesmo até antes de ser conceito, tal como hoje epistemologicamente o entendemos) um poderoso excitante intelectual. Antes de mais, porque a cultura, como noção, permite densificar e fundar uma identidade: pessoal, social, nacional, étnica” (Lopes, 2007: 11).

A cultura faz parte do indivíduo, não é simplesmente algo que lhe possa ser adicionado como acessório. É através dela que nos identificamos enquanto indivíduos num espaço e tempo, que nos integramos ou dissociamos ou mesmo destacamos numa comunidade, que damos sentido à nossa própria existência (Lopes, 2007).

A revolução industrial trouxe consigo alterações na sociedade e nas suas dinâmicas. A produção em massa ajudou a criar uma sociedade de consumo, além de que se começaram a verificar melhorias nas condições de vida de grande parte da população, entre elas uma nova distribuição do seu tempo (Lopes, 2007). A integração dos indivíduos passou a ser processada por meio do consumo. Com a conquista de direitos por parte dos trabalhadores, o tempo disponível fora do trabalho aumentou e as pessoas começaram a dar importância ao lazer e tempos livres, sendo que estes se tornaram mais difusos. Como foi referido acima, para Fischer os gostos e interesses comuns passam a denominar a nova sociedade na criação de laços (Fischer, 1982). Contudo, verifica-se que “não há (...) práticas culturais gratuitas ou desinteressadas – todos são objecto de transacção e comércio” (Lopes, 2007: 31). Só atualmente se observa uma abertura maior na oferta cultural no sentido de trazer gratuitidade e proximidade à população local e visitante.

Paul DiMaggio tenta mostrar a relação entre a «estruturação dos campos culturais» e a «existência de redes de sociabilidade», e em como estas são relevantes para esse novo processo e reestruturação social. Ele analisa o modo de relacionamento das pessoas, como formam laços e contactos, utilizando a cultura como meio para esse fim, levando assim a que os interesses dentro da mesma sejam «causa e consequência de

interacção social e de mobilização de redes sociais». Os interesses culturais acabam por agir como filtros que os indivíduos utilizam para estabelecer a sua própria rede social (*apud* Lopes, 2000: 296).

O espaço público é por si acessível a todos, e encontra a sua singularidade, a sua identidade, pelo tipo de sociedade que o habita e o vive. Quanto mais aberta for a sociedade que o caracteriza, mais esse espaço irá ser acessível, e o contrário também se verifica. Todo um conjunto de práticas e relações dos que o usufruem, por quem olha e sente, faz parte da construção de uma cidade. A cultura demonstra possuir um papel fundamental no desenvolvimento social de uma comunidade, mas também o próprio público tem um papel essencial a desempenhar dentro da cultura. Desta forma, cabe ao público manifestar se está de acordo ou não, conforme ações realizadas nesse espaço e políticas aplicadas (Lima, 2015; Lopes, 2000, 2007). É ele quem aceita, rejeita ou critica os objetos culturais que lhe são apresentados, como ainda, através da sua interpretação e criatividade, produz uma nova obra. Caso esse objeto cultural não seja passível e seja objeto de indiferença, cai então no esquecimento e desaparece. Este público, ao contrário de especialistas de arte, efetua a sua análise a partir do seu gosto pessoal e não de diretrizes estéticas já estipuladas (Lopes, 2000, 2007).

Aqui se nota que os objetos culturais podem ter interpretações diferentes conforme o indivíduo que contacta. Tanto podemos observar resultados positivos/negativos tornando-o um fator de participação e comunicação entre indivíduos, como também podemos ter casos onde isto não se verifica e apenas causa indiferença, não tendo qualquer tipo de impacto nas pessoas. Nos casos em que se verifica essa indiferença, e quando os efeitos negativos se sobrepõem causando «vergonha e retração cultural», pode resultar numa anulação da sua «afirmação autónoma no jogo social» (Lopes, 2000: 55). Idalina Conde dá como exemplo as bienais de Vila Nova de Cerveira em que se pretendeu apresentar arte de vanguarda a um público culturalmente menos sensibilizado para obras com total liberdade artística, gerando equívocos e sentimentos contrários na população. Essas obras então apresentadas, sem nenhuma representação do cotidiano, foram recebidas como descontextualizadas, estranhas, inacessíveis ao entendimento popular (Lopes, 2000: 55).

Quem produz e programa a oferta cultural em determinado espaço, tem de ter em conta os riscos que pode correr quanto ao público com quem irá contactar. O espaço e tempo em que se efetua essa receção têm de ser bem pensados para atingir os melhores resultados. A cidade acaba por se tornar um bom local de experimentação para a concretização de diferentes contatos culturais devido às condições de vida melhoradas. Contudo, tem de se ter em atenção que indivíduos de camadas mais populares, com menor contato e diversidade cultural, podem sentir-se mais confortáveis e identificados quando determinada obra ou evento apresenta características aproximadas a outros eventos realizados dentro da comunidade, funcionando como um prolongamento da casa ou da rua e onde não sejam exigidas deles atitudes e ações convocadas para espaços elitizados (Lopes, 2000).

Um estudo realizado a seis cidades da região Norte de Portugal em finais do século passado revelou que, apesar de os novos públicos na cidade serem escolarizados, os mesmos não estavam familiarizados com as típicas manifestações culturais, de cultura erudita. A sua procura era maioritariamente efetuada por frações populacionais de classe média (Silva *et al.*, 1998). João Teixeira Lopes descreve esses novos públicos com as características de “eclectismo e polivalência em detrimento da especialização artística, juvenildade, valorização das sociabilidades, do lazer e da apresentação de si”, ou seja, um público interessado e a par da oferta cultural, participativo mas capaz de o ser ainda mais (Lopes, 2000: 81).

A ação dos poderes públicos no setor cultural é essencial, como forma de salvaguardar a sua continuação e preservação no contexto social, além de outras mais-valias que advém da sua intervenção. Lopes afirma que, desta forma, se podem garantir «condições de liberdade e de cidadania», apoiando e promovendo o funcionamento de produtos culturais específicos que de outra forma não conseguiriam sobreviver dentro de uma panóplia de ofertas economicamente mais influenciadoras, e que mais facilmente conseguem assegurar a sua permanência sustentando-se (Lopes, 2007: 59-60). Este tipo de políticas favorece o desenvolvimento das cidades no sentido de promover a criação e animação do espaço público, tornando-o mais diversificado e clarificando o tipo de cidade que se pretende apresentar à comunidade e ao mundo. A

relação com a comunidade é muito importante pois, tal como já foi referido no capítulo referente às cidades, vários autores apresentam os indivíduos destes espaços como muito abstraídos e indiferentes, e como tal, este tipo de ações auxiliariam a identificarem-se com a sua cidade, e imaginá-la, a praticá-la, a tornarem-se mais ativos (Lopes, 2007: 70-71).

Já há largos anos se concluiu que a cultura é, além de bem de consumo, um espaço onde os cidadãos formam a sua identidade cultural, a sua própria cultura, sendo que o consumo gera participação e vice-versa (Lopes, 2007: 83). Contudo a sua forma de atuação demorou a atingir o patamar atual. Inicialmente observava-se um apoio mais centrado no património edificado e a germinação de alguns equipamentos culturais, mas só se começaram a verificar alguns resultados a partir do momento em que a ação cultural passa a ser trabalhada no sentido ascendente, «a partir das necessidades e aspirações das populações» (Lopes, 2007: 84).

Começa-se então a observar um novo panorama na oferta cultural. Esta passa dos espaços fechados e muitas vezes elitistas para as ruas da cidade, para um contato direto com o público, por vezes sem qualquer tipo de mediação. Verifica-se também uma alteração nas relações entre públicos e instituições: onde antes havia uma relação simplista de clara distinção social, onde encontrávamos indivíduos mais ignorantes, desinteressados, que não se sentiam confortáveis com este tipo de espaços por os reverenciarem; passa-se a verificar uma relação mais profunda e complexa, onde as pessoas já são mais informadas e exigentes quanto à diversidade e qualidade dos equipamentos e serviços culturais (Lopes, 2007). As instituições têm agora um cuidado redobrado sobre os públicos que pretendem trabalhar e atrair, apresentando agora um modelo diferente, não apenas expositivo, mas facilitando a familiarização com as obras, promovendo a participação, aproximação e respeito pela utilização dos espaços e equipamentos culturais, estimulando a interpretação e discussão, ou seja, realizando um encontro balanceado entre a cultura e o público (Lopes, 2007).

Além destas mudanças, alguns aspetos que convém ter em conta no contexto cultural atual foram enunciados na obra de João Teixeira Lopes (2000). Estes apresentam ideias de criação de uma continuidade do tempo, onde o passado serve

como referência na produção do novo, não limitando apenas o registo cultural ao arquivo e património, mas tornando-os uma parte integrante e igualmente importante. Outro aspeto apontado, centra-se no apoio a associações, onde se verifica que o segmento de público alcançado costuma ser a classe popular, e ao se prestar também esse apoio a outras entidades, como as escolas, proporciona-se um alargamento do tipo de públicos, além de se estar igualmente a contribuir para a formação de novos. Ou seja, se houver um apoio público consciente em entidades que estão em contacto frequente com determinados públicos, poder-se-á combater a desvitalização do espaço público e criar interesses que levem as pessoas a sair da sua esfera doméstica (Lopes, 2000: 82). Além disso, está-se também a proporcionar a todos os segmentos de público, de igual forma, um contato com todos os tipos de oferta cultural, até mesmo aqueles que antes não se pensaria disponibilizar tão facilmente. Desta forma temos um consumo cultural para todos e livre de exclusões, onde seja preciso ser-se entendedor para apreciar ou saber interpretar um produto cultural (Lopes, 2000).

Outro aspeto que pode distinguir uma cidade é a sua política de intervenção. Conseguir efetuar uma participação generalizada de todos os atores, que a consolide enquanto cidade cultural, isto é, não se cingir apenas à criação de uma cidade para consumo turístico, para o exterior, e à produção maioritária de eventos em grande escala, que normalmente são para promoção turística ou consumo muito mais alargado que a própria cidade. Deve existir um equilíbrio no tipo de oferta de maneira a incluir todos quanto vivam e queiram viver a cidade, pois para se conseguir obter a verdadeira cultura de cidade – como refere João Teixeira Lopes – deve-se assistir a um enriquecimento dos modos de vida cotidianos e dos canais de comunicação, trabalhando assim para uma cidade viva onde as pessoas gostem de viver e com a qual se sintam identificadas e, ao mesmo tempo, deste modo, fazer com que a cidade se consiga autopromover (Lopes, 2000: 84).

Como já foi referido, é importante que os poderes públicos estejam ligados ao campo cultural de maneira a permitir que os diversos produtos tenham as mesmas oportunidades de contato com um público mas de maneira consciente. Contudo, tem de ter cuidado no seu percurso de intervenção para não cair na infelicidade de “usar” a

cultura a seu favor, para proveitos próprios, condicionando a oferta cultural e a forma como esta chega aos públicos. Isto é, tem de haver um apoio pensado e contínuo (principalmente na área da formação de públicos), visto que nem todas as atividades culturais trazem bons resultados financeiros, mas ainda assim são importantes para formação da cidade; ao mesmo tempo, procurar dar liberdade suficiente aos vários atores para que possam criar e evoluir sozinhos sem uma intervenção exagerada por parte autárquica (Lopes, 2000; Menéndez, 2017).

Muitas das culturas que já foram ou são emergentes resultam da atuação de grupos associativos, pelo que, estes são um dos grupos que merecem atenção e apoio: “Revitalizá-lo, dotá-lo de equipamentos (...), dignificá-lo (...), incentivá-lo a utilizar o espaço público (...) e a prestar determinados serviços culturais, torná-lo um agente efectivo de mediação entre obras e públicos (...)”. Em muitos casos, são estes que têm o contato mais direto com públicos que normalmente não consomem nem são atraídos pelos produtos culturais com tanta frequência, e sobre os quais existe um interesse na formação. Desta forma, está-se a contribuir para um alargamento de públicos, além de se criar uma relação mais próxima entre as pessoas e as obras e agentes, tornando assim a cultura acessível a todos (Lopes, 2000: 110).

Em suma, se se pretende ter uma cidade atrativa culturalmente, que se destaque e com a qual os seus habitantes e visitantes se sintam identificados, é importante atender à oferta e à procura. João Teixeira Lopes afirma: “Consolidando, diversificando, alargando, descentralizando e dessacralizando a primeira; formando e legitimando as várias expressões da segunda” (Lopes, 2000: 111). Conseguindo esse equilíbrio, essa aproximação complementar das duas, poderemos ver resultados positivos e duradouros, tendo sempre em atenção a necessidade de envolver todos os atores neste assunto e trabalhá-lo em todos os espaços de contato para realmente ter sucesso. Assim, além de se criar uma cidade diferenciadora, está-se também a fomentar a competição saudável entre cidades a variados níveis. Tal como já foi referido, a cultura define uma cidade, logo a imagem da cidade define-se pela forma como esta apresenta essa mesma cultura. E é a maneira de viver o espaço, a oferta que ele apresenta, que o vai ajudar a distinguir-

se no meio de tantas outras, a tornar-se um ícone a seguir (Lopes, 2000; Menéndez, 2017).

2.2.2. Arte urbana e espaço público

Nos últimos anos observou-se uma alteração na relação entre público e arte. Verificou-se não só uma aposta maior na oferta cultural, no número de iniciativas e eventos, alargamento de estruturas e espaços dedicados à arte, como também uma saída da arte à rua, um espaço mais acessível a todos. Além de eventos nos locais habituais, passamos a ter mostras a ocorrerem nos mais variados lugares do espaço público, a criação de eventos espontâneos e efémeros, recurso a equipamentos móveis e reutilização de locais alternativos que outrora não seriam passíveis de produção e difusão artística e cultural. A cidade renova-se constantemente e as pessoas estão em contato constante com as diversas formas de arte e cultura e com os agentes criativos, todos se conectam (Benedetti, 2012; Ferro, 2016; Lopes, 2007).

Benedetti afirma que existe uma necessidade de difusão da arte neste campo, apontando que o espaço público se tem tornado “cada vez mais o centro das atenções através de novos projectos e de novas teorias”, além de ser um espaço promissor no que toca à sua transformação e adaptação para contexto expositivo de ações artísticas (Benedetti, 2012: 75).

Outra das razões pela qual se verifica atualmente um maior acesso à arte, pode estar relacionada com a recuperação de uma identidade perdida, visto que, tal como abordado no subcapítulo “Cidades e vida urbana”, o crescimento das cidades ao longo dos tempos vai alterando a perceção da mesma. As intervenções artísticas nas cidades têm-se tornado um elo cada vez mais importante no que toca aos atributos locais de um espaço. Nota-se nelas uma preocupação em interagir com o local onde estão instaladas, seja com o intuito de questionar ou contestar políticas e ideologias, ou pretendendo adicionar novos significados e experiências ao espaço e comunidade. Verificou-se assim a criação e importação de um novo património cultural e que pretendia criar novos modelos de governo, que se resumia à produção de arte e reprodução de novos valores de ordem macroeconómica. Por outras palavras, vemos produções artísticas a serem

utilizadas como meio para legitimar políticas urbanas que defendem a recuperação e promoção do espaço urbano e ainda como uma forma de intervenção a pensar nos cidadãos e nos seus interesses. Dá-se assim o aparecimento de um novo modelo na arte, localizado e típico do espaço público, ao qual se designou Arte Pública (Costa, Guerra, & Neves, 2017; Menéndez, 2017).

A Arte Pública é, ainda assim, um conceito bastante generalizado, sendo que são apresentadas outras definições enumeradas por Menéndez e que, atualmente, designam setores específicos dentro deste tipo de arte: “Street art, art in the city, urban art, context art, site-specific art, public locations, public space design, environmental art, landscape art, contemporary public sculpture, mural art, art: names as they appear ornamental, commemorative art, multimedia art, community art, art therapy, art heritage, political art, public art critic, art public interest or new genre public art” (Menéndez, 2017: 21). Propomo-nos explorar no presente subcapítulo aquela que normalmente é denominada de Arte Urbana ou Street Art e cuja principal característica é o seu caráter bastante efémero no espaço público. No caso do Porto, enquanto a Arte Pública (considerada mais ligada à estatuária e objetos mais perenes) é da responsabilidade do departamento de Cultura da Câmara Municipal; os assuntos relativos à Arte Urbana são tratados por uma empresa municipal (a Porto Lazer)³ (Campos, 2010; Costa & Castro, 2017).

O espaço público é definido por quem vive e sente a cidade, estando esta sujeita a dois grandes fatores, à forma como as pessoas se interrelacionam, o grau social, e que perceção têm do espaço vivido, do simbolismo do espaço (Oliveira, 2015: 232). Daí se mostrar que as intervenções artísticas têm um papel importante nesse sentido, em parte devido à crescente conotação que o espaço público tem no cotidiano dos indivíduos que tem estilos de vida mais sociáveis; ao progresso académico nas áreas das artes, com maior abertura artística e promovendo também contribuições comunitárias; à crescente sensibilização por parte dos poderes públicos da importância a nível social, económico e cultural destas ações como também da sua utilidade para o desenvolvimento urbano; à crescente participação dos públicos na produção cultural, à procura deste tipo de

³ Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

atividades, aos movimentos a favor da liberdade artística e de expressão (Costa, Guerra, & Neves, 2017: 10).

A utilização do espaço público como espaço expositivo e museológico evoca um processo de contextualização, onde a sua utilização tem de ser pensada de forma a conseguir a sinergia perfeita entre o local e a obra, tornando-o também no lugar ideal de apresentação e contato com os visitantes (Benedetti, 2012: 76). Sendo que todo o processo tem de fazer sentido, nada é feito ao acaso pois está sempre condicionado a fatores como a morfologia urbana, as culturas e subculturas já existentes, as condições socioeconómicas e outras, é óbvio que essas produções irão ter algum tipo de impacto no meio, seja ele social, cultural, económico, políticos, ou outro. Qualquer que seja o impacto, esse far-se-á sentir pelos diferentes atores envolvidos no processo e mesmo na própria região/cidade (Costa, Guerra, & Neves, 2017: 10).

Por vezes, a referência de uma obra pode não estar explícita ao observador. Contudo, este tipo de arte pode produzir um efeito mobilizador e participativo, ao envolver um conjunto alargado de indivíduos, desde o profissional ao mero cidadão. Estas produções, talvez pelo seu próprio papel efémero, acabam por criar relações entre diferentes envolvidos originando diferentes planos de ação. E é desta forma que se acaba por construir um discurso, uma representação no espaço público, em que este é vivido de acordo com a ideia que cada indivíduo absorve e explora, dando o seu significado à cidade que vive. Daqui podem resultar, tal como tem acontecido em vários momentos da história, ações de transgressão, de demonstração contrária de expressão, de choque da diversidade de identidades existentes num mesmo espaço (Campos, 2010; Costa, Guerra, & Neves, 2017; Oliveira, 2015; Tuttolomondo, 2017).

O *graffiti*, apesar de uma expressão artística associada ao vandalismo, vê-se atualmente inserido na Arte Urbana, assumindo agora novas formas e técnicas de atuação. Segundo Ricardo Campos, “esta actividade, nas suas diferentes expressões, expõe a capacidade dos actores individuais e colectivos para actuarem na cidade, adornando-a, agitando-a, conferindo-lhe significado” (Campos, 2010: 77). Tendo-se iniciado em moldes ilegais, com um cunho bastante próprio e territorializada, ao longo

do tempo e contato consolidou-se como símbolo visual no universo juvenil e ainda como bem de consumo (Campos, 2010).

Desde o seu surgimento foi suscitando interesse no campo artístico “enquanto objecto susceptível de transportar qualidade estética”, devido ao tipo de espaços que utilizava para se representar, às técnicas, os materiais. Mostrava-se como um formato visual inovador, que fugia aos modelos académicos, algo novo e diferente no período contemporâneo. Mesmo praticado no contexto da ilegalidade, o interesse mantinha-se e várias foram as tentativas de assimilação desta prática no campo das artes (Campos, 2010: 98-99).

Em Portugal verificou-se uma linguagem em recorrente aperfeiçoamento estético, sendo que alguns viam imenso potencial artístico no *graffiti*. E aqui se começou a observar uma ramificação desta atividade onde era explorada a forma estilística da mesma, no sentido de a trabalhar profissionalmente no campo das artes. É esta variante do *graffiti* que é explorada na Arte Urbana, na sua produção visual e estilística, realizada num processo externo às academias e de liberdade criativa, ou seja, promovendo a democratização no acesso à arte. Ao contrário da cultura cultivada, temos esta nova arte inserida na cultura de massas, presente para todos na rua tendo por base o dia a dia e o próprio espaço público. Esta é uma forma artística bastante dependente das trocas comunicacionais globais e das novas tecnologias para conseguir uma maior difusão. Outro aspeto interessante desta é a sua permeabilidade e evolução a nível de materiais, técnicas e estilos utilizados, o que a torna tão próxima das artes plásticas (Campos, 2010).

“O *graffiti*, no fundo, é a expressão contemporânea de uma comunicação no espaço público que adquiriu contornos variados ao longo da história, apropriada por personagens com intentos e procedimentos distintos. A descrição mais elementar remete o *graffiti* contemporâneo para uma longa genealogia de elocuições interditas e subversivas que tomam a cidade como alicerce material para o discurso” (Campos, 2010: 105).

Esta atividade apresenta-se cada vez mais universal e acessível, no sentido em que a relação com a mesma se torna mais facilitada, consegue promover mais trocas e

intercâmbios. Essa abertura foi possível “através do reconhecimento institucional, da comercialização ou da conversão artística”. O facto de entidades privadas e públicas se interessarem pela arte urbana e promoverem e apoiarem a organização de eventos ligados a esta temática, de tentarem incluir obras no circuito comercial e artístico, de promoverem os artistas dentro do mundo publicitário e decorativo, auxiliou em muito a dispersão e aceitação deste tipo de arte (Campos, 2010: 121-122).

A arte urbana vive do e para o espaço público. E é nesse local que pode trazer diferença e conectar-se com quem nele passa. Normalmente, as pessoas pelas suas rotinas aceleradas, desligam-se e tornam-se indiferentes ao que as rodeia, familiarizando-se com todos os estímulos constantes que a cidade lhes proporciona, praticando sempre o mesmo percurso sem expectativas. E é aqui que a arte urbana se consegue inserir com a possibilidade de provocar diferença, seja ela positiva ou negativa, alterando a perspetiva dos espetadores e causando algum tipo de sentimento e dando azo a interpretações. O indivíduo passa agora a percorrer a cidade revivendo-a, redescobrimdo-a, formando uma nova imagem da mesma (Campos, 2010).

A cidade está em constante mutação, os edifícios surgem, desaparecem, restauram-se; os objetos urbanos renovam-se, descartam-se; a publicidade está sempre a surgir em cada espaço; as ruas vão renovando os seus ciclos de vida. Portanto é um espaço de constante criação e produção, rico de significados e sempre passível de descoberta. E, tal como já se referiu, numa altura em que a procura de uma identidade está vincada, a arte urbana pode ajudar a recriar essa imagem, esse simbolismo perdido, criado por um indivíduo ou coletivo com o intuito de comunicar visualmente com os outros aos mais variados níveis. Além disso, a sua construção é efetuada de forma a tornar reconhecíveis os elementos figurados apesar da constante inovação, e ainda permite uma liberdade de interpretações e facilita a sua apreciação (Campos, 2010).

Esta atividade existe para o espaço público e os seus intervenientes e, apesar da sua efemeridade, tem-se conseguido salvaguardar de outras formas, mantendo e alargando o seu legado a um universo cada vez maior de indivíduos, graças aos media e intermediários ligados à cultura que contam e reproduzem em imagens e palavras esse legado, permitindo que este se transfira para diferentes suportes físicos e digitais que

acabam por se dispersar pelos vários cantos do mundo. E ao efetuar isto, retira em parte o selo de perenidade que antes a obra possuía. O mesmo tem acontecido com novas práticas de salvaguarda do património e cultura. Desta forma, a arte urbana nunca é igual, e consegue ter sempre espaço e oportunidade para a inovação de que tanto vive, sem o receio de ser completamente excluída pela indiferença ou rejeição (Campos, 2010: 265).

Capítulo 3 – Arte urbana no Porto: perspetivas

Quando discutimos arte urbana na cidade do Porto, a vertente da arte urbana que se procura explorar neste estudo é aquela mais direcionada para o *graffiti* e as suas diferentes técnicas. Vamos, desta forma, ao encontro da Circus (entidade acolhedora do estágio da autora do presente relatório) que percebeu a necessidade de se explorar mais este campo. O *graffiti* é uma expressão bastante utilizada pelos artistas urbanos com quem a Circus colabora, além de se tratar do formato artístico que mais chocou com o governo local, em grande parte pela proliferação das típicas assinaturas (*tags*) (Castro, 2014).

Para o estudo recorreu-se ao inquérito e à entrevista semiestruturada. O inquérito foi realizado durante o mês de Junho de 2017, tendo sido enviado por email eletrónico a estudantes de doze das catorze faculdades da Universidade do Porto. A decisão de especificar mais a amostra surgiu em seguimento da conferência Porto do Futuro, realizada em 2017 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde a figura de destaque era o Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira. Além de outros pontos discutidos nessa sessão, aqueles que se distinguiram pelo interesse para este trabalho foram a afirmação de que o Porto era um local de passagem, trabalho e estudo para uma percentagem de pessoas bem maior do que a dos seus habitantes, sendo que Rui Moreira considerava então que a cidade não poderia ser pensada unicamente para os seus residentes, teria de ver o plano maior. Tendo noção da situação atual da cidade e dos seus intervenientes, Rui Moreira referiu que o seu objetivo era trabalhar no sentido de o Porto, além de uma cidade segura para os mais velhos, ser igualmente uma cidade interessante e com uma oferta cultural acessível aos mais jovens. Este último ponto foi aquele que fixou a atenção, pois Rui Moreira mostrou que a oferta cultural era necessária para tornar o Porto uma cidade mais completa e tinha a noção que grande parte dos seus consumidores eram jovens estudantes (ou a acabarem de se formar) que futuramente se poderiam fixar no Porto (Moreira, 2017).

Quanto às entrevistas realizadas, efetuou-se primeiro uma recolha dos possíveis entrevistados, tendo seguidamente entrado em contato com todos via email e

requerimento escrito, no caso da Câmara Municipal do Porto. Manifestou-se a preferência para que a realização das entrevistas fosse presencial. Mas deu-se a possibilidade de responder por escrito nos casos de dificuldade de agendamento. Considerando o prazo disponível para a realização deste estudo e apesar de se pretender falar com alguns departamentos da Câmara Municipal, apenas foi conseguida uma reunião com a Porto Lazer, que mostrou toda a disponibilidade em responder. Os artistas entrevistados amavelmente aceitaram ceder o seu tempo, para que se pudesse discutir sobre a temática, além de sugerirem outros artistas que julgavam poderem estar interessados e cuja comunicação pudesse ser mais acessível, pois têm-se a noção de que não é fácil chegar a muitos deles por não se sentirem confortáveis, quer com o facto de cederem uma entrevista, quer falar com um desconhecido que os contacta diretamente.

Os investigadores escolhidos foram a Professora Doutora Lúcia Ferro, primeiro porque após a leitura de vários trabalhos da mesma e tendo conhecimento que era docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pareceu ser uma oportunidade ótima para aprender mais e obter uma perspetiva mais académica; e o Professor Doutor Heitor Alvelos por sugestão e igualmente leitura de bibliografia, pois apesar de não se encontrar a fazer investigação exatamente sobre este assunto específico, possuía conhecimentos dentro da área da arte urbana que poderiam ser explorados, sendo igualmente uma oportunidade de absorver saberes.

As entidades contactadas são entidades com sede no Porto, e foi exatamente por essa razão que se decidiu que se deveriam incluir neste estudo. O facto de possuírem esta localização, leva a que tenham um contacto mais frequente, quer com artistas, quer com o público, e ainda com a Câmara e/ou com a empresa municipal quando necessário. Logo encontram-se numa posição privilegiada para nos ajudar a compreender melhor a cidade nos últimos anos, a evolução da arte urbana, entre outros. E sendo também parte interessada no desenvolvimento desta arte no Porto, entendeu-se ser pertinente ouvi-los.

3.1. Arte urbana no Porto – uma análise

A arte urbana tem sido uma atividade muito estudada no campo das ciências sociais, principalmente dentro da antropologia e sociologia, sendo ainda avaliada na

área das artes como movimento artístico estruturado. Um aspeto relevante que tem sobressaído nos estudos mais recentes é a ligação destas atividades ao exercício de cidadania, da participação na vida urbana (Tuttolomondo, 2017: 84). Esta atividade demonstra grande versatilidade nos mais variados campos, podendo ter-se como um produto e atividade cultural multidisciplinar, atuando nos campos social, económico, cultural e outros. A arte no espaço público não é algo que existe apenas fisicamente. Ela desenvolve uma relação com todo o espaço e ambiente envolventes, criando alguma forma de conexão, procurando contextualizar-se. E grande parte é efetuada no decorrer do processo artístico (Lupinsek, 2017: 101). Esta noção é percecionada por alguns dos entrevistados, considerando ser uma arte que deveria ser apoiada e utilizada em todo o seu potencial.

Mas para além do espaço público, e apesar de a arte urbana ser maioritariamente apresentada neste espaço, observa-se também um aumento do número de artistas urbanos a apresentarem os seus trabalhos em galerias. O mesmo se sucede por parte de museus em que se vê um interesse crescente neste tipo de arte (Puscasiu, 2017). Em termos temporais, já nos anos de transição dos anos 1970 para anos 1980 vários *writers* apresentavam trabalhos seus em galerias nova-iorquinas de renome, o que atraiu bastante atenção dos meios de comunicação nacionais e internacionais. Neste ponto, Melo aponta que as galerias possuem um papel relevante no sistema da arte contemporânea, sendo-lhes atribuída importância económica e cultural, pois são os locais de mostra e promoção dos artistas e dos seus trabalhos, e é principalmente a partir delas que estes são comercializados (Melo, 1999: 23). No Porto existe a Galeria da Circus Network dedicada à arte urbana e ilustração desde 2014, que organiza diversas exposições individuais e coletivas ao longo do ano, apesar de já em anos anteriores a organização realizar exposições noutras galerias e espaços da cidade, no sentido de dar a conhecer os vários artistas urbanos e aproximá-los de possíveis interessados; e também por parte da autarquia se observa a organização de exposições, como por exemplo a

realizada no edifício AXA em 2014, com o evento Street Art AXA⁴ que se mostrou muito recetivo em termos de adesão do público (Costa & Castro, 2017).

Foi com esta transição do *graffiti* para tela, tornando-se um produto de consumo com valor artístico, que conseguia por vezes alcançar valores substanciais no mercado de arte, que abriu caminho para uma possível profissionalização, atraindo muitos *writers* a prosseguir uma carreira artística, e solidificando o seu espaço no campo das artes. Com isto percebeu-se “que havia espaço para as expressões visuais desta cultura urbana ingressarem nos circuitos oficiais, sendo acolhidas como manifestações estéticas credíveis” (Campos, 2010: 99), deixando de estar exclusivamente associado ao vandalismo jovem, algo recentemente estudado por Lígia Ferro que demonstra que esta atividade possui atualmente um espectro alargado no que toca à faixa etária (2016). Ana Castro, para a sua dissertação de mestrado construiu uma base de dados de *writers* portugueses, e concluiu que mais de metade deles optou por seguir o percurso artístico profissional, e ainda que grande parte dos artistas urbanos do Porto demonstrava um interesse maior pelo *graffiti* na sua variante artística e não no seu uso como causador de vandalismo (Castro, 2014).

Sendo apresentada em espaços fechados ou no espaço público, a arte urbana apresenta igualmente características da arte no geral. Quer-se com isto dizer que ela consegue proporcionar uma experiência social, que neste caso tem a oportunidade de ser apresentada a um público mais alargado e diversificado, podendo criar uma possibilidade maior de sociabilidade entre indivíduos e ser gerador de diálogo (Vaz-Pinheiro, 2012). Para Vaz-Pinheiro, estas formas de interação podem ser “consideradas como metodologias artísticas relevantes”, equivalendo ao processo de envolvimento do indivíduo na experimentação da arte, pois gera participação e interpretação (Vaz-Pinheiro, 2012: 14). A entidade BECUH⁵ concorda com esta afirmação acrescentando que ao contrário de outros tipos de arte, a arte urbana consegue ter uma proximidade maior com as pessoas, e como tal, deveria ser colocada à disposição destas, ajudá-las a

⁴ Informação obtida por entrevista presencial ao artista Godmess, a 11 de Julho de 2017; e por entrevista por email a Ana Castro e André Carvalho, a 7 de Setembro de 2017

⁵ Informação obtida por entrevista presencial aos artistas Godmess e SEM, a 11 e 21 de Julho de 2017

criar laços e conexões com a arte urbana e a cidade, interpretando as obras à sua maneira.

Quer pelo seu caráter artístico e maioritariamente ilegal – estando muito relacionado com a desordem, algo que uma cidade não pretende –, o *graffiti* começou a ser institucionalizado, passando a ser incluído nas agendas culturais das cidades como uma forma de controlo e ao mesmo tempo promoção. Também a indústria se apercebeu dos usos que esta expressão poderia ter e, em parte, é-lhe atribuída a razão pela qual o *graffiti* foi “perdendo o seu caráter autónomo de produção”, podendo muitas vezes ser verificado o recurso a esta arte pelas agências de publicidade e de eventos (Ferro, 2016: 49-50).

Atualmente (setembro de 2017), pode-se verificar na cidade do Porto este modelo de atuação: Em contraste com o Presidente da Câmara Rui Rio que afirmava uma postura hostil face ao *graffiti* e uma ação intensiva de limpeza da cidade, procurando trazer ordem ao espaço público; observa-se no Presidente que o sucedeu, (Rui Moreira), um mandato de consciencialização e promoção da arte urbana, mantendo uma limpeza mais seletiva das peças dispostas pela cidade. No ano de 2014, verificou-se a criação de um programa dedicado à arte urbana pela empresa municipal Porto Lazer⁶, que tem a seu cargo a programação dentro desta área e que conta com 79 intervenções em espaço público até à data (Porto Lazer, 2017a). Contudo, o controlo do *graffiti* ilegal está a cargo do Departamento Municipal do Ambiente e Serviços Urbanos, sendo este responsável pela limpeza das peças pelas ruas da cidade, e nesse pressuposto, igualmente quem decide quais peças podem permanecer um pouco mais nos seus locais.

Ferro aponta que o modelo de cidade limpa, idealizando a rua neutra, pode atrair um tipo específico de fluxo turístico, e deu os exemplos que estudou das cidades de Barcelona e Nova Iorque, que se encontram com um grau de turismo cada vez mais massificado. Acrescentou ainda que estas são cidades “repletas de *franchisings* e regidas por uma lógica de consumo massificado” (Ferro, 2016: 172). Em contrapartida, várias são as cidades que possuem políticas de apoio ao *graffiti*, legalizando locais específicos

⁶ Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

para essa atividade, além de organizarem e apoiarem atividades relacionadas com a mesma. Revela que as cidades de Berlim e Lisboa, além do *graffiti*, alargaram o seu leque de apoio a mais formas de cultura urbana. Sobre Berlim, a autora refere que é “umas das cidades mais atrativas a nível europeu para os amantes das culturas urbanas”, sendo um ponto de convergência muito importante dentro da mobilidade internacional (Ferro, 2016: 173). O Porto parece seguir os passos das duas últimas, apesar de que, para se tornar uma cidade como estas, ou por assim dizer, conseguir tornar-se uma cidade chave no circuito internacional, a maioria dos entrevistados⁷ deste estudo concordam que ainda está muito atrasada e que necessita de mais trabalho nesse sentido. Todos acreditam que existam condições para que no futuro isso possa acontecer mas que esse processo se desenrola lentamente. A própria Porto Lazer⁸ tem consciência disso mas acredita que estão a caminhar nesse sentido com segurança, mesmo que devagar. E pode ser que isso faça a diferença.

Para Castro, a cidade do Porto condiciona muito mais estatutária e escultura do que intervenções artísticas urbanas. Considera que estas últimas, através da sua realização, das referências e usos provocam mais impacto e mudanças. Essas acontecem não apenas na apresentação de “elementos de valor artístico e estético”, mas no que toca à transformação da cidade e da sua identidade. Considera que a cidade ainda possui “muito espaço físico e cultural” para uso desta (Castro, 2015: 27). Existe um consenso geral por parte dos entrevistados que o número de projetos não é suficiente na cidade e que existem muitos espaços na cidade que poderiam ser intervencionados, sejam paredes ou objetos urbanos, por exemplo. A Circus Network⁹ afirma que, quando organizaram o evento Push Porto 2014, vários locais foram desbloqueados para poderem ser intervencionados e alguns só não o foram por falta de fundos. Acrescenta

⁷ Informação obtida por entrevista por email aos artistas Fedor e Veshpa, a 7 de Julho e 6 de Setembro de 2017; por entrevista presencial aos artistas Godmess, Mesk e SEM, a 11, 13 e 21 de Julho de 2017; por entrevista presencial a João Kendall, Lígia Ferro, a 30 de Junho, 19 de Julho de 2017; por entrevista por email a Ana Castro e André Carvalho, a 7 de Setembro de 2017

⁸ Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

⁹ Informação obtida por entrevista por email a Ana Castro e André Carvalho, a 7 de Setembro de 2017

ainda que esses locais continuam disponíveis, o que mostra que a cidade ainda tem espaço para acolher projetos.

3.1.1. A relação da arte urbana com a cidade

Camadas de informação e expressão são materializados através do *graffiti* e dos seus derivados e acumulam-se nas paredes, públicas e privadas. Estas compõem a cidade, por vezes sendo um incómodo para aqueles que preferem a limpeza e defendem o direito de propriedade. Estes elementos conjugam-se para formar uma estrutura visual urbana, pois ajudam a definir a estética de uma cidade em conjunto com todos os outros componentes que podemos encontrar nesta, publicidade, objetos urbanos, veículos, etc. Souza afirma que a produção de imagens se realiza através de uma dinâmica de interação, procurando contextualizar a sociedade no espaço onde a própria imagem se insere (Sequeira, 2017; Souza, 2017: 113).

Na cidade, o poder político e económico acaba por reger a ordem, apontando “regras de comunicação” e estética, enquanto ocupa os locais autorizados para exposição com mensagens visuais. Os poderes oficiais criam regulamentos sobre o conteúdo e os espaços onde atuam no sentido de obter uma cidade organizada, mas que, na perspetiva de Campos, é “uma forma de controlo do espaço comunicacional”. Os poderes oficiais tentam tomar controlo sobre o território, na perspetiva de desenvolverem um determinado tipo de cidade, conforme a pensaram, projetaram. Ainda assim, dificilmente se possui controlo total sobre esta, pois ela é habitada por pessoas que também a vivem e, eventualmente participam dela de maneiras distintas, por vezes contraditórias ao “estipulado” (Campos, 2010: 213).

Ferro aponta que as cidades que pretendem seguir o perfil de cidade acolhedora para o turista e visitante, são cidades onde costumam ser aplicadas medidas de controlos das práticas de rua por parte das administrações municipais. A autora refere que as grandes cidades do Ocidente investem cada vez mais no setor dos serviços, maioritariamente na área do turismo, e que é esse fator que leva à introdução de medidas como as discutidas anteriormente. O *graffiti* acaba por fazer parte do grupo de práticas de rua que se pretendem controlar. Ferro aponta ainda que a tensão existente

entre as medidas impostas e a forma como os indivíduos vivem a rua a partir desta prática resulta numa discussão interessante e necessária para saber mais sobre o desenvolvimento das práticas de rua nas cidades atuais (Campos, 2010; Ferro, 2016).

De uma forma geral, é difícil existir consenso, dependendo de variantes como por exemplo o gosto pessoal de quem avalia. O *graffiti* pode ser classificado como feio, vandalismo, obsceno por uns e “uma forma de arte, de reivindicação política, de cidadania e liberdade ideológica” por outros (Campos, 2010: 78). Estas opiniões podem partir dos dois lados e podem resultar em reações variadas por parte institucional, desde termos atitudes de desinteresse, tolerância, ações repressivas e ações de promoção através de iniciativas. Tuttolomondo aponta Lisboa como um caso de atitude mista, onde tanto se podem encontrar políticas repressoras como a promoção por determinadas instituições (Campos, 2010; Tuttolomondo, 2017: 86). Neste caso, Campos aponta que há poderes públicos que ao mesmo tempo que tentam combater as iniciativas resultantes de vandalismo, procuram “controlar” o *graffiti* institucionalmente levando-o para galerias e espaços municipais, além de o tentarem incluir no planeamento urbano legalmente (Campos, 2010).

No decorrer das entrevistas surgiu a questão da limpeza das ruas da cidade pelos poderes municipais que, à primeira vista, parece um pouco confusa, e, como tal, procurou-se perceber qual a opinião dos entrevistados sobre o assunto, tendo obtido conclusões interessantes. A opinião geral é que, se há critérios, os mesmos não seguem os parâmetros de avaliação artística supostos. Alguns acabam mesmo por apontar que os critérios que possam existir baseiam-se no simples gosto pessoal de quem atua na limpeza. Parte dos entrevistados diz ter uma noção base dos critérios, tudo partindo da sua observação e análise diária das ações de limpeza. Apontam que letras, mesmo que possam estar bem executadas, são entendidas como peças a eliminar, e que por norma o que é aceite são personagens e figuras esteticamente apelativas. O artista Mesk¹⁰ pensa que o facto de as letras serem apagadas seja talvez pela sua ainda associação à prática de vandalismo, logo não são bem aceites. Há entrevistados que se queixam de uma

¹⁰ Informação obtida por entrevista presencial ao artista Mesk, a 13 de Julho de 2017

(eventual) arbitrariedade com que as peças são apagadas. Lígia Ferro¹¹ afirma: “eu acho que tem havido alguma aleatoriedade mas tem que deixar de existir (...) estes serviços de limpeza são caros (...) não pode ficar dependente do trabalhador chegar ali (...) não limpar isto porque acha bonito e limpar uma coisa porque acha que é feia. (...) Portanto, temos que ter aqui algum cuidado e também algum profissionalismo”.

A Porto Lazer¹² foi questionada sobre este assunto no sentido de perceber se, enquanto órgão responsável pelo programa da arte urbana, teria alguma influência na definição de critérios que pudessem auxiliar nas ações de limpeza da arte urbana ilegal. Sobre isso informaram que apenas possuem autoridade sobre peças que forem objeto de encomenda por parte da empresa ou que tenham sido realizadas através de pedido de licenciamento, tendo assim permissão para se manterem. Qualquer peça fruto de atividade sem ligação à Porto Lazer, não está sob a sua autoridade, logo não podem fazer nada sobre o que lhe possa acontecer.

Em alguns casos em que a arte urbana é ilegal, as autoridades responsáveis têm em consideração a opinião dos cidadãos e acabam por optar em preservar determinada peça pelo seu simbolismo. Puscasiu afirma que esta situação é passível de acontecer mesmo em cidades com baixa tolerância a estas atividades, e que isso prova que uma peça bem executada pode sobrepor qualquer barreira (Puscasiu, 2017: 128). Lopes defende a importância no desenvolvimento de “uma estratégia de suporte à participação cultural”, indo além dos circuitos fechados, apoiando igualmente o desenvolvimento de parcerias, numa tentativa de envolver os diversos intervenientes interessados (Lopes, 2007: 62).

Os *writers* que atuam nas cidades não veem todos os espaços existentes como espaços passíveis de intervenção. Eles são seletivos e possuem ideias específicas de atuação sobre os diferentes espaços, dentro da atividade. E há ainda parte deles que perspetiva a atividade de outra forma que não através do vandalismo. Estes procuram seguir a via profissional com recurso ao *graffiti* e esta é-lhes proporcionada através de oportunidades de trabalho no campo cultural (Ferro, 2016). Através deste processo, a

¹¹ Informação obtida por entrevista presencial a Lígia Ferro, a 19 de Julho

¹² Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

arte urbana tem-se desenvolvido cada vez mais nas cidades, com recurso e apoio de trabalhos comissionados e com a permissão e legalização de espaços.

Contudo, há quem veja isso como limitador para o artista, pois este acaba por ter de seguir certas regras, como apresentar um esboço do trabalho a executar, trabalhar sob determinado tema, etc. Campos concorda com esta consequência, no sentido em que os *writers* perdem “o poder de usarem livremente a sua voz e as suas imagens na cidade” (Campos, 2010: 135). Ainda assim, é certo que existem benefícios que não se podem descurar, como a garantia da longevidade da obra, menor pressão e mais tempo para a execução, entre outros (Puscasiu, 2017: 130). Contudo, Campos refere que os trabalhos comissionados costumam comparar-se a atividades pontuais, e que por vezes a remuneração não é suficiente, podendo inclusive o trabalho ser pago em material (Campos, 2010). Numa entrevista dada ao jornal digital Jornalismo Porto Net, o artista Mr. Dheo considera que “o projeto de arte urbana não está a ser bem conduzido” no Porto, pela Câmara. Aponta ainda que os concursos públicos não valorizam os artistas, além de serem uma forma de trabalho mais barato, e que os artistas querem uma oportunidade e por causa disso acabam por concorrer. Ainda assim não tira completamente o mérito pois nota o desenvolvimento da arte urbana na cidade (Afonso, 2016).

Apesar destas opiniões, e para ter uma ideia da situação na cidade do Porto em relação a projetos realizados, procurou-se saber se os artistas procuravam colaborar com a autarquia e entidades privadas com candidaturas de propostas ou se participavam nas que eram propostas por estes espaços. Praticamente todos os artistas entrevistados afirmaram nunca terem apresentado propostas aos poderes autárquicos; apenas o artista Godmess¹³ afirmou enviar propostas e ideias com alguma frequência. Contudo, a participação em projetos e concursos camarários e mesmo de outras entidades parece ser constante, também alguns deles têm participado fora do Porto. Neste ponto, o artista Fedor¹⁴ referiu que a Circus Network tem-se mostrado essencial no desenvolvimento da arte urbana na região norte de Portugal.

¹³ Informação obtida por entrevista presencial ao artista Godmess, a 11 de Julho de 2017

¹⁴ Informação obtida por entrevista por email ao artista Fedor, a 7 de Julho de 2017

Sendo que os poderes públicos também podem e costumam colaborar com entidades privadas, questionou-se da mesma forma as três entidades portuguesas. Das três, a Circus Network¹⁵ foi a única que confirmou já ter apresentado propostas à autarquia afirmando que algumas foram bem sucedidas, outras nem tanto. Ainda assim tanto a Circus como o BECUH¹⁶ já trabalharam com a Câmara em alguns projetos. No caso da Porto Walls Forever¹⁷, afirma que os processos burocráticos são demasiados e que devido a isso ainda não pensou apresentar alguma proposta.

Hoje em dia podemos observar uma variedade de iniciativas ligadas à arte urbana, grande parte organizada pelas autarquias. Estas podem ir desde concursos, workshops, exposições, visitas guiadas, entre outros. Essas atividades têm sido desenvolvidas tanto como forma de combater o vandalismo como de promoção e dinamização desta arte pelos locais e visitantes. Mas um aspeto interessante adotado é o do uso da mesma para criar laços com a comunidade e sentimento de identidade para com a cidade, além de apoiar comunidades específicas em zonas mais sensíveis, como no caso do Rio de Janeiro. À semelhança de algumas ações verificadas um pouco por todo o mundo, Ferro retrata a experiência vivida no Rio de Janeiro, onde o *graffiti* é utilizado no resgate social, como uma forma de intervenção em contextos sociais mais desfavorecidos, e que vem reforçar esta faceta positiva da atividade, e diferentes dinâmicas de atuação (Ferro, 2016: 134). Ferro também observou esse recurso à arte urbana como ferramenta social nos Estados Unidos, onde se podia notar todo um planeamento de forma a reforçar o apoio e envolvimento das comunidades (Ferro, 2016: 81). Em entrevista com esta autora¹⁸, ela prevê que ações idênticas na cidade do Porto poderão ser bastante benéficas.

Em Portugal, o exemplo mais marcante de mudança no panorama da arte urbana é o de Lisboa. Em 2008, a Câmara Municipal de Lisboa decide alterar a sua estratégia relativamente ao *graffiti* e, ao mesmo tempo que aposta em medidas de limpeza, investe

¹⁵ Informação obtida por entrevista por email a Ana Castro e André Carvalho, a 7 de Setembro de 2017

¹⁶ Informação obtida por entrevista presencial aos artistas Godmess e SEM, a 11 e 21 de Julho de 2017

¹⁷ Informação obtida por entrevista presencial a João Kendall, a 30 de Junho de 2017

¹⁸ Informação obtida por entrevista presencial a Lígia Ferro, a 19 de Julho

igualmente em “projetos de apoio à atividade dos *writers*” (Ferro, 2016: 181). Percebe-se nesse momento que a Câmara passa a reconhecer artisticamente e socialmente o papel do *graffiti*, sendo que as medidas de limpeza são mais aplicadas a assinaturas e outras inscrições rápidas de vandalismo. É neste mesmo ano que decide criar a GAU – Galeria de Arte Urbana, como um espaço inteiramente dedicado a esta arte, em sequência de uma operação de limpeza realizada no Bairro Alto, local onde Ferro considera que a arte urbana tem atualmente um lugar privilegiado (Ferro, 2016: 97).

Ferro¹⁹ afirma que as cidades que aplicam medidas *anti-graffiti* acabam por gastar grandes quantias de dinheiro na limpeza do espaço público e considera que, estrategicamente, seria mais benéfico se cultivassem uma atitude de colaboração com os *writers* ao promover a pintura mural em locais específicos, fazendo assim uma melhor gestão dos recursos (Ferro, 2016). Além disso, ao criarem estas oportunidades, e tornando a arte urbana socialmente aceite poder-se-ão criar redes com outros locais do mundo, beneficiando os interesses políticos e económicos dos diversos agentes. Permite também que a arte urbana demonstre as suas diferentes adaptabilidades, podendo ser apenas arte, como um recurso para fins sociais, ou mesmo culturais. Consegue-se assim criar um ambiente de aparente harmonia, pois algo de raízes ilegais dificilmente faz uma travessia total para a legalidade. Mas tal como Campos refere, podem encontrar benefícios numa “trégua ritualizada em que ambos encenam um convívio pacífico”. Os poderes públicos continuam com as suas medidas de limpeza, fechando por vezes os olhos a uma ou outra peça que acham enquadrar-se na cidade, e os *writers* continuam as suas práticas, por vezes fazendo parte desses eventos que cultivam a legalidade²⁰ (Campos, 2010: 142).

Perante as afirmações de alguns entrevistados sobre as ações de limpeza nas ruas da cidade, defendendo que fazia falta uma entidade mais sólida e que abrangesse todos os conteúdos ligados à arte urbana, decidiu-se questionar os professores investigadores sobre o que pensavam da organização atual e em como ela poderia afetar possíveis colaborações entre a autarquia e outras entidades ou indivíduos. Analisando as suas respostas de acordo com as obtidas por parte de dois artistas, Godmess e Mesk, verifica-

¹⁹ *Idem*

²⁰ Informação obtida por entrevista presencial a Heitor Alvelos, a 5 de Setembro de 2017

se uma opinião consensual entre alguns entrevistados sobre a necessidade de criação de um organismo próprio inteiramente dedicado a esta arte. Lígia Ferro e o artista Godmess²¹ chegam mesmo a apontar a Câmara Municipal de Lisboa como bom exemplo a seguir neste aspeto, com a criação da GAU – Galeria de Arte Urbana, reforçando a ideia de que deveria existir uma entidade que centralizasse os vários serviços: desde a limpeza à promoção de iniciativas. A existência de uma equipa que soubesse coordenar todas as áreas, que estudasse e conhecesse os artistas, poderia tirar o máximo de potencial da arte urbana, é o que pensam. Heitor Alvelos²², afirmando não ter muito conhecimento de causa, apenas aponta que se não houver problemas de diálogo entre os diferentes órgãos da Câmara, que não vê nenhum problema no que toca ao processamento de pedidos de colaboração por parte de entidades externas à autarquia. Desde que a comunicação não falhe, não vê uma situação de todo negativa.

Tentando então entender mais sobre a atual relação entre a arte urbana, a comunidade e a Câmara Municipal do Porto, a Porto Lazer²³ afirmou que do trabalho desenvolvido com o público, a experiência tem sido ótima, revelando que algumas iniciativas costumam esgotar. O interesse pela arte urbana mostra-se geral, atraindo público de faixas etárias diversas nas diferentes atividades, e também intergeracional. Este aspeto parece ser coincidente com praticamente todos os entrevistados, sendo evidente que a população mostra maior interesse por esta arte e ainda conhecimento. Na perspetiva de Heitor Alvelos²⁴, este refere que não verifica a existência de uma comunidade no verdadeiro sentido da palavra na cidade do Porto, apenas geograficamente. Contudo coloca a questão de como a arte urbana pode auxiliar na resolução deste problema, acrescentando que esta tem de ser pensada por quem se preocupa com essa situação e que tem de decidir sobre questões relacionadas. Lígia Ferro²⁵ acredita que a arte urbana pode ser essencial para variadas questões sociais, sejam elas de resgate de situações problemáticas como na atração de interessados pela

²¹ Informação obtida por entrevista presencial ao artista Godmess e a Lígia Ferro, a 11 e 19 de Julho de 2017

²² Informação obtida por entrevista presencial Heitor Alvelos, a 5 de Setembro de 2017

²³ Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

²⁴ Informação obtida por entrevista presencial Heitor Alvelos, a 5 de Setembro de 2017

²⁵ Informação obtida por entrevista presencial Lígia Ferro, a 19 de Julho de 2017

arte no espaço público, nos quais se poderiam criar e fortalecer laços comunitários, ajudando na coesão social da cidade e da sociedade. Afirmar ser importante envolver as pessoas com esta cultura e que a Câmara deve fazer parte deste processo. Sobre este tópico, a Porto Lazer²⁶ aponta que procura sempre integrar a comunidade em projetos que desenvolve, tentando trabalhar no sentido de criar um sentimento de pertença da comunidade através da transformação e criação de coisas novas. Acrescenta que uma das suas prioridades é promover a ligação entre o trabalho artístico e a comunidade.

Também os restantes entrevistados parecem concordar, apontando que a comunicação entre os variados intervenientes é fundamental para espremer o potencial da cidade do Porto. Alguns não parecem conseguir decifrar completamente as ações da Câmara apontando o que parece ser um certo desinteresse. Contudo há aqueles que reconhecem que é feito um esforço por promover a arte urbana, mas que podia ser melhor.

3.1.2. A arte urbana e o Porto

A identidade de uma cidade é “composta por múltiplas partículas e oriundas de mais variados sentidos”²⁷, constituindo a arte urbana uma das partículas que formam essa identidade.

Na pesquisa de Sequeira, a arte urbana é compreendida como uma arte em formação pois acaba por existir entre dois mundos paralelos, como uma prática *underground* e ainda participando da arte contemporânea e dos mercados de arte (2017). Sendo que a arte urbana tem a sua prática habitual nas ruas, ela está sujeita a todas as condições ambientais e à intervenção humana, ou seja, sujeita aos vários efeitos destrutivos, sendo por isso considerada efémera. Essa destruição contínua, seja ela natural ou provocada, é característica da cidade, criando um ciclo de interação entre a intervenção e a vida urbana. Uma forma de combater essa efemeridade é através do registo visual captado quer pelos artistas como pelos diversos interessados em arte urbana, e que posteriormente é divulgado ou arquivado nos diferentes meios e

²⁶ Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

²⁷ *Idem*

plataformas. A Internet veio possibilitar um aumento na difusão desta arte e suas intervenções, além da troca de experiências e criação de redes entre os diversos atores (Sequeira, 2017).

As marcas e entidades privadas, como empresas de publicidade, reconhecem a utilização da arte urbana como uma boa ferramenta para potenciar certos ramos de negócios. E segundo Sequeira, o recurso a esta pode variar em apropriação de imagens de arte urbana sem consentimento do(s) artista(s); contratando designers, estejam eles ligados ou não à arte urbana, para criação de imagens referentes a esta arte; e pela participação em eventos de arte urbana, possibilitando visibilidade aos artistas urbanos e ainda um trabalho remunerado, além de não limitar a criatividade do artista (Sequeira, 2017: 69). Alguns dos artistas entrevistados²⁸ afirmaram trabalhar frequentemente com grandes empresas e marcas.

Atualmente, e a nível global, a importância das grandes cidades é regida pelas questões políticas e económicas, sendo que estas procuram ter algo que as distinga das restantes, numa tentativa competitiva de atrair mais investimentos e visitantes para si. Desta forma, a produção de arte urbana na cidade pode ser um meio usado para dar mais valor e distinção à cidade, proporcionando a sensação de um espaço contemporâneo e moderno atraindo visitantes que igualmente reúnem essas características (Sequeira, 2017). Tuttolomondo refere que a institucionalização da arte urbana resulta da ideia de que a criatividade pode ter um papel relevante para o progresso de uma cidade, ajudando a promover o desenvolvimento urbano (Tuttolomondo, 2017).

Puscasiu defende que a presença de arte urbana num bairro pode ser benéfica, contrariamente a assinaturas e outros elementos do *graffiti*, pois torna-o atrativo, seja para viver, montar um negócio ou atrair visitantes. A autora acrescenta ainda que o *graffiti* na sua versão vandálica diminui o valor de mercado de uma propriedade, enquanto que a arte urbana lhe acrescenta valor artístico. Considera que estes benefícios visíveis são causa e resultado do nível de interesse e informação que há atualmente por este tipo de arte (Puscasiu, 2017). O interesse na arte urbana leva também a que os pequenos negócios turísticos comecem a elaborar planos de visita inspirados nesta.

²⁸ Informação obtida por entrevista por email ao artista Fedor, a 7 de Junho de 2017; por entrevista presencial aos artistas Godmess e Mesk, a 11 e 13 de Julho de 2017

Estes atores têm de realizar uma pesquisa constante para que possam seleccionar as obras que pretendam colocar nos seus circuitos, além de terem o cuidado de adquirir informação sobre a peça e o seu autor para que possam oferecer o melhor serviço possível (Sequeira, 2017). Exemplo disso é a Porto Walls Forever²⁹ que procura conhecer os artistas e as obras que a cidade oferece, fornecendo os seus serviços e realizando visitas frequentes durante todo o ano. A arte urbana tem na rua o seu espaço de exposição e, como tal, é nele que as intervenções devem ser expostas, para que todos as possam observar, quebrando assim os velhos modelos da arte enclausurada a um espaço específico. A cidade acaba por se tornar um museu a céu aberto onde as pessoas têm a oportunidade de ter acesso a cultura de forma gratuita, tendo ainda a possibilidade de usufruírem da mesma com recursos aos atores atrás referidos para serem os seus guias nesta exibição, ou elas próprias perderem-se e conhecerem a cidade por si próprias.

Na sua obra, Campos apresenta a ideia de que os habitantes devam “perder-se” na sua cidade para voltar a conhecê-la, para a viverem novamente, quase que como na perspectiva de um visitante, para que possam voltar a formar a identidade da cidade. Ele considera que o facto de o visitante ter um olhar fresco e curioso sobre um local, ajuda a a detetar aspetos que o cidadão acostumado não se apercebe (Campos, 2010).

Como já foi referido, as cidades possuem ciclos de vida contínuos, o que quer dizer que, há sempre algum espaço/estrutura da cidade que acaba por sofrer a degradação do abandono. É nestes locais que podemos observar muita da vitalidade urbana, locais que perderam o seu sentido na cidade e que o veem transformado através de inúmeras intervenções que artistas e *writers* compõem ao reciclar estes espaços. É esta relação entre a arte urbana e o local onde atua que, de uma forma ou de outra, leva a pensar e questionar sobre o espaço onde se interveio. O que antes, de alguma maneira, passaria despercebido ganha novos contornos e discussões (Sequeira, 2017). É também graças a estas ações que se pode dizer que os indivíduos envolvidos nesta atividade acabam por participar na reabilitação social e cultural de pequenas comunidades, podendo contribuir para o “reforço da memória colectiva ou da identidade desses

²⁹ Informação obtida por entrevista presencial a João Kendall, a 30 de Junho de 2017

lugares” (Grande, 2012: 36). Essa interação ajuda a criar ambientes mais recetivos e realizar projetos que permitam aprofundar a relação entre artistas, obras, e cidadãos. Em muitos casos, estes últimos tornam-se participantes ativos do processo criativo (Grande, 2012; Sequeira, 2017).

A arte urbana é um tema que desperta bastante interesse aos meios de comunicação, em todas as suas variantes e atuações. Também o número de iniciativas e projetos por todo o país e no mundo têm aumentado, podendo ser projetos unicamente ligados à arte urbana ou híbridos (Sequeira, 2017). Tuttolomondo afirma que até a própria execução de uma intervenção é um evento, apontando que a pintura de uma parede consegue ser um momento de encontro e socialização. Acrescenta ainda que a presença do artista durante a realização de uma obra altera momentaneamente a rotina das pessoas que frequentam aquele espaço, pois chama a atenção para o que está a acontecer. Aqui, acaba por se criar a oportunidade de uma participação por parte dos restantes indivíduos seja ela mais ou menos ativa (mostrar indiferença, questionar o artista, fazer sugestões, observar, conversar com o artista) com o artista, permitindo uma troca de opiniões e perspetivas entre ambos (Tuttolomondo, 2017: 80). Sequeira concorda com a importância deste tipo de interações, afirmando que sendo o espaço público um local de encontro dos indivíduos, estas intervenções quando trabalham aspetos da história e cultura do lugar onde se realizam, podem transformar o espaço num local de partilha, promovendo o sentimento de comunidade e criação de laços. Acrescenta que a ligação que se cria entre quem organiza as iniciativas, os artistas e a comunidade local é um momento de relevo neste processo e contribui para a formação de uma conexão emocional (Sequeira, 2017).

Sendo que uma das características do espaço público é este ser o local de passagem e encontro de indivíduos muitas vezes desconhecidos entre si, podemos dizer então que a arte urbana pode ter boas implicações no mesmo, promovendo a participação dos cidadãos nos projetos, na sua comunidade e na própria cidade; fortalecer os laços comunitários; fazer a população sentir-se orgulhosa e identificada com a cidade onde residem; e ajudar a sinalizar situações de espaços abandonados e através disso estimular discussão sobre o assunto (Puscasiu, 2017; Sequeira, 2017; Souza, 2017).

Lígia Ferro e o BECUH³⁰ apontam que está mais que provado que a arte urbana traz variados benefícios a diversos níveis. Os restantes entrevistados têm também a noção dos benefícios que esta arte pode provocar. Aquele mais óbvio centra-se no embelezamento da cidade, seja no sentido estético como na tentativa de tornar uma cidade mais agradável, mais feliz, ao trabalhar com locais do espaço público que pensam ser desregulados. Outro ponto enunciado pelos entrevistados é dos benefícios a nível social. Tal como referido por Grande (2012), acreditam que a arte urbana pode ajudar na valorização do espaço público pelos seus habitantes, criar e fortalecer o sentimento de identidade com a cidade, criar laços comunitários e ainda auxiliar em variadas situações de conflito.

Há artistas e coletivos que se destacam nesta prática pela sua vertente social. Exemplo disso é o grupo ONG (Ovejas NeGras), mencionado pela autora Lígia Ferro, e cujo objetivo inicial era “realizar *graffiti* com as «ovelhas negras» da sociedade, isto é, com a «gente da rua»” (Ferro, 2016: 93). Foram os projetos realizados no âmbito do muralismo comunitário que começaram a mostrar o benefício das pinturas murais na cidade no desenvolvimento de laços identitários entre os cidadãos e o bairro onde residiam (Ferro, 2016: 248).

Estes indivíduos veem o *graffiti* como um instrumento de mediação sociocultural, e como tal decidem apostar em iniciativas em bairros sociais e outras zonas mais desfavorecidas ou degradadas, no sentido de intervir no cotidiano dos habitantes dando uma nova imagem aos lugares de sociabilidade (Ferro, 2016: 248). Esta é uma prática adotada igualmente pelos poderes públicos e algumas entidades privadas, por considerarem que a arte urbana pode funcionar como mediador e ferramenta de resgate social. O artista SEM³¹ aponta que quando trabalhando com comunidades, bairros, o objetivo tem de ser mesmo envolver a comunidade e não pintar apenas o máximo de empenas possível, ou seja, selecionar junto deles espaços mais pequenos e/ou simbólicos seria a melhor solução. Este tipo de iniciativas procura melhorar o espaço público ao mesmo tempo que procuram intervir em faixas etárias e

³⁰ Informação obtida por entrevista presencial a Lígia Ferro, a 19 de Julho de 2017; por entrevista presencial aos artistas Godmess e SEM, a 11 e 21 de Julho de 2017

³¹ Informação obtida por entrevista presencial ao artista SEM, a 21 de Julho de 2017

grupos sociais mais afetados, sendo que proporcionam a oportunidade de adquirirem e desenvolverem competências artísticas que para alguns pode ser a porta de entrada para um futuro no mercado da arte, publicidade, ou outros (Ferro, 2016: 250). A pintura mural parece resultar como um meio de desbloqueio muito eficaz nos jovens que possam apresentar dificuldades na comunicação verbal. De uma forma geral, nesta faixa etária, este tipo de atividades permite desenvolver variadas competências culturais, sociais e emocionais, que no caso de jovens excluídos é ainda mais importante (Ferro, 2016: 270). Na sua entrevista, o artista Mesk³² retrata um pouco a sua participação em workshops direcionados à camada juvenil. Considera importante trabalhar com esta camada em específico pois acredita que este tipo de ações ajudam a proporcionar informação sobre o assunto de uma forma mais educativa e de maneira a incentivar a reflexão.

Alguns dos entrevistados acreditam que a legalização de paredes seria importante e benéfica para a cidade, ou criação de uma parede livre onde a autorização prévia não fosse necessária. Neste caso afirmam que estes poderiam tornar-se locais de convívio entre gerações e de troca de conhecimentos e desenvolvimento artístico, além de poderem produzir um efeito positivo na minimização do vandalismo pela cidade do Porto. Sobre a minimização do vandalismo, a Porto Walls Forever³³ considera que igualmente a produção de obras de qualidade podem ajudar a controlar, pois o respeito pelo trabalho dos outros acaba por ser um fator decisivo da inscrição de uma escrita rápida. Ana Castro, na sua dissertação de mestrado apresenta um exemplo deste caso. Conta que em 2013, a Circus realizou uma pintura mural numa das paredes do Pavilhão Desportivo Francisco de Holanda, em Guimarães, próximo de dois bairros sociais, com a colaboração de seis artistas urbanos. Antes de iniciarem a obra, foram informados que aquela era uma zona problemática e frequentemente vandalizada, tendo aquele espaço sido repintado várias vezes. Um ano após a conclusão, a autora voltou ao local e a obra mantinha-se intacta, sem sinais de vandalismo (Castro, 2014). Também Torre e Ferro, no seu artigo, reforçam esta discussão, pois exploram uma situação ocorrida numa cidade na Nova Zelândia, onde uns indivíduos decidiram fazer um teste e escolheram

³² Informação obtida por entrevista presencial ao artista Mesk, a 13 de Julho de 2017

³³ Informação obtida por entrevista presencial a João Kendall, a 30 de Junho de 2017

uma parede de boas dimensões e dividiram-na em três partes, sendo que no meio elaboraram uma pintura mural e nas outras pintaram a uma só cor. Observando-a a cada dois dias durante três meses, notaram que a parte da parede que continha o mural tinha sido a menos atacada das três. E mesmo após esse período continuou a ser a menos atacada (Torre & Ferro, 2016).

A Circus Network³⁴ acredita que o aumento de obras legais poderia resultar na promoção dos próprios artistas, atraindo interessados em trabalhar com os mesmos. Também é referido que a arte urbana pode potenciar o turismo, seja atraindo pessoas de fora como de dentro do país, aumenta a oferta cultural da cidade, tornando o Porto uma cidade mais interessante. Tanto a Circus Network³⁵ como a Porto Walls Forever³⁶ afirmam que a procura de informação sobre peças na cidade é significativa. No que toca a atividades realizadas pela Porto Lazer³⁷, confirmam que há uma grande adesão e que até algumas delas costumam esgotar. De uma forma geral, todos acreditam que a arte urbana pode trazer benefícios para o Porto, como para qualquer outra cidade, à semelhança de outras expressões artísticas. Na perspetiva da Porto Lazer³⁸, a arte urbana na sua componente geral incluindo todo o tipo de atividades que a envolve, não apenas pintura mural, pode promover transformações a nível social, político, económico, etc., referindo que através das intervenções se consegue alavancar todos os aspetos que compõem uma cidade. Acaba por dar o exemplo de um dos seus projetos desenvolvidos na cidade, Locomotiva, e que diz ter funcionado como dinamizador da área junto à Estação de S. Bento, resultando em reabilitação urbana, e ainda dando-lhe o potencial como catalisador económico, social, e outros.

Na perspetiva dos artistas, investigadores e entidades privadas, deveriam ser realizados mais projetos e iniciativas ligadas à arte urbana no Porto, sendo que a Circus

³⁴ Informação obtida por entrevista por email a Ana Castro e André Carvalho, a 7 de Setembro de 2017

³⁵ *Idem*

³⁶ Informação obtida por entrevista presencial a João Kendall, a 30 de Junho de 2017

³⁷ Informação obtida por entrevista presencial a Cláudia Melo, a 17 de Julho de 2017

³⁸ *Idem*

Network³⁹ destaca projetos de maior relevo como aqueles que estão mais em falta. O artista Fedor⁴⁰ acrescenta que a frequência com que são realizadas iniciativas não é o suficiente “para criar um movimento sólido”, que vai ao encontro do artista Mesk⁴¹ que considera que nunca se devem contentar para não deixar que estagne. Alguns dos entrevistados referem a evolução no sentido do declínio do número de eventos desde o início do programa, afirmando que quando este começou mostrou-se promissor mas que eventualmente a distância temporal entre projetos começou a aumentar. Tanto as entidades como os artistas acreditam existirem espaços que poderiam ser intervencionados e que são locais com bastante potencial, por isso só restam os processos burocráticos para desbloquear estes locais. Heitor Alvelos⁴² acredita que uma cidade inteiramente regulada institucionalmente se torna uma cidade mais limitada e, como tal, refere que as iniciativas devem ser de diversas proveniências, considerando que os poderes públicos “não podem nem devem ser os únicos agentes de promoção de criatividade”. Pensa que se deve incentivar o espírito comunitário, a realização de coletivos e dar a estes últimos alguma autonomia, apontando o papel de regulador aos poderes públicos, apoiando oficialmente a realização de projetos e igualmente permitir alguma autonomia nos espaços.

Sendo os artistas os maiores interessados em locais onde possam fazer as suas criações, e sendo eles aqueles que talvez melhor conheçam os espaços e os formatos mais propícios para realizar intervenções e projetos que possam criar maior impacto na cidade e seus habitantes, decidiu-se saber a sua opinião sobre o assunto. As respostas são variadas e percebe-se daí que o Porto é uma cidade bastante considerada por eles, quer a nível dos seus locais como de quem o vive. Tanto localizações mais centrais como periféricas são entendidas como interessantes para explorar a criatividade artística, pelo que uma disseminação pelos vários pontos da cidade são desejáveis. Espaços abandonados e degradados, muros, traseiras de escolas; no geral, locais que tenham aspetos deteriorados ou menos interessantes, são sempre opções passíveis de

³⁹ Informação obtida por entrevista por email a Ana Castro e André Carvalho, a 7 de Setembro de 2017

⁴⁰ Informação obtida por entrevista por email ao artista Fedor, a 7 de Julho de 2017

⁴¹ Informação obtida por entrevista presencial ao artistas Mesk, a 13 de Julho de 2017

⁴² Informação obtida por entrevista presencial a Heitor Alvelos, a 5 de Setembro de 2017

intervenção. Os artistas entendem que o trabalho com a população e as várias gerações é importante, e por isso defendem a realização de todo o tipo de projetos ligados à arte urbana, desde exposições, workshops, intervenções em superfícies, instalações, performances.

3.1.3. A arte urbana e os jovens universitários portuenses

Em Junho de 2017 procedeu-se ao envio de um inquérito dirigido a estudantes universitários, com recurso ao correio eletrónico, de doze das catorze faculdades pertencentes à Universidade do Porto. Duas faculdades não foram incluídas por problemas técnicos. De todos os estudantes contactados, 461 indivíduos aceitaram fazer parte do estudo e responderam ao inquérito proposto, tendo-se obtido um resultado de 66% indivíduos do sexo feminino e 34% do sexo masculino. 71% dos inquiridos situava-se entre os 19 e os 24 anos; 20% entre os 25 e os 34; e 9% até 18 anos. A maior percentagem dos estudantes não eram residentes do Porto (cerca de 45%), enquanto que os restantes 37%, 9% e 9%, residiam há mais de 10 anos, entre 5 a 10 anos, e há menos de 5 anos, respetivamente.

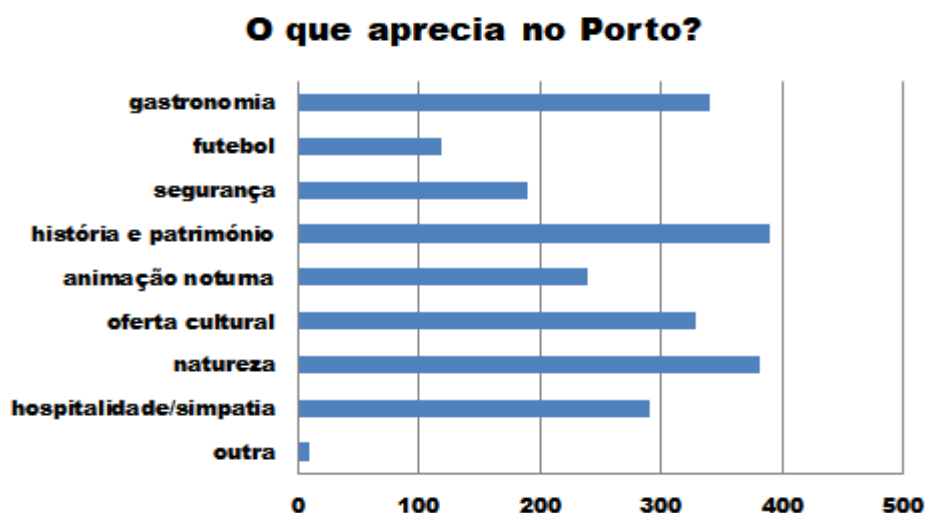


Figura 8

Quando questionados sobre o que apreciavam na cidade do Porto (Fig. 8), os resultados favoreceram muito quatro opções, sendo elas «história e património»

escolhida por 389 indivíduos, seguida da «natureza» com 382 votos, «gastronomia» com 341 e «oferta cultural» com 329 votações. Estas escolhas revelam um interesse claro sobre a cultura que a cidade dispõe.

A arte urbana foi considerada inclusa no conceito de oferta cultural apresentada nesta questão, contudo alguns dos inquiridos decidiram colocá-la na opção «Outra». Quando questionados sobre a importância que a oferta cultural tinha para si (Fig. 9), mais de metade dos indivíduos considerou como muito importante (60%), seguidos de 33% a afirmarem ser importante. Uma minoria considerou indiferente ou pouco importante. Quando questionados sobre o grau de interesse pela arte urbana (Fig. 10), cerca de 87% manifestou que tinha algum ou muito interesse pela arte urbana. Estes valores vão ao encontro do que o Presidente da Câmara Municipal Rui Moreira e os entrevistados apontaram sobre o crescente interesse por parte dos habitantes e visitantes.

Para si, qual a importância da oferta cultural no Porto?

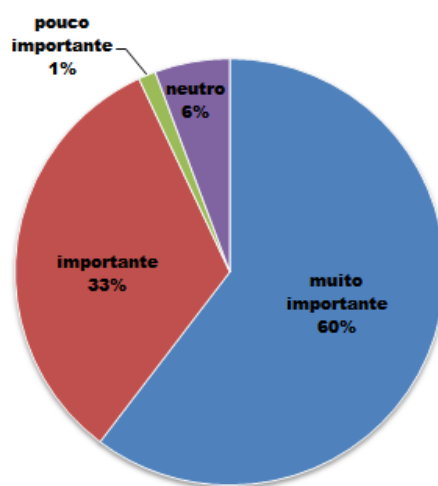


Figura 9

As questões seguintes relacionam-se diretamente com a arte urbana, procurando descobrir até que ponto os inquiridos conheciam esta arte e de que forma a percecionavam na cidade. Como tal, e como resposta aos tipos de arte urbana conhecidos (Fig. 11), os «Murais» foram aqueles que grande maioria reconhecia, seguindo-se as «Estátuas-vivas». Tanto o «Yarn Bombing» como o «Paste Up» foram os que apresentaram resultados mais baixos.

Qual o seu grau de interesse por arte urbana?

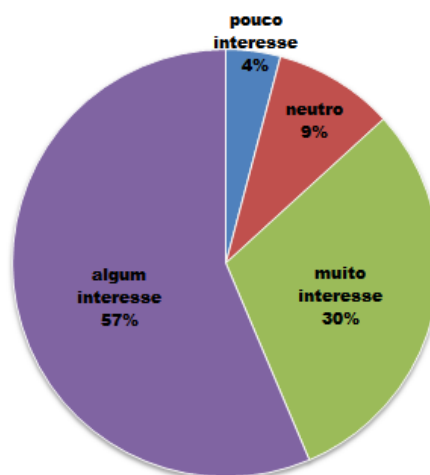


Figura 10

De uma forma geral (Fig. 12), a maioria concordou que gostava de ver intervenções de arte urbana nas ruas da cidade, conferindo um total de 89%. Cerca de 8% mostrou-se indiferente, e 3% revelaram uma opinião negativa, sendo que 2% admitiu «Gostar pouco» e 1% «Não gosta».

Qual(ais) destes tipos de arte urbana conhece?

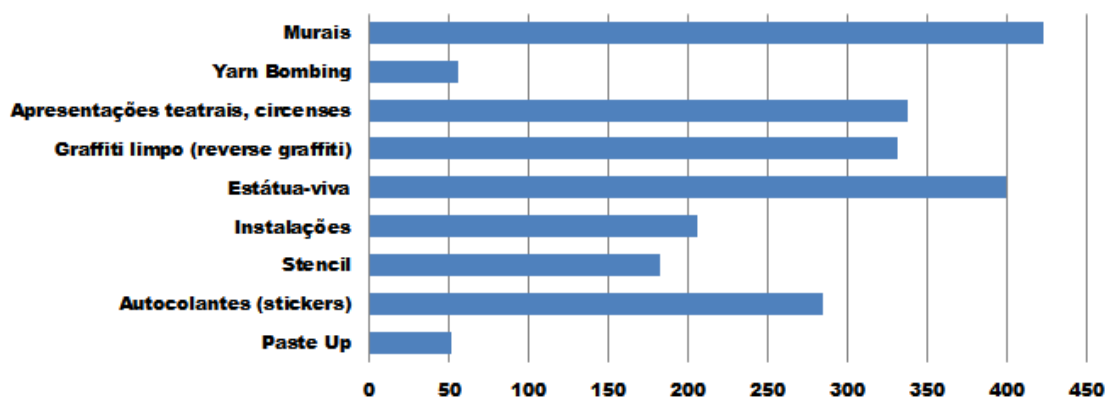


Figura 11

Tentando perceber a opinião de todos os inquiridos sobre a quantidade de peças dispersas pelo Porto (Fig. 13), as opiniões são igualmente maioritariamente positivas apesar de 39% considerar «Razoável», sendo que apenas 7% considera realmente haver um número baixo de obras.

Gosta de ver este tipo de arte nas ruas da cidade?

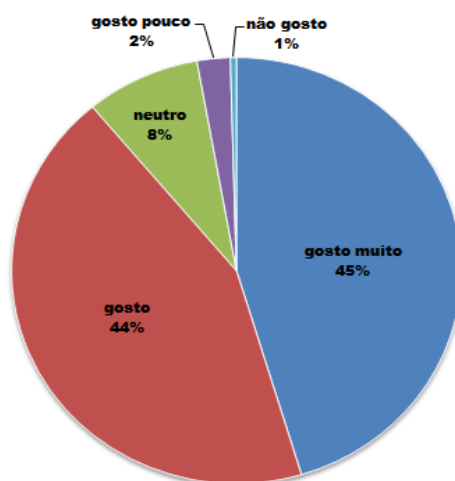


Figura 12

Passando para uma análise mais centrada na arte urbana ligada à pintura mural e técnicas associadas, questionou-se sobre os locais mais propícios para realizar intervenções desta natureza (Fig. 14), sendo que os locais mais considerados foram os «muros» com 380 votos; «casas ou espaços abandonados» com 296; «túneis/viadutos» com 291 e «paredes laterais de prédios» com 285. O «gradeamento de montras» foi preferência de apenas 116 indivíduos. As duas primeiras opções vão ao encontro do que foi referido pelos artistas participantes neste estudo, mas, curiosamente, na opção «outro» foram apresentados espaços igualmente sugeridos pelos artistas, como as escolas, objetos urbanos (caixotes de lixo, caixas de eletricidade/gás, postes de luz), apenas acrescentando transportes públicos, e qualquer superfície do espaço público. Ainda assim houve quem achasse que nenhuma das opções era válida para intervenções. Outra referência que chamou a atenção e que está igualmente de acordo ao que foi apontado por alguns dos entrevistados, é a necessidade de um espaço legal, um espaço próprio autorizado.

Como classifica a quantidade de peças nas ruas da cidade?

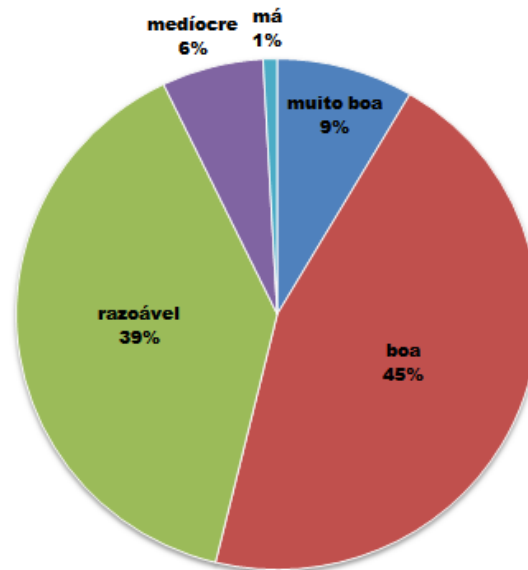


Figura 13

Seguidamente, pretendeu-se perceber se a arte urbana tinha algum impacto na socialização entre indivíduos. Aqui as opiniões mostraram-se equilibradas (Fig. 15), sendo que as que maior percentagem obtiveram foram as opções «às vezes» e «raramente», com 41% e 40% respetivamente. 13% dos inquiridos afirmou nunca falar sobre arte urbana com amigos, conhecidos, familiares, etc., enquanto que 6% referiu fazê-lo muito frequentemente. Já no que toca a partilhas e comentários sobre o tema efetuados nas redes sociais (Fig. 16), 37% dos indivíduos afirma nunca o ter feito e 29% apontar fazê-lo mas raramente. Com maior frequência afirmam 34% dos inquiridos, sendo 8% aqueles que mais discutem sobre arte urbana nas redes sociais.

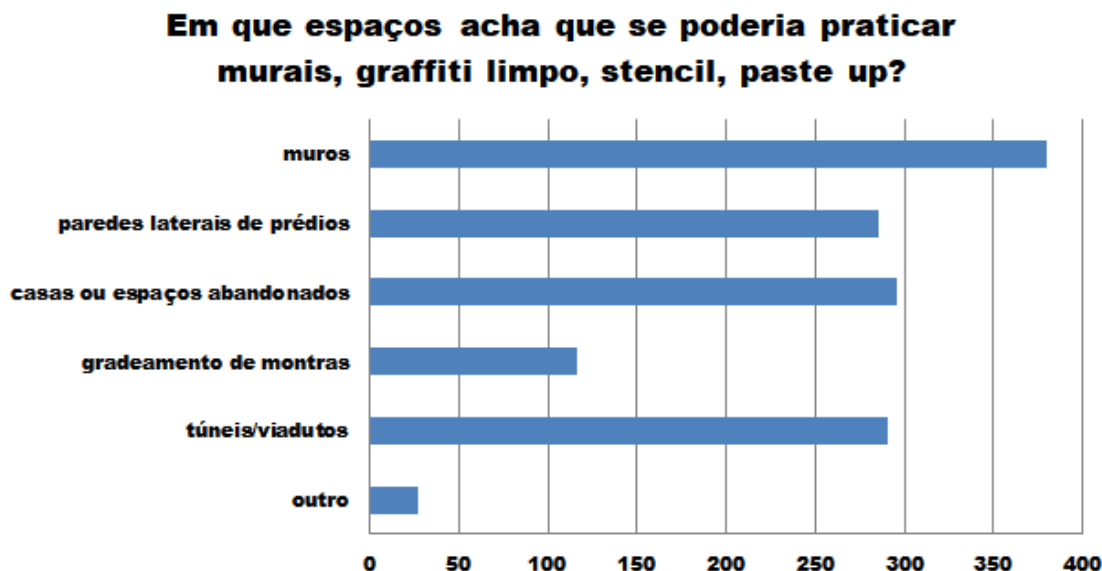


Figura 14

A opinião dos estudantes sobre a arte urbana na sociedade atual (Fig. 17) é de que a mesma «é uma forma de liberdade de expressão» arrecadando cerca de 354 votos; para 326 indivíduos «é uma forma de crítica social, económica, etc.»; «é cultura» para 321; 281 pensam que «entretêm e embeleza»; «estimula a reflexão» recebe 255 votos; 204 afirmam que «faz parte do cotidiano»; e a opção «pode representar um lugar ou época» é selecionada por 154 inquiridos. Na opção «outra», considera-se importante anunciar que dois dos indivíduos que selecionaram esta opção referem que consideram a arte urbana vandalismo e forma de poluição visual.

Seguidamente decidiu-se explorar o interesse dos estudantes por festivais e eventos de arte urbana. O resultado é bastante equilibrado, sendo que 57% afirma que tem interesse, contra 43% que responde negativamente.

A arte urbana costuma ser motivo de conversa com amigos, conhecidos, familiares, etc.?



Figura 15

Observa-se que cerca de metade dos inquiridos (52%) nunca foi a um festival ou evento de arte urbana, notando-se que apenas 15% parecem ser consumidores mais habituais destes serviços, e 33% raramente o fazem (Fig. 18).

Já comentou/partilhou alguma informação/imagem nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?

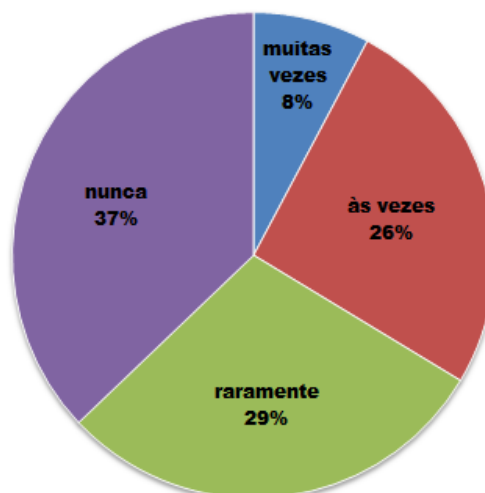


Figura 16

Passando para uma escala de análise mais específica, questionou-se sobre festivais/eventos que já tivessem sido realizados no Porto, aos quais 88% das respostas foram de que não conheciam nenhum que tivesse ocorrido. Apenas 12% apresentaram resposta positiva, tendo enumerado os seguintes eventos: Alumia, Locomotiva, Art Inna Park, Street Art AXA, Push Porto, Up Street Porto, Up Street Stop and Go entre outros.

Foram mencionados cerca de 25 eventos diferentes, sendo que os mais referidos foram o Push Porto, o Street Art AXA, o Up Street Stop and Go e o Up Street Porto, eventos organizados pela Porto Lazer e pela Circus Network.

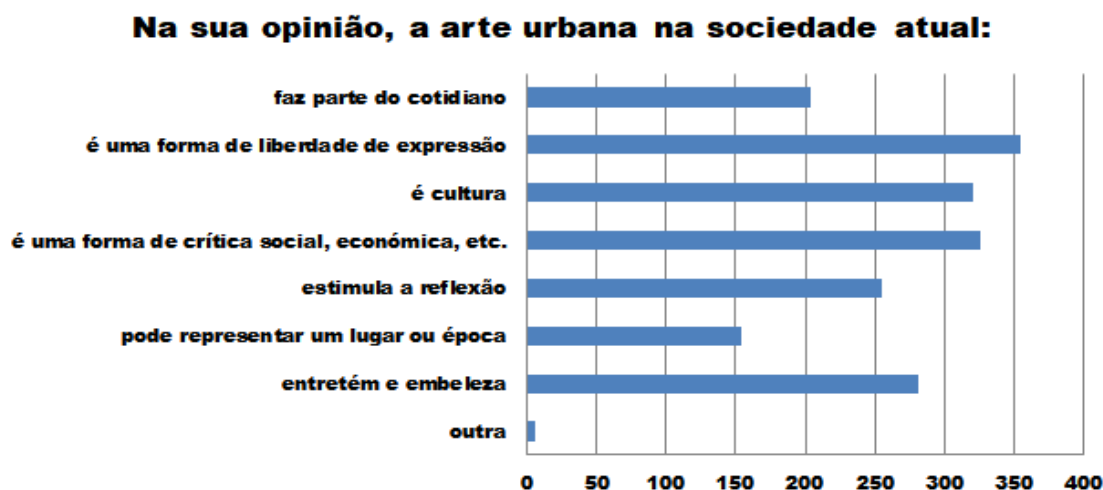


Figura 17

Foi apresentada a seguinte afirmação aos inquiridos “Os festivais/eventos de arte urbana ajudam a aumentar o interesse pela arte urbana na cidade.” para que classificassem até que ponto concordavam com o que nela era descrito (Fig. 19). As respostas centraram-se praticamente na concordância desta, sendo que 268 assinalaram a opção «concordo» e 96 afirmaram «concordo totalmente». 92 indivíduos mantêm-se neutros e apenas 5 «discordam» ou «discordam totalmente» da afirmação.

Com que frequência vai a festivais/eventos de arte urbana?

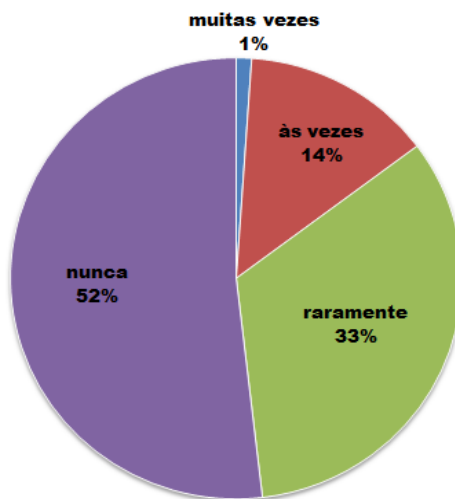


Figura 18

Tendo em conta os resultados obtidos nas quatro questões anteriores, parece previsível que a resposta à questão se se deveria realizar mais festivais e eventos sobre arte urbana no Porto seja positiva, neste caso com um resultado bastante alto, 86%. Apenas 14% dos inquiridos considera que não seja necessária a realização de mais eventos.

Classifique por favor a seguinte afirmação: “Os festivais/eventos de arte urbana ajudam a aumentar o interesse pela arte urbana na cidade.”

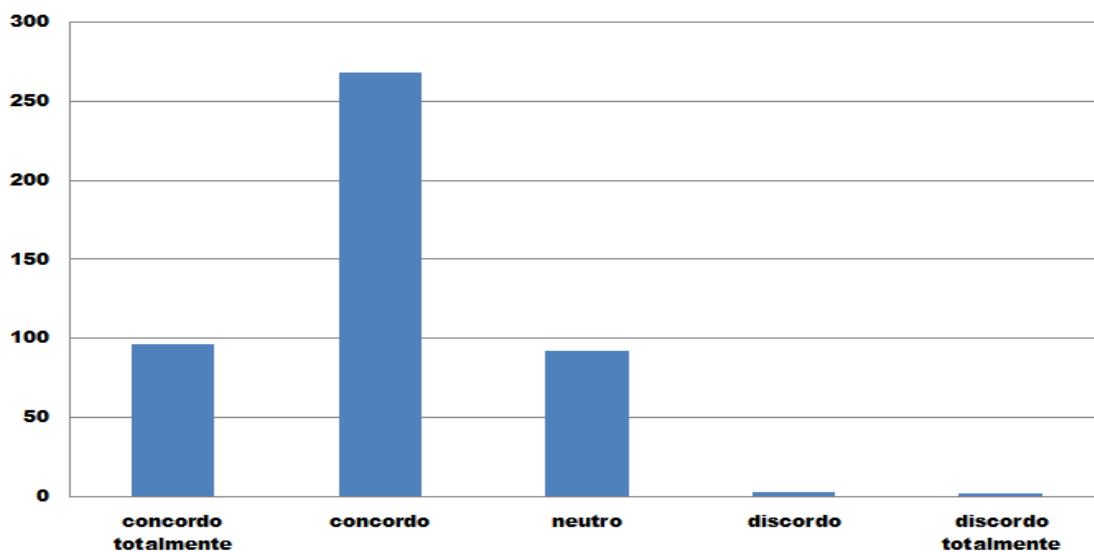


Figura 19

Este último resultado encontra-se em concordância com as respostas obtidas dos entrevistados sobre se a quantidade de eventos e projetos é suficiente na cidade, portanto pode-se dizer que existe um consenso e desejo mútuo para que a cidade desenvolva mais iniciativas.

Conclusão

O presente relatório de estágio, além de apresentar o percurso realizado pela estudante durante o estágio curricular na organização Circus Network, explora o tema da arte urbana (em especial o *graffiti*) no Porto. Tendo o graffiti sido rejeitado pelos poderes públicos locais (Câmara Municipal do Porto) desta cidade em anos recentes, consideramos que seria pertinente aferir qual a situação desta arte hoje, numa altura em que a cidade recebe/acolhe diariamente milhares de turistas. Mostrou-se necessário: (1) saber se a população tem interesse na arte urbana; (2) conhecer a opinião dos diferentes atores sobre projetos e iniciativas no Porto; (3) identificar os benefícios que a arte urbana pode ter para a cidade; e (4) perceber qual a posição da cidade do Porto no panorama internacional de arte urbana.

Mais de metade dos estudantes da Universidade do Porto inquiridos revelam ter algum interesse pela arte urbana; 30% manifestam muito interesse. Apenas 4% revelam pouco interesse. Cerca de um terço (34%) afirmam ter partilhado algumas/muitas vezes informação/imagem nas redes sociais. Questionados se gostam de ver este tipo de arte nas ruas da cidade, 89% responderam que gostam/gostam muito. É opinião consensual dos *stakeholders* (partes interessadas) entrevistados que deveria haver um maior número de iniciativas/eventos relacionadas com arte urbana no Porto e que tal ajudaria a aumentar o interesse pela arte urbana nesta cidade.

Identificamos vários benefícios de carácter social, económico, político, cultural, etc., apontados pelos entrevistados e pela bibliografia consultada relativamente à arte urbana, apesar do seu carácter efémero no espaço. Alguns exemplos: embelezamento da cidade, quer esteticamente como tornando-a uma cidade mais agradável; a valorização do espaço público pelos seus habitantes; criação e fortalecimento do sentimento de identidade com a cidade; criação de laços comunitários; mediação em situações de conflito; aumento do turismo; entre outros.

A opinião entre os entrevistados é consensual quanto à posição da cidade no panorama internacional de arte urbana, considerando que ela se encontra muito atrasada em comparação com outras cidades. Entendem que há potencial para se tornar numa

cidade chave, mas que, para tal, ainda há muito a ser feito. Alguns entrevistados apontaram a necessidade de criação de um organismo que se dedicasse completamente a esta arte, em todas as vertentes que lhe estão relacionadas (coordenação dos serviços de limpeza, organização e apoio de iniciativas, etc.) de forma a agilizar a resolução de problemas e uniformizar critérios. Acreditam que desta forma poderá haver um desenvolvimento mais sustentado no Porto.

Concluimos que a arte urbana, ao contribuir para a transformação do espaço público, assume especial importância na imagem e vida da cidade, pelo que é nossa opinião que ela deveria ser apoiada mais eficazmente e profissionalmente. Trata-se também de uma área complexa, multidimensional, com muito ainda por estudar e explorar. A limitação de tempo e espaço, inerentes a um relatório de estágio, não nos permitiu ir mais além em alguns assuntos, nomeadamente quanto à posição da cidade do Porto no panorama internacional de arte urbana. Todavia, esperamos, com este estudo, ter contribuído positivamente para o debate da situação atual da arte urbana no Porto.

Referências bibliográficas

- Alvelos, Heitor. (2007). Graffiti que não é graffiti: Regeneração urbana, lacunas jurídicas e a ascensão do "vandalismo justo". In G. Vaz-Pinheiro. (2012). *Espaços relacionais: um novo campo expandido para a arte e pensamento* (pp. 59-65). ArtinSite.
- Afonso, Miguel Ângelo. (2016). Mr. Dheo: “O projeto de arte urbana não está a ser bem conduzido”. *Jornalismo Porto Net*, acessado em 15 de Abril de 2017, de <https://jpn.up.pt/2016/11/24/mr-dheo-arte-urbana/>
- Benedetti, Lorenzo. (2012). Difusão e dispersão da arte contemporânea: A desmaterialização do espaço expositivo. In G. Vaz-Pinheiro, *Espaços Relacionais: Um Novo Campo Expandido para a Arte e o Pensamento* (pp. 75-80). ArtinSite.
- Bull, Andy. (2013). *Brand journalism*. New York: Routledge.
- Campos, Ricardo. (2010). *Porque Pintamos a Cidade?: Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Fim de Século.
- Castro, Ana. (2014). *Arte Urbana: Estudo exploratório da sua relação com as cidades e proposta de projeto prático para o Porto*. Dissertação de Mestrado em Multimédia. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Engenharia.
- Castro, Laura. (2015). Arte e artistas no espaço público do Porto. In G. Rego, *Educação para a Arte - Encontros com a Cidade* (1ª ed., pp. 27-30). Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Circus Network (2013). Mural Guimarães Capital Europeia do Desporto. *Circus Network Blog*. acessado em 18 de Outubro de 2016, de <http://circusnetwork.net/index.php/mural-guimaraes-capital-europeia-do-desporto/>
- Circus Network (2016). Mural em Guimarães por Lara Luís. *Circus Network Blog*. acessado em 8 de Setembro de 2017, de <http://circusnetwork.net/index.php/mural-em-guimaraes-por-lara-luis/>

- Cooke, Philip, & Lazzeretti, Luciana. (2008). *Creative cities, Cultural Clusters and Local Economic Development*. Edward Elgar Publishing.
- Costa, Pedro, Guerra, Paula, & Neves, Pedro Soares. (2017). *Urban intervention, street art and public spaces*. Authors and Editors.
- Costa, Ana, & Castro, Inês. (2017). Arte urbana no Porto: Um programa que (ainda) não convence todos. *Jornalismo Porto Net*, acedido em 15 de Abril de 2017, de <https://jpn.up.pt/2017/04/13/arte-urbana-no-porto-um-programa-ainda-nao-convence/>
- Diário da República (2013). Lei nº 61/2013 de 23 de agosto. Estabelece o regime aplicável aos grafitos, afixações, picotagem e outras formas de alteração, ainda que temporária, das características originais de superfícies exteriores de edifícios, pavimentos, passeios, muros e outras infraestruturas. acedido em 7 de Setembro de 2017 em <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2013/08/16200/0509005092.pdf>
- Faustino, Paulo. (2013). *Indústrias Criativas, Media e Clusters* (1ª ed.). Porto: mediaxxi e Formalpress.
- Ferro, Lígia. (2016). *Da rua para o mundo: etnografia urbana comparadado graffiti e do parkour*. Lisboa: ICS.
- Ferro, Lígia, Raposo, Otávio, & Gonçalves, Renata de Sá. (2015). *Expressões artísticas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora e Faperj.
- Fischer, Claude. (1982) Toward a subcultural theory of urbanism. In M. Baldassare, *Cities and Urban Living*. New York.
- Florida, Richard. (2005). *Cities and the Creative Class*. Routledge.
- GAU - Câmara Municipal de Lisboa. (2016). *GAU: GAU*. Obtido em 11 de Setembro de 2017, de Galeria de Arte Urbana: <http://gau.cm-lisboa.pt/gau.html>
- Giddens, Anthony. (2013). *Sociologia* (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grande, Nuno. (2012). Crítica relacional. In G. Vaz-Pinheiro, *Espaços relacionais: Um Novo Campo Expandido para a Arte e o Pensamento* (pp. 35-40). ArtinSite.

- Lima, Redy Wilson. (2015). Lógicas de desafiar a mudança nas "periferias" do espaço urbano em (i)mobilização: representar zona Ponta, Praia, Cabo Verde. In L. Ferro, O. Raposo, & R. d. Gonçalves, *Expressões Artísticas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos* (pp. 189-108). Rio de Janeiro: MAUAD X e Faperj.
- Lopes, João Teixeira. (2000). *A Cidade e a Cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto.
- Lopes, João Teixeira. (2007). *Da democratização à democracia cultural - uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público* (1ª ed.). Porto: PROFEDIÇÕES, Lda.
- Luís, Lara. (2013). Wall for "Guimarães, Cidade europeia do Desporto". *Projetos*.
 acedido a 18 de Outubro de 2016, de
<https://www.behance.net/gallery/11070001/Wall-for-Guimaraes-Cidade-Europeia-do-Desporto>
- Lupinsek, Polona. (2017). Street art in Yogyakarta, Indonesia: Messages of the streets. In P. Costa, P. Guerra, & P. S. Neves, *Urban intervention, street art and public space* (pp. 100-112). Authors and Editors.
- Melo, Alexandre. (1999). *Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às Galerias e Uma Carreira de Artista*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Menéndez, Leticia González. (2017). Transfers between the Urban and the Human. Inhabiting the City from the Public Art. In P. Costa, P. Guerra, & P. S. Neves, *Urban intervention, street art and public space* (pp. 16-26). Authors and Editors.
- Moreira, Rui. (2017). *Conferência O Porto do Futuro*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Ocejo, Richard E. (2013). *Ethnography and the City - Readings on doing Urban Fieldwork*. Routledge.
- O'Connor, Justin, & Wynne, Derek. (1996). *From the margins to the centre: cultural production and consumption in the post-industrial city*. Arena.
- Oliveira, Cláudia Marisa. (2015). O espaço como exercício de representação. In L. Ferro, O. Raposo, & R. d. Gonçalves, *Expressões artísticas: etnografia e*

- criatividade em espaços atlânticos* (pp. 229-240). Rio de Janeiro: MAUAD X e Faperj.
- Porto Lazer. (2016). Visitas guiadas às intervenções de arte urbana do Porto. *Notícias Porto Lazer*. acessado em 19 de Junho de 2017, de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/visitas-guiadas-as-intervencoes-de-arte-urbana-do-porto>
- Porto Lazer. (2017a). Programa de Arte Urbana do Porto ganha três novas intervenções a partir de sábado. *Notícias Porto Lazer*. acessado em 14 de Setembro de 2017, de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/tres-novas-intervencoes-de-arte-urbana-para-fechar-o-verao>
- Porto Lazer. (2017b). Regressam as visitas guiadas pela arte urbana do Porto. *Notícias Porto Lazer*. acessado em 19 de Junho de 2017, de <http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/regressam-as-visitas-guiadas-pela-arte-urbana-do-porto>
- Puscasiu, Voica. (2017). The Writing on the Wall: Embraced or Despised. In P. Costa, P. Guerra, & P. S. Neves, *Urban intervention, street art and public space* (pp. 124-132). Authors and Editors.
- Rego, Guilhermina. (2015). *Educação para a Arte - Encontros com a Cidade* (1ª ed.). Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Sequeira, Ágata Dourado. (2017). Ephemeral Art in Impermanent Spaces. In P. Costa, P. Guerra, & P. S. Neves, *Urban intervention, street art and public space* (pp. 65-74). Authors and Editors.
- Silva, Augusto Santos. *et al.* (1998). Agentes culturais e públicos para a cultura: Alguns casos ilustrativos de uma difícil relação. In *Cadernos de Ciências Sociais*, nº18 (pp. 67-105)
- Silvano, Filomena, & Neves, João. (1990). Enraizamento e cosmopolitismo: contributo para uma análise da recomposição urbana. In *Colóquio Viver (N)a Cidade* (pp. 115-124). Grupo de Ecologia Social - LNEC, & Centro de Estudos Territoriais - ISCTE.

- Souza, Rachel. (2017). Urban Visuality through Stencil. In P. Costa, P. Guerra, & P. S. Neves, *Urban intervention, street art and public space* (pp. 113-123). Authors and Editors.
- Tempo Livre (2016). Guimarães inaugurou mural da CED 2013: Trabalho de arte urbana da artista Lara Luís assinala legado da Cidade Europeia do Desporto. *Tempo Livre*. acessado em 18 de Outubro de 2016, de <http://www.tempolivre.pt/pub/index.aspx?view=instalacoes&cat=7&subview=noticias&id=920>
- Torre, Elena, & Ferro, Lígia. (2016). O Porto sentido pelo graffiti : as representações sociais de peças de graffiti pelos habitantes da cidade do Porto. In *Revista de Ciências Sociais*, Vol. 47 / No 1, jan/jun, pp. 123-147. acessado a 12 de Abril de 2017 de https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a22_1/apache_media/J5AM9G8B285D6J2FF8TT11LLTDKR7J.pdf
- Tuttolomondo, Luisa. (2017). Between formal and informal practices to manage the city: the role of street art in the Old town of Palermo. In P. Costa, P. Guerra, & P. S. Neves, *Urban intervention, street art and public space* (pp. 75-87). Authors and Editors.
- Vaz-Pinheiro, Gabriela. (2012). *Espaços relacionais: um novo campo expandido para a arte e pensamento*. ArtinSite.

Entrevistas:

- Alvelos, Heitor. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. PINC, 5 Setembro 2017. Entrevista transcrita em Anexos.
- Castro, Ana & Carvalho, André. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. E-mail, 7 Setembro 2017. Entrevista transcrita em Anexos.
- Fedor. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. E-mail, 7 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.
- Ferro, Lígia. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. Faculdade de Letras, 19 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Godmess. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. BECUH, 11 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Godmess & SEM. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. BECUH, 11 e 21 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Kendall, João. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. Faculdade de Letras, 30 Junho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Melo, Cláudia. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. Porto Lazer, 17 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Mesk. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. Estúdio do artista, 13 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

SEM. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. BECUH, 21 Julho 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Veshpa. Entrevista concedida à discente Ana Teixeira. E-mail, 6 Setembro 2017. Entrevista transcrita em Anexos.

Figuras:

Figura 1 – OKER (2016). acedido a 27 de Março de 2017, retirada de <https://www.facebook.com/circusnetwork.net/photos/a.266774790037473.59375.266774396704179/1063861876995423/?type=3&theater> ; Vaz, M. (2016). acedido a 27 de Março de 2017, retirada de <http://idiotmag.com/blog/2016/07/14/4-anos-circus-network/>

Figura 2 – da autoria da estudante

Figura 3 – Castro, Ana. (2016). acedido a 27 de Março de 2017, retirada de https://www.facebook.com/pg/circusnetwork.net/photos/?tab=album&album_id=1203616906353252

Figura 4 – da autoria da estudante

Figura 5 – (2014). acedido a 27 de Março de 2017, retirada de <https://www.facebook.com/festivalpushporto/>

Figura 6 – Castro, Ana. (2016). acedido a 27 de Março de 2017, retirada de

<https://www.facebook.com/circusnetwork.net/photos/a.345681008813517.73695.266774396704179/1152750581439885/?type=3>

Figura 7 – Expanding Roots (2016). acedido a 27 de Março de 2017, retirada de https://www.facebook.com/pg/circusnetwork.net/photos/?tab=album&album_id=1125503317497945

Anexos

Anexo A: Inquérito	86
Anexo B: Entrevistas a Entidades	91
B1. BECUH	91
B2. Circus Network	98
B3. Porto Lazer	100
B4. Porto Walls Forever	104
Anexo C: Entrevistas a Investigadores	112
C1. Heitor Alvelos	112
C2. Lúgia Ferro.....	119
Anexo D: Entrevistas a Artistas.....	124
D1. Fedor	124
D2. Godmess.....	126
D3. Mesk.....	133
D4. mynameisnotSEM.....	139
D5. Veshpa.....	143

Anexo A: Inquérito



Inquérito sobre a importância da arte urbana na cidade do Porto

No âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o presente inquérito pretende recolher informações sobre a **opinião das pessoas sobre a arte urbana na cidade do Porto**. O presente inquérito funcionará como instrumento de análise na elaboração da dissertação de mestrado.

Todas as informações recolhidas são confidenciais e anónimas, pelo que lhe solicitamos a maior sinceridade nas respostas. Tempo esperado de preenchimento: **5-7 minutos**.

*In the scope of the Master in Communication Sciences, University of Porto, this survey aims to gather information about **people's opinions about street art in the city of Porto**. The present investigation will act as an analysis instrument in the elaboration of the master thesis.*

*All information collected is confidential and anonymous, thus asking for all the answers to be as sincere as possible. Expected time of completion: **5-7 minutes**.*

Marque com um X a opção que melhor corresponde à sua opinião.

Mark with an X the option that best fits your opinion.

1. Sexo
(Sex)

☐ Feminino (Female)

☐ Masculino (Male)

2. Idade
(Age)

☐ até 18 (-18)

☐ entre 19 a 24 (19 to 24)

☐ entre 25 a 34 (25 to 34)

☐ entre 35 a 49 (35 to 49)

☐ mais de 50 (50+)

3. Ligação com o Porto
(*Connection to Porto*)

- ☐ residente há mais de 10 anos (*resident for more than 10 years*)
- ☐ residente entre 5 e 10 anos (*resident between 5 and 10 years*)
- ☐ residente há menos de 5 anos (*resident for less than 5 years*)
- ☐ apenas trabalha e/ou estuda na cidade (*just work and/or study in the city*)

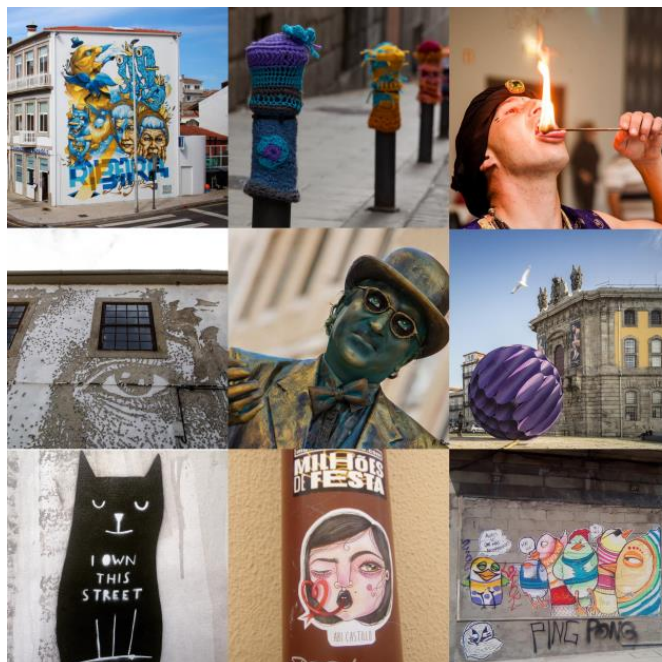
4. O que aprecia no Porto?
(*What do you like about Porto?*)

- ☐ gastronomia – comer e beber (*gastronomy – eat and drink*)
- ☐ futebol (*football*)
- ☐ segurança (*safety*)
- ☐ história e património – museus, igrejas, pontes, etc. (*history and heritage – museums, churches, bridges, etc.*)
- ☐ animação noturna – bares, discotecas (*nightlife – pubs, disco*)
- ☐ oferta cultural – teatro, exposições, concertos, arte urbana, cinema, etc. (*cultural offer – theater, exhibitions, concerts, street art, cinema, etc.*)
- ☐ natureza – rio, mar, pôr-do-sol, miradouros (*nature – river, sea, sunset, belvedere*)
- ☐ hospitalidade/simpatia (*hospitality/kindness*)
- ☐ outra (other) _____
- (pode assinalar mais do que uma opção – can mark more than one option)

5. Para si, qual a importância da oferta cultural no Porto?
(*What importance do you give to the cultural offer in Porto?*)

nada importante (<i>not important</i>)	pouco importante (<i>a bit important</i>)	neutro (<i>neutral</i>)	importante (<i>important</i>)	muito importante (<i>very important</i>)

6. Sobre arte urbana:
(*About street art:*)



6.1. Qual o seu grau de interesse por arte urbana? (What's your interest in street art?)				
nenhum (none)	pouco interesse (low interest)	neutro (neutral)	algum interesse (some interest)	muito interesse (much interest)

6.2. Qual(ais) destes tipos de arte urbana conhece?
(Which of these types of street art do you know?)

- ☐ Murais (murals)
 ☐ Yarn bombing
 ☐ Apresentações teatrais, circenses (theatrical, circus presentations)
- ☐ Graffiti limpo (reverse graffiti)
 ☐ Estátua-viva (living statue)
 ☐ Instalações (installations)
- ☐ Stencil
 ☐ Autocolantes (stickers)
 ☐ Paste up
(pode assinalar mais do que uma opção – can mark more than one option)

6.3. Gosta de ver este tipo de arte nas ruas da cidade? (Do you like to see this type of art in the city streets?)				
não gosto (dislike)	gosto pouco (slightly dislike)	neutro (neutral)	gosto (like)	gosto muito (really like)

6.4. Como classifica a quantidade de peças nas ruas da cidade? (How do you classify the quantity of pieces in the city streets?)				
má (bad)	mediocre (below average)	razoável (average)	boa (good)	muito boa (very good)

7. Em que espaços acha que se poderia praticar murais, graffiti limpo, stencil, paste up?
(In what places do you think it could be possible to practice murals, reverse graffiti, stencil, paste up?)

- ☐ muros (walls)
 ☐ paredes laterais de prédios (buildings' side walls)
- ☐ casas ou espaços abandonados (abandoned houses or spaces)
 ☐ gradeamento de montras (windows railing)
- ☐ túneis/viadutos (tunnels/overpasses)
 ☐ outro (other) _____
(pode assinalar mais do que uma opção – can mark more than one option)

8. A arte urbana costuma ser motivo de conversa com amigos, conhecidos, familiares, etc.? (Does the street art use to be a conversation topic with friends, acquaintance, family, etc.?)			
nunca (never)	raramente (rarely)	às vezes (sometimes)	muitas vezes (very often)

<p>9. Já comentou/partilhou alguma informação/imagem nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)? <i>(Did you ever commented/shared any information/images in social network (Facebook, Twitter, etc.)?)</i></p>			
nunca (never)	raramente (rarely)	às vezes (sometimes)	muitas vezes (very often)

10. Na sua opinião, a arte urbana na sociedade atual:

(In your opinion, street art in contemporary society:)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> faz parte do cotidiano
<i>(makes part of daily life)</i> | <input type="checkbox"/> é uma forma de liberdade de expressão
<i>(it's a form of freedom of speech)</i> |
| <input type="checkbox"/> é cultura
<i>(it's culture)</i> | <input type="checkbox"/> é uma forma de crítica social, económica, etc.
<i>(it's a form of social, economic critic and other)</i> |
| <input type="checkbox"/> estimula a reflexão
<i>(stimulates reflection)</i> | <input type="checkbox"/> pode representar um lugar ou época
<i>(can represent a space or time)</i> |
| <input type="checkbox"/> entretém e embeleza
<i>(entertains and beautifies)</i> | <input type="checkbox"/> outra <i>(other)</i> |

(pode assinalar mais do que uma opção – can mark more than one option)

11. Tem interesse em festivais/eventos de arte urbana?

(Do you have interest in festivals/events about street art?)

- ☐ sim (yes) ☐ não (no)

<p>11.1. Com que frequência vai a festivais/eventos de arte urbana? <i>(How often do you go to street art festivals/events?)</i></p>			
nunca (never)	raramente (rarely)	às vezes (sometimes)	muitas vezes (very often)

11.2. Conhece algum festival/evento de arte urbana que tenha sido realizado no Porto?

(Do you know any street art festival/event that have been done in Porto?)

- ☐ sim (yes) ☐ não (no)

11.2.1. Se respondeu “sim”, por favor escreva qual(ais):

(If you answered “yes”, please write down which one(s):)

(até três respostas – up to three answers)

<p>11.3. Classifique por favor a seguinte afirmação: “Os festivais/eventos de arte urbana ajudam a aumentar o interesse pela arte urbana na cidade.” <i>(Please rate the following statement: “Street art festivals/events help increase the interest of the street art in the city.”)</i></p>				
discordo totalmente (totally disagree)	discordo (disagree)	neutro (neutral)	concordo (agree)	concordo totalmente (totally agree)

11.4. Pensa que deveriam ser realizados mais festivais/eventos sobre arte urbana no Porto?

(Do you think that it should be done more festivals/events about street art in Porto?)

☐ sim (yes)

☐ não (no)

12. Utilize este espaço caso queira registar alguma sugestão que considere relevante:
(Use this space if you want to write any suggestions that you consider relevant:)

Muito obrigado por colaborar!
Thank you so much for collaborating!

Anexo B: Entrevistas a Entidades

B1. BECUH

Entrevista realizada presencialmente em duas partes aos artistas Godmess e SEM, responsáveis pelo espaço, no BECUH, a 11 e 21 de Julho de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

G: Cidade chave não. Em primeiro lugar porque estamos muito atrasados já. Mas que tem potencial, tem. Sofre ainda consequências de umas políticas erradas que tivemos aqui há poucos anos, o que não possibilitou essa transformação, como aconteceu em Lisboa, por exemplo, que sim essa começou a trabalhar muito antes tem potencial para ser e já é por muitos reconhecida como uma das capitais da arte urbana mundial. E apesar de ter começado há mais tempo, também não só isso, também fez um investimento forte nessa área, de... está a produzir, todos os anos, dezenas de murais, dezenas de projetos ou centenas de projetos com artistas urbanos, direcionados para a urbe, para a cidade de Lisboa, para as cidades adjacentes, quer Loures com o festival recente que também tem, quer Almada... há ali uma série de entidades que estão a trabalhar para um bem comum. E aqui, em primeiro lugar isso não acontece ainda, a coisa é muito recente e não se está a fazer o investimento devido, por isso acho... acho que tem potencial para acontecer coisas e para obtermos arte de qualidade a nível europeu e mundial, mas é preciso trabalhar.

S: Potencial, sim. Não é uma cidade chave no circuito de arte urbana atualmente, nem de perto, mas tem potencial sim, tem. Por vários motivos, pelo turismo que tem vindo a evoluir, não é, que a arte urbana também chama muitos turistas...

[começar de novo] Sim, tem. Tem potencial, pelo que já referi antes, por este boom turístico, porque se houver um investimento eu acredito que comece a haver algum turismo de arte urbana. Também, se houver um investimento como houve em Lisboa. No caso é o exemplo mais próximo, já existe algum turismo de arte urbana. Acho que teria, sim. Também estamos num ponto estratégico do globo, passa muita

gente aqui, não só de férias mas para passar para outros sítios, e esse tipo de abordagem mais contemporânea, não é, mais acessível a todos, sem dúvida acho que desperta interesse, não só na comunidade como nos visitantes também. Poderia levar a que se tornasse um ponto chave, uma cidade chave.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

G: Vou ter de desconstruir isso. Entre a arte urbana e comunidade é uma coisa que já se percebeu em todo o lado que é uma fórmula positiva. Já se percebeu que ela, incluída num contexto pluridiversificado, seja um contexto social de um bairro, seja numa grande empresa, que ela resulta. Tanto temos o NOS Alive a apostar em arte urbana como temos o Bairro Padre Cruz a ser intervencionado por artistas urbanos. A fórmula resulta e há provas disso.

Aqui no Porto, em particular, a coisa é um bocado ao mesmo do que já te disse, a coisa é muito diminuta ainda. Quer se dizer, já se fizeram pequenas experiências, há pequenas entidades que vão aplicando a coisa, a coisa resulta, a própria Câmara já fez coisas e a coisa resulta, mas não a um nível que, se calhar, se tenham aqui no Porto um resultado concreto ainda.

A relação da arte urbana com a Câmara, ou posso dizer com a cidade, é boa. Temos artistas de topo, diria a nível mundial, só não são a nível mundial porque nasceram no Porto, Hazul, Frederico Draw, Mr. Dheo... e a relação da própria arte urbana com a Câmara à partida não existe. Relação da arte urbana com a Porto Lazer é uma dimensão que começou por ser uma coisa com muito potencial, em que se deu a entender que a coisa de facto ia haver investimento e que se iam fazer coisas, percebeu-se que a cidade estava aberta para acontecerem essas coisas, até com este boom turístico, quer dizer... que a coisa tinha potencial. Acho que um exemplo, o maior exemplo que a autarquia teve foi o Street Art AXA Porto. Quer dizer, a autarquia nunca teve na vida nem nunca sonhou ter tanta gente para entrar dentro de uma exposição, acho que foram 20 e tal mil pessoas numa exposição. Fizeram-se filas... Aquilo era o edifício Axa ali na Avenida dos Aliados e fizeram-se filas para lá da Câmara Municipal.

Quer dizer, foi uma coisa completamente absurda. Quer dizer, acho que ninguém estava à espera, nem nós próprios estávamos à espera, mas acho que é prova de que a cidade está aberta e que tem necessidade que essas coisas aconteçam. A arte ainda é um bocadinho elitista, a contemporaneidade tornou a arte um bocadinho elitista e a arte urbana de facto tem uma relação tão próxima com as pessoas que as pessoas tendem a...a quase haver uma conexão ou uma... como é que te hei de dizer, não sei, uma homogeneidade entre a pessoa e a obra e a cidade. Quer dizer, é uma coisa tão próxima que as pessoas se relacionam tão diariamente que aquilo passa a fazer parte da vida das pessoas. Não têm de se deslocar a um museu e pagar um bilhete, não têm de especular ou ficar a tentar perceber o que é que é aquilo, quer dizer, não estou a dizer que por isso a arte urbana é fácil, porque não é fácil. Quer dizer, há muitos artistas que a obra vai para além daquilo que reproduzem ou para além da imagem que apresentam. Mas de certa forma, o estar tão próxima das pessoas, é fácil para as pessoas conseguirem interpretá-la, seja à sua maneira ou à maneira do artista, o que difere muito da arte contemporânea.

Pronto, mas acho que esta é a relação, para já, possível entre estas três coisas.

S: Eu acho que entre a arte urbana e a comunidade a relação tem-se vindo a desenvolver cada vez mais, as pessoas estão cada vez mais recetivas, curiosas, compram ou querem comprar, ou pelo menos tentam saber quanto custa, e acho que já vêm como algo bom. E já também conseguem diferenciar vários tipos de artes urbanas, do *graffiti* àquilo que chamamos de street art na arte urbana, não é, já começam a conseguir diferenciar os vários tipos de linguagem do espaço público.

Entre a Câmara do Porto e a arte urbana, uma relação esporádica, tipo aquele amigo que só vemos nas férias. Acho que é isso. Ou pelo menos tem sido.

3 - Pensam que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

G: Isso está respondido – não.

S: Não são suficientes. Não, acho que ainda não. A Câmara na figura da Porto Lazer vai fazendo um esforço para começar a acontecer coisas, mas acho que não são

suficientes, de forma alguma. Tendo em conta o paralelo estrangeiro, o paralelo Lisboa, tendo em conta o tempo que estamos atrasados, não é, ou o que nos falta recuperar, então a este ritmo não vamos recuperar assim tão cedo. Teria que haver um esforço maior.

4 - Acham que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

G: Oh, claro que sim. Não falta, apesar de a cidade, nestes últimos 5/6 anos ter sofrido uma mutação muito profunda. O Porto, sei lá, aqui há uns 6, 7, 8 anos era uma cidade decadente. Era edifícios devolutos, montes de edifícios devolutos a pontapé. A cidade era completamente, estava completamente em ruína quase. E com este boom turístico dá para perceber, basta sair à rua que grande parte dos prédios já foram reabilitados, os que não estão ainda reabilitados estão prontos a ser reabilitados. A baixa mudou muito. Mas continua a haver sítios que de facto podem ser intervencionados. Quer dizer, o Porto não é só o centro. Eu acho que a Câmara tem cometido o erro de achar que o Porto está situado entre o Estádio do Dragão e a Boavista e não é verdade, o Porto é um universo muito maior e há de facto... seja os bairros sociais, seja outro tipo de situações. Quer dizer, há muita coisa que pode ser feita, desde pequenas paredes, a empenas, a outros projetos que absorvam outro tipo de materiais, sei lá, fazermos as caixas da eletricidade é um exemplo disso mesmo. Quer dizer, há monte de coisas que podem ser feitas de uma...coisas mais temporárias, coisas mais definitivas, com vários tipos diferentes de artistas. Acho que o Porto tem potencial para isso, tem vários...o Porto é muito grande, tem vários locais em que se podem fazer coisas, é preciso é fazer coisas.

S: Sim, O Porto tem. O Porto não tem espaços para isso, tem sem dúvida espaços com bastante potencial, agora falta essa capacidade de desbloquear certos vazios, não são vazios legais, certos... por exemplo os emparedamentos, que são estruturas temporárias, não é, poderiam ser quase que sítios legais para toda a gente pintar, que eventualmente aquilo vai ser destruído quando for preciso aceder àquele espaço, aquela estrutura vai ser destruída. Então parece que poderiam funcionar como

pequenas telas legais ao longo da cidade. Isto é um exemplo. Depois temos 50 muros gigantes, traseiras de escolas, ou outros que até estão um bocado decadentes, que aí, sendo um espaço aberto à experimentação, se poderia chegar a resultados bastante interessantes.

5 - Quantas propostas de projetos apresentaram à Camara Municipal do Porto até ao momento? E quantas foram apoiadas? Alguma foi rejeitada?

G: Ok, enquanto organização Becuh, não é uma organização porque é um grupo de amigos que quer fazer coisas. Nós temos este espaço que é este estúdio e temos um espaço anexo que não estava a ser utilizado. Pronto, aqui o estúdio, o pessoal vem, como é um espaço amplo permite, pah, estar centralizado, permite fazer coisas de maior escala. Já é normal outros artistas virem cá. O espaço é meu e do Filipe que é o SEM, que também pinta, ele está na Restauração, por isso é que não pôde estar cá hoje. Foi isto, eles abriram o concurso, selecionaram-nos ontem ou antes de ontem, eles têm de pintar até ao final da semana. O [...] pintou ontem, o Alma. Ele está a pintar hoje. Pronto, então nós temos este espaço e o pessoal já vinha aqui normalmente fazer coisas, que é um espaço central. Quando queremos ir fazer coisas, geralmente o pessoal encontra-se aqui para ir fazer coisas.

E nós temos vontade de desenvolver um projeto. Nós não precisámos estar à espera, quer dizer, nós temos todas as condições, temos contatos, temos material, temos o espaço, nós não precisamos de facto de ninguém para estar a fazer aquilo que nós queremos fazer, que era mostrar, dar oportunidade aos artistas locais de poderem fazer coisas, de terem um espaço para poderem fazer coisas. Que apesar de termos uma rua cheia de galerias, a verdade é que só duas ou três galerias estão abertas em arte urbana e muito pontualmente. Tirando a Circus que trabalha diretamente com os artistas urbanos e ilustradores, que é a única organização, e posso-lhe chamar organização porque de facto eles estão ativos e são uma coisa profissionalizada sobre o tema, não existe mais nenhuma galeria que esteja a fazer isso de uma forma ativa.

Pronto, e a nossa ideia aqui era também ter um espaço que não fosse uma galeria regular. Pronto, a Circus tem a função de loja, tem a função comercial que é muito

importante pois eles têm aquilo profissionalizado, têm certos e determinados parâmetros em que não podes envolver de certa forma o espaço todo, e nós gostávamos de dar a liberdade para o artista poder de facto fazer aquilo que quisesse. Pronto. Por isso é que...nós tendo estas coisas todas a nosso favor, começámos a desenvolver projetos por nós próprios, não precisamos de estar a pedir à autarquia qualquer tipo de opinião, porque é uma coisa muito local, apesar de estar aberta aos amigos, às famílias, aos curiosos que queiram visitar, quer dizer, é uma coisa muito para o Porto. Em primeiro lugar para as pessoas que estão a fazer coisas, que gostam, a nossa ideia não é ser uma marca ou ser como a Circus. A ideia não é essa. A ideia é de facto dar oportunidade às pessoas de fazerem coisas. Por isso não sentimos essa necessidade de pedir qualquer tipo de apoio, como tínhamos tudo...não fazia sentido.

Pronto, e desde Janeiro deste ano temos desenvolvido exposições com artistas, exposições e intervenções com artistas urbanos da cidade ou que estejam ligados à rua na cidade. Já surgiram alguns contatos da Câmara para podermos fazer coisas juntos, tendo em conta até o boom que o projeto está a ter, em relação aos meios de comunicação.

5.1 – Mas mesmo por iniciativa da Câmara?

G: Sim, por iniciativa da Câmara. A Câmara contactou-nos para podermos desenvolver algumas iniciativas. Coisas muito...não são nada de mais mas já é fixe eles reconhecerem que de facto [...]. A única entidade que existe é a Circus, na cidade toda. Quer dizer, nós não somos uma entidade mas somos um grupo de pessoas que quer fazer coisas. Pronto, eles já nos contactaram, estamos em negociações para poder fazer coisas. Mas para potenciar este projeto não foi preciso isso. Nós próprios estamos a investir o nosso tempo e dinheiro para poder realizar.

S: A Câmara já nos contactou, sim. Vamos agora começar a desenvolver aqui uns workshops, começam amanhã, vão ser todos os sábados durante Julho e Agosto, ou até meio de Agosto, são os próximos 6 sábados. Amanhã é o workshop de stencil. Mas vão ser vários workshops com temas diferentes e que foi a Câmara que nos contactou sim, para começarmos a trabalhar nesse âmbito. Mas propostas diretas a eles, não, acho que não.

6 - Porque consideram que a arte urbana pode trazer benefícios para a cidade do Porto?

G: Sobre isso eu acho que há provas dadas, não é preciso estarmos a inventar nada e estarmos “ai, e se, e se...”, não é preciso colocar...as repostas já estão aí, é só ir ver. Não era preciso muito mais. Acho que é preciso é isso, é haver mais coisas, pessoas a fazer mais coisas. E muito a Câmara, assim enquanto instituição, a promover e a ter uma equipa capaz de... já se percebeu, quer dizer, tem todos os resultados, tanto a nível económico, como a nível social, quer dizer, e a Câmara está a ir para isso mesmo. Tem tudo para potenciar a cidade.

S: Por muitas razões. Pode trazer pessoas, não é, tanto pessoas de fora como pessoas de cá. Pode trazer artistas cá. O Porto também sempre esteve muito mais ligado a estes movimentos underground e é pena que este não se esteja a desenvolver muito mais...e rápido. E acho que pode trazer alegria e cor ao espaço público, que às vezes é um bocado desregulado e peculiar.

B2. Circus Network

Respondido por Ana Castro e André Carvalho, por email, a 7 de Setembro de 2017

1 - Acham que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

CN: Sim, o Porto tem certamente o potencial para ser uma cidade chave no circuito de arte urbana. Para além de termos um conjunto de artistas locais com alta qualidade e potencial, o Porto é ainda uma cidade "virgem" quando em comparação com as "mecas" da arte urbana mundial. O crescente interesse turístico na própria cidade faz também com que esta seja cada vez mais visitada por artistas que aproveitam a deixa para querer deixar a sua marca na cidade.

2 - O que pensam sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

CN: Consideramos que é um dos pontos fulcrais a serem trabalhados de forma à cidade atingir todo o seu potencial. Existem ainda graves lacunas que necessitam de ser colmatadas no que toca à comunicação entre todas as partes interessadas no assunto.

3 - Pensam que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

CN: Isto será sempre algo subjectivo. Consideramos que existe porém uma falta de projectos de relevo no meio.

4 - Acham que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

CN: Sim. A cidade dispõe ainda de um número considerável de empenas e prédios devolutos a "pedir tinta". Prova disso é que em 2014 foram legalizadas paredes para o festival Push Porto que não foram pintadas por falta de fundos. Essas paredes continuam disponíveis por exemplo.

5 - Quantas propostas de projetos apresentaram à Câmara Municipal do Porto até ao momento? E quantas foram apoiadas? Se alguma foi rejeitada, o que aconteceu?

CN: Foram apresentados alguns projectos, uns foram bem recebidos outros não. Não nos sentimos confortáveis em revelar publicamente todos os detalhes.

6 - Porque consideram que a arte urbana pode trazer benefícios para a cidade do Porto?

CN: A arte urbana pode trazer benefícios para todas as cidades, pelas seguintes razões: aumenta a oferta cultural; promove o turismo jovem e interessado em arte; torna as cidades mais bonitas; e faz com que os seus habitantes valorizem mais o espaço público. O caso do Porto não é excepção. Nota-se que desde 2014 os habitantes têm-se interessado cada vez mais por esta arte, os turistas que no visitam procuram saber onde estão as grandes obras de street art e a própria CMP tem vindo a desenvolver actividades (como tours e workshops) sobre as grandes obras da cidade. Por fim, sendo o Porto uma cidade com imenso talento na área da arte urbana, penso que ao aumentar a quantidade de obras legais resulta também na promoção dos diversos artistas locais, podendo trazer-lhes novos clientes.

7 - Consideram que há uma lista de critérios definida para quando ocorre a limpeza de peças pela cidade, ou pensam que é algo aleatório?

CN: Certamente as equipas que andam na limpeza do *graffiti* devem ter os seus critérios. No entanto julgamos que estes se baseiam mais em gosto pessoal do que em aspectos qualitativos das peças em questão.

B3. Porto Lazer

Respondido por Cláudia Melo, entrevista realizada presencialmente no edifício da Porto Lazer, a 17 de Julho de 2017

1 – Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

CM: Acho que sim, desde que o trabalho seja feito. Neste momento, repare, o programa começou em 2014 e já temos cerca de cento, de 53/54 projetos, até hoje, promovidos e apoiados pela Porto Lazer, que é a entidade responsável que está a promover o programa da arte urbana na cidade. Está-se a caminhar para que também a cidade seja forte nesse componente. Se me perguntar se neste momento existe atrativo para se posicionar num roteiro internacional, possivelmente ainda há poucas obras na cidade, mas em momentos mais esporádicos, como por exemplo foi este do Alumia, sim, há um poder de atrativo muito grande de público internacional. Isto foi um, não foi um festival de luz, mas foi uma série de iniciativas ligadas com luz, e todas as instalações ou trabalho artístico que se prenda com esta matéria é de muito interesse por parte do público, por isso houve aqui momentos em que, claramente, podiam pôr o Porto num roteiro de festivais de luz internacional, por exemplo. Não sendo isto um festival. Mas está-se a caminhar com uma segurança e devagar.

2 – O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

CM: Da experiência que temos e, por exemplo, posso falar das visitas guiadas que promovemos sempre no Verão e que vão até Outubro, esgotam praticamente todas, por isso da experiência que temos de trabalho com o público nesse sentido é ótimo porque a receção é muito boa. As pessoas vão mesmo e é curioso verificar que o público dessas visitas é muito lato, desde o neto que vem com a família toda até ao avô, e vem com o irmão, com o pai, com a mãe e com a avó. Ou seja, é uma área que interessa a muitas faixas etárias, intergeracional também.

Dessa parte, de recepção do público, claramente satisfatória. Depois poderemos falar sobre a parte de integração da comunidade nos projetos, que isso aí já é outra coisa, não é. Coisa que trabalhamos também aqui e temos sempre presente nos nossos projetos maiores, que é dotar as pessoas de um sentimento de pertença através da transformação e da criação de novas coisas. A comunidade faz parte dessa transformação e a comunidade tem um papel ativo também na criação dessas peças. E isso tentámos sempre que nos nossos projetos esteja presente. Obviamente que numa pintura mural isso não se verifica, mas verifica-se, por exemplo, de um trabalho...não sei se se recorda, no Locomotiva, foi um projeto que fizemos para a dinamização de S. Bento, houve um projeto com curadoria da Lara Seixo Rodrigues, em que havia uma série de ilustradores que pintaram portas ali junto da estação, e essas portas, de alguma forma, retratavam especificidades de lugares. O sapateiro que vivia naquela rua, há sempre um reconhecimento, uma aproximação à comunidade daquele sítio para trazer também referências para o trabalho artístico.

E sempre que possível, sim, promovemos essa ligação entre trabalho artístico e comunidade.

3 – O que pensa sobre a arte urbana como formador de identidade da cidade?

CM: Formar identidade é uma coisa muito forte, não é. Obviamente que a identidade de uma cidade é composta por múltiplas partículas e oriundas de mais variados sentidos, não é, tudo junto é que formam a identidade. Sim, Fazendo parte de uma dessas partículas que formulam uma identidade, obviamente que tem que ter importância. Mas a pergunta não seria bem essa.

4 – Porquê a separação de arte urbana e arte pública?

CM: Uma questão de gestão e logística. Se quiser separar os termos artisticamente e contemporaneamente, possivelmente encontrará fronteiras muito ténues, não é. Em termos de logística, foi assim a forma encontrada para conseguirmos trabalhar e também porque a Porto Lazer é responsável pela dinamização das ruas da cidade, viu nesta forma de arte um pouco mais efémera o seu objeto de trabalho.

Enquanto que a arte pública, estamos a falar de estatuária, de coisas mais perenes, os nossos projetos não são tão prolongados no tempo em forma física, e materialmente sim, não é, porque ficam as memórias, ficam as experiências com a comunidade, ficam os registos, e ficam as transformações também económicas, sociais que estes projetos vão provocando... mas basicamente foi por uma questão de logística, objeto de trabalho dos dois departamentos.

5 – Relativamente a peças expostas, a Porto Lazer colabora com algum tipo de critério de seriação sobre quais se devem ou não manter?

CM: Não, nós... vamos lá ver. Isto, nós fazemos encomendas. Nós temos duas formas de apoio aos artistas que é: encomenda, não é, um trabalho comissionado e depois um apoio que pode passar só pelo licenciamento das paredes. Se um artista propuser “quero pintar nesta parede, peço a vossa ajuda para os licenciamentos”, porque os licenciamentos têm um custo, sendo a Porto Lazer, no âmbito do programa da Arte Urbana, a solicitar os licenciamentos, os artistas ficam isentos dessas taxas. E podemos fazê-lo nesse sentido, certo? Depois, quando há uma encomenda, fazemos tudo. Pagamos o fi do artista, os seus honorários, pagamos os materiais, pagamos a produção e pagamos licenciamento também. Por isso, essas peças, estas duas peças, logicamente que estão licenciadas, estão legalmente na cidade. E sobre elas temos autoridade, autoridade de pelo menos termos a intenção, porque os licenciamentos podem ser feitos até um ano, e findo esse ano, aquilo que nós fazemos é uma prorrogação do prazo de licenciamento. Anualmente vamos renovando esses licenciamentos, logo estamos a dizer que queremos que estes trabalhos permaneçam na cidade, correto?

Sobre os trabalhos que não temos licenciamento, não temos qualquer autoridade. Não podemos fazer um...dizer “mantenham esta pintura” porque não temos o licenciamento, porque ela não está no nosso sistema.

6 – As iniciativas promovidas pela Porto Lazer costumam ter uma boa receção por parte da comunidade?

CM: Sim, isso claramente que sim.

7: Considera que a arte urbana pode trazer benefícios para a cidade do Porto? Porquê?

CM: Sim, pode, claro. Aliás, todas as formas artísticas podem trazer benefícios para uma cidade. Independentemente de estarmos a falar do Porto ou de uma outra cidade qualquer. A arte urbana tem talvez o poder, e mais uma vez digo que eu quando falo de arte urbana falo num âmbito mais alargado do que a pintura mural, tem a capacidade de promover transformações sociais, políticas, económicas numa cidade, ainda que não permaneça ad eternum, ainda que a forma física não fique para todo sempre. A comunidade, por exemplo, esta comunidade teve esta peça [peça específica do Alumia] neste dia e chamou aqui as pessoas para fazerem com que a luz acontecesse, porque isto tinha...as pessoas tinham que rodar uma manivela para a luz acontecer. E isto provocou visitas a este espaço, fez com que pessoas que não conhecessem esta localização fossem e passassem, fizessem um conhecimento e reconhecimento da sua própria cidade. Com este tipo de intervenções, não estou a dizer só estas, mas por exemplo com intervenções ou dinamizações mais concentradas, conseguimos alavancar todos os aspetos que dizem respeito e que compõe uma cidade, não é.

Estou-me a lembrar, por exemplo, do Locomotiva mais uma vez, que era ao lado da Estação de S. Bento, nós ocupámos a praça que estava aqui ao lado, depois isto é a Rua da Madeira, onde tem o mural de azulejo do \pm maismenos \pm , fomos nós que fizemos também, esta zona, através da arte urbana, conseguiu...primeiro, conseguimos reabilitar ou renovar a fachada de um edifício. Se pudermos falar em reabilitação urbana, podemos. Não estrutural, não é, mas podemos também. Dinamizamos esta zona de comércio?, sim, os comerciantes que aqui estavam, durante um período de tempo em que nós ativamos esta zona viram a sua atividade incrementada. Levamos para aqui pessoas, fizemos aqui concertos, promovemos eventos culturais, concertos, cinema, exposições, etc etc. Ou seja, tudo isto criam forças que se vão expandir para as pessoas e para o local, não é. O que depois fica?, fica essa estadia, fica essa memória, fica esse impacto...que não é visível a olho nu mas que fica marcado e que depois leva a que novas entidades venham e que vejam aquele lugar como um potencial económico, político, social, etc. Por isso, sim, é importante.

B4. Porto Walls Forever

Respondido por João Kendall, entrevista realizada presencialmente, na Faculdade de Letras, a 30 de Junho de 2017

JK: A Porto Walls Forever começou aqui, em Letras, quando eu estava a fazer História da Arte. Eu já tinha feito alguns trabalhos sobre *street art* antes, mas depois comecei este projeto juntamente com outros colegas para Gestão de Património. Depois o semestre acabou e eu continuei com o projeto. E basicamente, neste momento, é um projeto académico onde basicamente os objetivos são de registar, estudar e divulgar o que tem acontecido de *street art* no Porto, principalmente a micro práticas, ou seja, as coisas mais pequenas. Neste momento as únicas expressões que a Porto Walls Forever tem, são apresentações em colóquios, artigos e as visitas guiadas que faço no Porto através da withlocals.

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

JK: Essa é uma pergunta complicada porque... Olha, ainda ontem estive a falar com o tal dirigente da GAU e a comparar coisas porque, por exemplo, em Lisboa o que acontece é quase uma saturação de espaços muito grandes. Primeiro, eles têm espaços para isso, têm os meios para isso, têm os artistas e contactos para isso. O Porto, no entanto, acho que se pode destacar um bocado pela diferença. Nós temos... O que nós temos no Porto é de facto muito particular e acho que há possibilidade de nos destacarmos e de criar uma marca no circuito europeu, pelo menos, de *street art*, tal como algumas cidades francesas como Marsella se estão a destacar, por exemplo, pelo *toy style* exatamente, como Lisboa, e estou a falar de Lisboa mesmo se destaca também pelo *toy style*, porque tem lá o Germes, tem o [...], esses artistas todos de...mundiais. Acho que sim mas é preciso muito trabalho e, acima de tudo, é preciso consciência e não cair um bocado nos erros que Lisboa, por exemplo, está a cair, que é uma tal chamada...uma tal vontade de criar mais, e mais, e mais, que às vezes a qualidade ou a lógica curatorial passa para segundo, terceiro, quarto e quinto plano.

2 - O que pensam sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

JK: Bem, é muito complicado porque... É assim, o que a Câmara está a fazer e sempre esteve a fazer ainda está muito marcado pela Brigada Anti-graffitos do Rui Rio. Mesmo com a abertura que a Câmara demonstrou em anos passados, ainda é muito complicado, principalmente pelo facto de a Câmara não ser de todo transparente quanto ao que está a fazer. Se temos assim algumas ideias de que há uma lista de artistas, uma white list de artistas, de certo tipo de peças, de certo tipo de práticas, mas não é óbvio, ou a Câmara não diz de maneira nenhuma quais é que são, e muitas vezes quando diz o que é que está a fazer, toma atitudes completamente opostas. Por isso a relação dos artistas com a Câmara é muito complicada, porque de facto tens aquele grupo, que é basicamente o que vai participando nas feiras e nas mostras, que tem uma relação interessante, digamos, com a Câmara, que anda com eles volta e meia, mas ainda assim quase que são alvo de uma... não exatamente uma curadoria, mas tentativa de criação duma narrativa, quase. Porque é isso mesmo, no pensamento de muitos artistas, essa ideia do que a Câmara está a fazer neste momento é a criação de narrativas, e isso nota-se perfeitamente. E acho que esta é a mais incrível de todo sempre que é quando veio cá o Anthony Bourdain, que eles apagaram as paredes todas por onde ele passou, junto à ribeira, junto à Praça dos Leões, em imensos sítios, e ao mesmo tempo convidaram o Mr. Dheo para ir pintar uma pela para ele. O que revela muito sobre a atitude que a Câmara tem e a maneira como os artistas veem a Câmara.

Aliás, é um mundo do público geral, com estas práticas, acho que de facto a Câmara está a fazer é criar uma narrativa visual que é fácil aprender e que faz sentido no Porto ainda assim, que acho que as pessoas se conseguem ligar muito mais facilmente a estas peças do que se fosse uma coisa feita completamente ao acaso, e é preciso dar algum crédito.

3 - Pensam que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

JK: Não de todo. Que é uma coisa que é muito...é pena, mete-me uma pena profunda, ou seja, que é que quando entrou o Rui Moreira, o número de projetos começaram a aumentar e começaram a aumentar até de forma exponencial até certa altura e foi ótimo. Durante muitos meses a Câmara parecia que estava a começar a criar...que estava a começar a avançar, mas depois isso tudo travou abruptamente quando faleceu o Paulo Cunha e Silva, que era uma figura importantíssima. A partir desse momento, parece que a Câmara estava toda dispersa, tu vais falar com Dr. [...] e diz-te “Ai não, isso não é connosco, isso é com aqueles senhores da Câmara”; vamos falar com aqueles senhores da Câmara e eles dizem “Ai não, isso não é connosco, isso é com aquele departamento”; vamos falar com o departamento e eles dizem “Ai não, isso não é connosco, isso é com Dr. [...]”.

E de facto isso notou-se, por exemplo, o mural da Restauração, atrás do Palácio de Cristal, logo desde o início havia a ideia daquilo estar em constante mutação, de seis em seis meses abrir uma nova vaga de intervenções. Neste momento abriu há umas semanas novo concurso mas, para lá disso, esteve quase um ano sem sequer se ouvir falar daquilo. Não vou falar das escolhas que eles fazem mas isso é de toda uma outra questão. Mas a Câmara tinha esses coisinhos todos e acho que, se de facto, com vontade é possível recomeçar regularmente até porque o número de artistas no Porto tem florescido muito.

Depois também individuais e privadas... O pouco que temos tido no Porto, já vou falar de outros sítios, têm sido principalmente as galerias e muitas vezes nisso ocorre aquele problema que é: ‘tá-se a tratar de artistas de rua em exposições que não têm qualquer espécie de relação à rua, e isso nota-se muito bem quando se vê umas das poucas iniciativas privadas no Porto, que é o BECUH, porque naquelas exposições...naquele espaço, as exposições assumem-se como continuação da prática de rua dos artistas. Um melhor exemplo disso foi a exposição do Hazul, que foi praí a terceira ou quarta exposição que fizeram lá. E basicamente o que é que tinha o espaço? Tinha esboços, tinha alguns desenhos, tinha um *paste up* desfeito e tinha artefactos roubados da rua de Paris, e tinha um vídeo a mostrar as intervenções na rua, ou seja, não tinhas nenhuma peça em si no espaço. O espaço era apenas a mostrar as intervenções de

rua e como que te a dizer “agora a exposição a sério começa lá fora”. E o BECUH tem-se movido muito nessa dialética «espaço fechado e rua», que acho que é uma falha muito grande em alguns espaços como a Circus, por exemplo. A exposição do Contra e do Draw, por exemplo, estava extraordinária, mostra-os como artistas e tem uma lógica, uma lógica individual. Incrível aquela exposição, está fantástica, mas há ali essa falha, que é uma pena grande que é não falar da rua.

E é engraçado quando tu olhas para Matosinhos, porque Matosinhos tem tido muitos, muitos, muitos projetos, desde pessoas a pedirem intervenções em casas e fachadas, os projetos todos que o SEM tem trabalhado, como o Flash que é uma parede brutal. É gigantesco, são 12 artistas, cada um maior que o anterior, cada nome maior que o anterior, tudo feito em colaboração com o Clube Desportivo local. A Desenlata, que já vai agora para a 3ª edição, começa por ser um festival de arte independente, não, desculpa, festival de arte ilegal de Matosinhos. Depois é que muda para festival de arte independente, a Câmara... E caramba, aquilo encheu Matosinhos de peças com uma lógica curatorial muito concisa, nomes internacionais como [...] e o [...], que são nomes fantásticos, envolveu a comunidade, convidou pessoas para selecionar peças, até para pintar nos workshops... De facto eu acho que é possível fazermos muita mais coisa se houver pessoas com vontade de fazer e abertura da Câmara. Muitas vezes não há.

4 - Acham que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

JK: Sem dúvida. Isso é outra coisa que eu estive a falar com o SEM também. Eu acho que neste momento o que faz muita falta no Porto, para além das grandes intervenções que acho que é possível, é também uma parede legal, uma parede livre aliás, para que qualquer pessoa possa pintar, e há muitos espaços perfeitos para isso. Há por exemplo a Faísca, no Foco, que já é praticamente tratada por toda a gente como parede legal; tens a fábrica abandonada de Francos que também é um spot perfeito para isso. Até tem havido algumas intervenções de guerrilla gardening, o único sítio do Porto, mas é fantástico. É um espaço fantástico onde a Câmara insiste em apagar e apagar e apagar, não se percebe bem porquê. E há bastantes mais sítios, e é uma coisa

que faz muita falta porque repara, tens muitos artistas a vir para o Porto. Eu tenho conhecido ultimamente imensos que foram ao Loures, e que depois de Loures, foram um bocado para Lisboa e vieram para cá. E onde é que eles vão pintar? Pintar às fábricas, Matosinhos, pintar os spots abandonados. E ter um sítio como a Calçada da Glória em Lisboa era uma mais-valia extraordinária porque de facto chamava muitos artistas, de certa forma fomentava o comércio local, porque ninguém traz latas de fora, e dava de facto um selo cultural à cidade, mostrava de facto uma abertura em relação às novas práticas e ainda possibilitava a criação de um portfólio local de obras.

Quanto às grandes intervenções ou até intervenções em média e pequena escala acho que é perfeitamente possível. Ainda há muitas paredes no Porto onde seria fantástico ver intervenções e, lá está, é apenas preciso alguma abertura por parte da Câmara.

5 - Quantas propostas de projetos apresentaram à Câmara Municipal do Porto até ao momento? E quantas foram apoiadas? Alguma foi rejeitada?

JK: Neste momento ainda não cheguei a apresentar nenhuma. Quer dizer, pelo menos individualmente, porque depois com o projeto da Dra. Lígia Ferro foram apresentadas propostas à Câmara que, ou foram completamente negadas ou ignoradas. Propusemos ao Criatório, por exemplo, que ficou lá para meio da tabela, nem sequer fomos a lado nenhum. Eu não...para mim era-me difícil apresentar propostas à Câmara, que eu cheguei a apresentar à de Matosinhos, e na de Matosinhos mostraram-me até alguma abertura, só que tanto na do Porto como na de Matosinhos precisava de toda uma série de elementos burocráticos que não tenho acesso. É preciso ter atividade aberta e outras coisas que não me compensavam simplesmente, e prefiro continuar a fazer as coisas de forma independente.

6 - Porque consideram que a arte urbana pode trazer benefícios para a cidade do Porto?

JK: Ora bem, em primeiro lugar acho que muda e muito a imagem geral da cidade. Mostra uma cidade muito mais aberta a atividade cultural e às questões das novas estéticas urbanas, e acho que isso é muito importante para mostrar que o Porto é

uma cidade com vista para o futuro. Depois também fomenta muito o turismo, desde artistas que pararam cá houve muita gente interessada e nisso eu dou visitas guiadas, e até agora num espaço de ano e meio já fiz quase cento e...deve andar por volta das 130 visitas, algumas delas a grupos de 35 e 40 pessoas duma só vez vindas da Holanda, e que mesmo sem terem vindo ao Porto já sabiam “não, nós vamos ao Porto e o que queremos fazer é ver a street art”.

6.1 – Já tinham programado?

JK: Visitas marcadas com meses de antecedência. Sim, e depois obviamente que é uma, não digo que seja uma forma de contrariar o simples “vandalismo”, note-se as aspas, porque obviamente não é possível ter uma coisa sem a outra, não é possível ter as grandes intervenções sem ter os *tags*. Aliás, notava-se ainda nos tempos da Brigada *Anti-graffiti*, o facto de apagarem uma peça, uma peça grande como eles faziam, isso apenas causa maior vandalismo em maior escala, porque se apagar uma peça, a resposta dos *writers* é automaticamente “ok, então vou deixar ainda mais *tags* que é para ver se eles se lixam” e isso era óbvio, quantas vezes é que eles apagaram na Lapa e bastou ir o [...], com uma lata, mandar sete *tags* pela parede fora e todo o dinheiro que gastaram a limpar aquele espaço todo já foi para o lixo porque uma pessoa com 6€ compra duas latas e pronto.

Acho que também era uma coisa que fomentava muito também a capacidade e a discrição cultural do público geral, porque é expô-lo a práticas diferentes, e aí que entra a questão da curadoria, era muito bom para a cidade e não apenas dar aquilo que as pessoas querem ou acham que querem, mas também dar aquilo que elas precisam, investir em peças com estilos diferentes e em artistas diferentes, não só porque têm renome internacional, mas porque são coisas originais e que fazem sentido no Porto. Por exemplo, o Up There em Matosinhos caiu um bocado nesse erro, chamou os artistas de nome... e aqueles que muito obviamente deviam chamar, não?

Faz muito sentido chamar nomes de fora, se só trabalhas com certos artistas num certo local, crias ali um micro, uma bolha. Não [se deve] menosprezar artistas locais para favorecer artistas de fora.

7 – Sente que há bastante interesse por parte das pessoas em conhecer a street art do Porto? Normalmente, costuma ser muito mais os estrangeiros ou ainda consegue ter portugueses?

JK: Certo. Para as tours, eu há meses e meses que não dou uma tour em português, mas também é porque o meio que eu uso é mais dirigido para turistas. Eu uso a plataforma *withlocals* que se dirige mais para esse mundo.

Eu sei que há interesse do pessoal local em conhecer estas práticas, não tenho dúvida nenhuma, mas às vezes acho que empanca um bocado, e de facto não exploro mais porque não há muita informação acerca disso. Ainda há algumas páginas, por exemplo, que...sei lá... “arte no porto”, a “porto street art”, que vão recolhendo e inventariando as práticas e as peças, mas depois qualquer tipo de informação acerca delas... [não existe]. E acho que não haver, até por parte da Câmara, não haver informação acerca disso, onde se possa muito facilmente ir e dizer “olha, há alguma coisa que eu possa ver?”, algum website onde tenha sequer biografias dos artistas não há. Meia dúzia de artigos no website do Porto.ponto e pouco mais. Por isso é que muitas vezes se eles querem informação, vêm ter comigo, por vezes ainda vão à Circus, ou então até já vão diretamente aos artistas porque é a forma mais fácil.

8 – Considera então que o facto de apagar peças mais elaboradas, em que o artista perdeu muito mais tempo e que normalmente são muito mais valorizadas, acha que a Câmara deveria ter mais consciência de que, ao fazer isso está a piorar mais a situação, que se mantivesse isso o estado da cidade seria muito mais “limpo”?

JK: Sim, completamente. Eu acho que a Câmara precisa urgentemente de modificar as peças que valoriza porque, neste momento, até ligando para a Câmara, como os senhores guerrilla gardening de Francos fizeram quando apagaram a peça lá no espaço deles, aconteceu que...é que ainda por cima era uma peça dos DTLS em que tinha nos cantos das peças, dos nomes, aquilo foi para aí feito pelo Deepto e por mais alguém naquele estilo do toy style elaborado que eles têm e nos cantos tinham dois cães meio Pluto distorcido, e apagaram só o recheio, deixaram só os dois cães.

Os senhores que fazem guerrilla gardening nesse espaço olharam para aquilo e ficaram parvos e ligaram para a Câmara para perguntar “que raio é que é isto?”, ao que a Câmara lhes disse “ah nós apagamos aquilo porque eram letras, nós deixamos ficar os personagens”. Ora, neste momento, também em Francos estão uns gatos horríveis, mas tipo para lá de horríveis, pintada por uma miúda que assina, o nome de *graffiti* é Maria e, oh pah, simplesmente valorizar o facto de ser uma personagem ou não, não tem qualquer espécie de legitimidade. É preciso que a Câmara perceba rapidamente que há certas coisas que dentro da lógica do *graffiti* têm qualidade por estes fatores, que uma peça feita dentro do âmbito das personagens tem valor por causa destes fatores, e por aí fora. Não pode simplesmente colocar um carimbo e dizer “esta é uma boa personagem, esta não é uma boa personagem”, e é perfeitamente absurdo.

8.1 – Na sua perspetiva, acha que a Câmara não tem uma lista de critérios definida quando decide...

JK: Não. Não. E também um grande problema é isso que não percebemos, em boa parte, embora haja as diretrizes e haja... há o rumor de que haveria esta forma em que os trabalhadores da Câmara que andam a limpar as paredes tirariam fotografias às peças e mandavam para a Câmara. Nunca cheguei a saber se era verdade ou não. O certo é que, e nós temos noção disso, que muitas vezes o critério se as peças ficam ou não está a cargo dos próprios trabalhadores. Complica muito. Mas sim, de facto acho que a Câmara não tem... se tem os critérios, são demasiado simplistas, se não os tem, então oh pah, que os arranjem.

Anexo C: Entrevistas a Investigadores

C1. Heitor Alvelos

Entrevista realizada presencialmente, no edifício do PINC, a 5 de Setembro de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

HA: Ora bem, parece-me que essa pergunta pode levar-nos a duas respostas, a dois cenários possíveis, dependentes da forma como caracterizamos a arte urbana. Penso que é importante pensarmos, antes de mais, se a nossa definição de arte urbana, no âmbito deste trabalho, do seu trabalho, vai incidir mais sobre um determinado tipo de fenómenos relativamente espontâneos, ligados a subculturas, geridos pelos próprios, disseminados pelos próprios, autonomamente. Ou se estamos a falar de programas mais oficiais, com [...] institucional. Pese embora estes dois cenários poderem trocar e até intercalar. Penso que o *modus operandi* é muito distinto. Uma coisa é nós termos uma rede de artistas que decidem intervir no espaço urbano de livre vontade e, às vezes até de forma clandestina. Outra coisa muito diferente é termos programas de apoio, patrocinados e financiados por entidades institucionais que normalmente têm um efeito perverso de cristalizar determinado tipo de modelos criativos. Falando de incentivo, acaba muitas vezes até por travar.

Portanto, que é isto do circuito mundial da arte urbana? Se falarmos, não é, deste tipo de definições mais ligadas aos patrocínios institucionais, circuitos institucionais, enfim, é uma questão de contratar os nomes certos para que a coisa possa ser inscrita nesse tal circuito. Eu penso que a arte urbana na sua vertente institucionalizada não é muito diferente de um museu. Serralves está no circuito internacional porquê? Eventualmente, porque negociou determinado tipo de circulações de nomes de artistas consagrados, de exposições de referência, e portanto passa a estar nesse circuito. O mesmo se pode passar aqui. Se o município do Porto convida o Banksy para fazer uma obra no Porto, dando um exemplo fictício, se calhar impraticável mas, percebe a ideia?

É evidente que fica no circuito internacional. Agora até que ponto é que isso é compatível com esse tal outro conceito [...] em que estamos a falar fundamentalmente, não é, de um conjunto de criativos, artistas, alguns relativamente associados ainda àquela mitologia do graffiter rebelde, aquela expressão inglesa “keeping it real”, que funcionam autonomamente, que criticam o sistema, que agem nos seus próprios termos, clandestinamente, não é, negociando ali [...] o que é a concretização artística e as possíveis penalizações e riscos. Isso aí é outra coisa. E aí eu penso que o Porto já esteve se calhar mais fértil do que está agora, na medida em que, paradoxalmente, muitas vezes este tipo de fenómenos mais livres e mais espontâneos têm tendência a florescer em contextos mais caóticos, mais desregulados, como se calhar era o Porto por exemplo há 10 anos. Em que era uma cidade mais suja, se calhar menos apetecível em termos turísticos mas que na qual, paradoxalmente, se calhar as paredes estavam cheias de coisas muito mais exóticas e estranhas e surpreendentes. Não estou a defender nem...estou só a tentar analisar.

Portanto, resumindo, parece-me que a resposta à sua questão depende fundamentalmente de nós clarificarmos de que modelo de arte urbana é que estamos a falar. Programas institucionais, não é, com chancelas e com incentivos, ou de algo que funciona mais autonomamente e mais clandestinamente, que trata de si próprio sem se preocupar muito com o que é que as autoridades querem.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

HA: Isso é uma pergunta para escrever uma tese inteira. O que é que eu penso sobre arte urbana, comunidade e câmara? É um triângulo interessante, é um triângulo de cooperação e de tensão também simultaneamente. Voltamos à necessidade de definir arte urbana, que é isso de arte urbana? A arte urbana são murais feitos por artistas reconhecidos, ou podem ser coisas mais improvisadas, como por exemplo...a Ana conhece aquele mural estranhíssimo que está naquela rua, não sei se se chama Damião de Góis, que sobe paralelamente à Constituição, do lado esquerdo? Feita por um sem abrigo que começou a desenhar o Porto junto ao semáforo, e criou um mural muito

incipiente, da paisagem do Porto, e à medida que ia desenhando ia pedindo dinheiro no semáforo. Entretanto ele foi-se embora e veio outro, e fingiu que era ele o autor e começou a acrescentar coisas. Eu penso que já vai no terceiro autor, e aquele mural é das coisas mais bizarras esteticamente, que pode ver nesta cidade. É fascinante o que ali se está a passar porque não responde a ninguém e tem o apoio financeiro dos condutores que vão passando e dão uma moeda no semáforo. Isto é arte urbana? Ou é pura e simplesmente uma excentricidade e uma bizarria?

Portanto eu volto a dizer que é de extrema importância nós definirmos qual é o modelo de arte urbana que estamos a falar e se calhar também o modelo de arte urbana que queremos cultivar. Porque eu defendo novamente o que disse à pouco, as entidades oficiais podem com a melhor das intenções querer incentivar determinado tipo de expressões, mas ao fazê-lo podem estar também simultaneamente a restringir os modelos possíveis, as estéticas possíveis e assim sucessivamente. Portanto, qual é o modelo de arte urbana que nos interessa, qual é o modelo de arte urbana que queremos falar?... É um modelo em que as pessoas nas suas comunidades podem realmente exprimir-se? Ou é um modelo mais regulado em que há, como aliás o anterior presidente da câmara penso que chegou mesmo a instituir, há inscrições, há formulários de pedido de criação de *graffiti* e pronto, coisas mais reguladas. Esta não é uma resposta para eu dar. É sim uma outra reflexão para quem se preocupa com estas coisas e, acima de tudo, para quem tem de decidir sobre estas coisas.

Portanto, pretendemos um modelo mais desregulado em que, por exemplo, lá está, as tais comunidades podem elas próprias tomar conta do seu espaço, lá realmente a necessidade não é de instituímos políticas transversais à cidade, que vão decidir o que é que pode estar, onde, com que estética, em que termos, com que conteúdos e por aí fora. Por outro lado, se calhar, também pensando melhor, eu acho que há aqui uma questão curiosa que tem que colocar relativamente ao próprio conceito de comunidade. O que é que é isso de comunidade? E o que é a comunidade no Porto? Eu não tenho a certeza, até porque considero, e já tenho escrito um pouco sobre isso que Portugal tem um mau registo no que diz respeito à existência de verdadeiras comunidades, ou seja, há pouco sentido de bairro por exemplo, na cidade do Porto. Chegamos aqui ao lado na Espanha e

temos o contrário disso, não é, as cidades espanholas organizam-se genuinamente por bairros, em que a vida de bairro é extremamente importante. Portanto, há ali uma escala intermédia entre o indivíduo, o círculo familiar e a cidade que é extremamente importante e que é cumprida exatamente por esta ideia de se pertencer a uma espécie de micro ecossistema que em si mesmo já acaba por ser quase que político. O Porto não tem muito isto, o Porto não tem esse passo intermédio entre o que é o indivíduo e o seu círculo mais restrito de amizades e de relações e a cidade no seu todo. O que é que no nosso cotidiano funciona como comunidade? Em geral, muito pouco. A geografia da cidade tem, obviamente, freguesias e por aí fora, mas afetivamente e em termos semânticos, as pessoas revêm-se nessa geografia, criam ali um ecossistema que chamam seu? Raramente. É capaz de haver pequenas comunidades mas são pequenas e são se calhar bastante discretas. [...] Que bairros no Porto é que têm essa vida de bairro, essa identidade em nome próprio, que fala por si e que puxa por si própria, que se organiza politicamente e para se defender? Onde é que isso está? E não só no Porto.

Portanto, regressando ao conceito de arte urbana, penso que ela também está muito dependente, e este triângulo, não é, arte urbana + comunidade + Câmara. Pronto, sobre arte urbana, pronto, já defendi que é preciso clarificar qual é o conceito que nos move exatamente, a definição de arte urbana. Também argumento que neste caso, se calhar, precisamos clarificar o que é isto da comunidade, porque argumento que há muito pouco sentido de comunidade em Portugal, de uma maneira geral. E isto não é uma censura, não é uma moralização da questão, é uma evidência sobre a qual depois se trabalha. Há pouca vida de bairro. [...] também o fenómeno do trânsito que passa na cidade de forma absolutamente impune e agressiva. Conduz-se por todo o lado, não há zonas pedonais, zonas que possam consolidar a ideia de bairro. Dei o exemplo de Espanha apenas porque está aqui ao lado. As cidades espanholas são fundamentalmente pedonais, e quando os carros circulam no centro, circulam sempre a velocidades muito restritas e a prioridade é sempre dos peões. Aqui é ao contrário, os carros aqui são armas.

[...] muitas vezes as próprias comunidades não existem ou não podem existir porque é a própria geografia ou geometria dos bairros que não o permite. Nós podíamos

ter uma comunidade na Praça Carlos Alberto, podíamos ter tido, e nunca a tivemos porquê? Porque não tínhamos um ponto de encontro central. E portanto aqui o pessoal da escola de teatro ficava no jardim da escola de teatro, o pessoal do PINC ficava no PINC, e o pessoal das Ciências da Comunicação ficava nas Ciências da Comunicação, o pessoal do hotel ficava no hotel, o pessoal da Polícia ficava na Polícia, e cada um no seu canto. Porquê? Porque não há um ponto de convergência. O ponto de convergência é um parking feio e obviamente as pessoas não vão para o parking fazer piqueniques nem beber uns copos no Verão. Pronto, esta relação entre o espaço físico geográfico e o conceito de comunidade e a possibilidade de desenvolver uma comunidade é crucial, apesar de que também levanta questões interessantes quanto à arte urbana. Qual é o papel da arte urbana então? É apenas, não é uma referenciação simbólica ou estética, ou pode até eventualmente ter um papel ativo na resolução destes problemas? Não sei, se calhar deixo esta questão como resposta. Deve ter e ou está a ter?

3 - Considera que a realização de iniciativas de intervenções artísticas legais na cidade pode trazer benefícios para a cidade?

HA: Acho que sim, claro que sim. Então, a arte é uma boa ideia, o exercício estético, frequentar espaços esteticamente aprazíveis, bonitos, com coisas interessantes. Parece-me sempre uma boa ideia, claro que sim. Agora, não pode é ser o único paradigma. Nem pode ser a única via de esteticização dos espaços. Há outras das quais já falamos, pelo menos algumas.

4 - Pensa que deveriam ser realizadas mais iniciativas/projetos ligados à arte urbana na cidade do Porto?

HA: Sim, mas de proveniências diversas. Voltamos à questão para assumir que os agentes oficiais, institucionais, não podem nem devem ser os únicos agentes de promoção da criatividade. Portanto, a palavra comunidade aqui acho que é mesmo importante. A primeira coisa a fazer eu acho que é incentivar esse florescimento de espírito comunitário, de realizações de coletivos, e dar a esses coletivos também alguma autonomia. Penso que o papel de qualquer entidade oficial pode e deve ser até se calhar

muito mais o papel de regulação de um equilíbrio que é difícil mas que é possível e desejável entre o que é efetivamente uma promoção direta, portanto, um incentivo oficial à concretização de projetos criativos e um deixar fazer, para o qual também tem de haver espaço. Senão isto fica tudo um bocadinho acético, não é, e a cidade perde com isso. Qualquer cidade, lá está, inscrita no circuito internacional tem a sua dose de clandestinidade, de fatalidade espontânea. Não há cidade, não há metrópole que não tenha isso, não há. E portanto, se de repente todo o espaço público, toda a criatividade em espaço público é regulada institucionalmente, a cidade em termos semânticos, e se calhar em outros termos, vai-se reduzir, vai ficar mais pequena.

5 - Tendo em conta que, dentro da Câmara Municipal do Porto, a arte urbana (à responsabilidade da Porto Lazer) se encontra separada da arte pública (à responsabilidade do Departamento da Cultura), e que, aquando das ações *anti-graffiti*, a seleção das peças que são excluídas, entre outros tipos de gestão que estão a cargo de um terceiro órgão, o que pensa sobre esta forma de organização e de que forma a mesma pode ou não ser problemática para outras entidades que pretendam organizar projetos com a colaboração da Câmara?

HA: Pois, olha, não sei porque não estou mesmo familiarizado. É a primeira vez que estou a ouvir isso. Não sabia dessa divisão entre a arte pública e a arte urbana. Assim à partida parece estranho, obviamente. Mas se calhar não tenho informação suficiente, não é. Precisava de perceber o porquê dessa divisão, se calhar há uma argumentação possível. [é dada a explicação que a Porto Lazer deu em entrevista] Pois, não sei, não sei se tenho muito a dizer sobre esta questão, porque realmente considero que, enfim, uma estrutura interna da Câmara é claramente algo que me transcende e precisaria de conhecer melhor o contexto para me poder pronunciar. À partida parece estranho estarem separadas, provavelmente se calhar até o mais decisivo nem sequer é a própria estrutura mas é mais se há um diálogo efetivo entre as partes responsáveis. Se são pelouros distintos mas falam entre si e se comunicam permanentemente e se têm projetos comuns, então tudo bem, é apenas uma estrutura mas que depois na prática se dissolve em concretização comum. Se realmente são duas vias completamente distintas

e não se comunicam, então eventualmente potencialmente pode ser um problema, não é, porque a cidade é a mesma, o espaço é o mesmo, e às tantas as coisas começam a sobrepor-se de formas incoerentes. Mas também volto ao meu argumento original, uma dose de incoerência também não fica mal.

6 – Considera que há uma lista de critérios definida para quando ocorre a limpeza das peças pela cidade, ou se é algo aleatório?

HA: O que é que lhe parece a si? [...]

C2. Lígia Ferro

Entrevista realizada presencialmente, na Faculdade de Letras, a 19 de Julho de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

LF: Sem dúvida. Julgo que, ainda por cima, aproveitando esta fase, esta maré alta do turismo e do interesse internacional pela cidade, não é, e pelo país em geral, mas pela cidade também em particular, vários meios de comunicação social, vários guias turísticos têm apontado o Porto como uma cidade de grande interesse, e uma parte desse interesse vem precisamente da parte cultural, da rua, dos espaços públicos da cidade. E a arte urbana vivendo muito nesse tipo de espaços, com certeza que iria também contribuir para um enriquecimento da cidade, atrair até mais pessoas devido a esse investimento. Portanto eu acho que o potencial está cá todo, agora é preciso é realmente vontade do poder camarário, e também de outras instituições que estejam ligadas às artes e à cultura, de investir precisamente na arte urbana, tal como tem vindo a acontecer em Lisboa.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

LF: A arte urbana, comunidade e Câmara Municipal do Porto... muito bem, eu acho que é um triângulo muito interessante. Acho que poderia ser um triângulo muito produtivo. Se a Câmara Municipal de facto apoiasse projetos comunitários com arte urbana, juntaríamos aqui os três pontos e a cidade sairia a ganhar, sem dúvida. Existe, de algum modo, ainda no Porto existe já uma cena ou um campo, como se lhe quisesse chamar, da arte urbana, não é, mas o que ainda faz falta realmente esta ligação às pessoas que não são de dentro da cultura e envolver as pessoas em projetos com arte urbana, não é, como tem vindo a acontecer no nosso país em outros lugares, por exemplo Lata65 com a Lara Seixo Rodrigues, e que envolve outras pessoas com mais idade, não é, nos projetos de *graffiti* e arte urbana. Ou como tem vindo a acontecer em

Lisboa, também com a Galeria de Arte Urbana nalguns bairros sociais e a recuperação de alguns espaços públicos a partir da arte urbana. Portanto há várias formas de pensarmos nesta intervenção comunitária usando a ferramenta da arte urbana na cidade do Porto, e isso tem um potencial social enorme, seja de resgate, por exemplo de jovens mais em situação de risco ou em situação mais problemática, porque estas linguagens da arte urbana, do *graffiti*, muito ligado também a uma cultura de rua e uma cultura hip hop muitas vezes atrai muito estes jovens, seja também por poder também atrair outras pessoas interessadas na arte no espaço público, com pessoas mais idosas, que estão mais desocupadas, ou outro tipo de grupos sociais, para participarem mais na cidade, no espaço público, criar laços comunitários, que isso é também muito importante para a coesão social de uma cidade e de uma sociedade, e portanto eu acho que esse triângulo seria uma aposta incrível para a cidade do Porto.

3 - Considera que a realização de iniciativas de intervenções artísticas legais na cidade pode trazer benefícios para a cidade? Quais?

LF: Intervenções artísticas legais, sem dúvida, não é, sem dúvida. E eu acho que, quer projetos que envolvam só os artistas com a legalização de algumas paredes... muitas vezes nós sabemos que não interessa a muitos artistas porque muitos deles até estão interessados em explorar novos spots e ir a novos lugares na cidade, mas muito para os iniciados eu acho que seria importante estabelecer alguns espaços legais para os iniciados poderem ir e experimentar com a lata, conhecer outras pessoas mais velhas, mais experientes e promover uma certa transferência de conhecimento nesses contextos. Portanto, haver essa legalização de algumas paredes parece-me fundamental para vários atores do próprio *graffiti*.

Por outro lado, fazer projetos temporários em murais com os artistas, que possam envolver as comunidades, como o público dessas pinturas parece-me também fundamental. E para além disso, envolver as comunidades de forma mais direta, não é, e fazer projetos com a população dos meios sociais, dos territórios sociais mais estigmatizados, mais vulneráveis socialmente e economicamente, parece-me também fundamental porque lá está, está provado em vários contextos urbanos que estas

ferramentas são valiosas para poder criar os tais laços comunitários e trabalhar muitas situações de conflito, de tensão social entre os vários atores. Portanto, legalização sim, quer de algumas paredes, quer para projetos pontuais com artistas com o público em geral a assistir, quer para projetos em que envolvam a comunidade de uma forma mais abrangente e mais direta.

4 - Pensa que deveriam ser realizadas mais iniciativas/projetos ligados à arte urbana na cidade do Porto?

LF: Sem dúvida, eu acho que houve uma altura em que realmente...se organizou o Push Porto, mesmo o...quer dizer, o mural da Restauração agora vai ter uma nova inauguração, mantém alguma atividade. Mas houve uma altura em que, sei lá, à cerca de um ou dois anos, um ano e tal atrás que parecia que a arte urbana aqui ia florescer e ia ganhar grande força na cidade, e depois...morreu-se na praia, não é. Parece que, de repente, ficou assim tudo bastante estagnado, e neste momento não há assim muita coisa a acontecer neste campo. Está tudo bastante parado. Espero que a Câmara Municipal se organize com um setor especialmente, especificamente dedicado para a arte urbana, porque lá está, não só faz parte da cultura da cidade, mas também tem um potencial enorme em termos de atração de novas pessoas para a cidade. Portanto, eu acho que este potencial também económico, também social, também cultural, deve ser olhado pela Câmara Municipal do Porto com muita seriedade.

5 - Tendo em conta que, dentro da Câmara Municipal do Porto, a arte urbana (à responsabilidade da Porto Lazer) se encontra separada da arte pública (à responsabilidade do Departamento da Cultura), e que, aquando das ações *anti-graffiti*, a seleção das peças que são excluídas, entre outros tipos de gestão que estão a cargo de um terceiro órgão, o que pensa sobre esta forma de organização e de que forma a mesma pode ou não ser problemática para outras entidades que pretendam organizar projetos com a colaboração da Câmara?

LF: Acho que é muito problemática, extremamente problemática. E porquê? Lá está, nós precisamos que haja um serviço especificamente dedicado a estas questões

como a Galeria de Arte Urbana. Ainda por cima, temos esta experiência e sabemos que funciona, no caso de Lisboa não é, no caso da Câmara Municipal de Lisboa. Portanto, se nós já temos a experiência e funciona, não percebo porque é que a Câmara Municipal do Porto não pensa nesta ideia de criar, não tem que ser uma galeria de arte urbana, pode ter outro nome, um setor da arte urbana ou serviço da arte urbana ou um gabinete de arte urbana, qualquer coisa que, em termos organizativos, centralize quer a própria limpeza, quer a promoção de iniciativas... porque a Galeria de Arte Urbana em Lisboa acaba por fazer a promoção das iniciativas e tem um orçamento próprio, mas faz uma monitorização muito clara de tudo o que é limpeza e de tudo o que são assuntos da cidade relacionados com a arte urbana, mesmo que eles próprios não façam isso diretamente, não façam a limpeza diretamente, eles têm um conhecimento acumulado da própria cultura, dos atores da cultura, das entidades que têm vindo a estar interessadas em colaborar com esta cultura. E portanto, esse...todo esse saber, todo esse conhecimento é valioso para poder atuar nas várias frentes que dizem respeito à arte urbana. Portanto, se nós queremos realmente organizar esta cultura, esta prática na cidade, e tirar o máximo potencial dela, quer para os atores que a constroem, quer para outras pessoas que possam estar eventualmente interessadas em participar e em tirar partido dela também, temos que ter um serviço mais dedicado, mais centralizado, que possa fazer a articulação de todas estas frentes. Este é o meu ponto de vista.

6 – Considera que há uma lista de critérios definida para quando ocorre a limpeza das peças pela cidade, ou se é algo aleatório?

LF: Se eu penso que é algo aleatório ou não? Eu tenho algumas informações no sentido que é bastante aleatório. Portanto, não existe esse conhecimento, não é, do serviço de urbanismo, e não havendo conhecimento da qualidade ou até da história, não é, porque existem algumas peças, que entretanto até foram limpas, que já tinham uma certa história, não é, e que já faziam parte da cidade já há alguns anos e quê, que tinham também um valor simbólico muito importante para as pessoas que constroem a cultura. E acho que deve haver algum cuidado com estas coisas, e na verdade, parece-me que há bastante aleatoriedade, porque há coisas que de facto não são apagadas e que são coisas

que não têm grande valor, não é, para os próprios atores, nem simbólico nem estético nem nada, não é, mas que se calhar a pessoa que vai ali até acha giro e acaba por deixar, não é. Mas quer dizer, isto ficar ao critério da própria pessoa que limpa é assim um bocadinho absurdo, não é, até ridículo.

Portanto, eu acho que tem havido alguma aleatoriedade mas tem que deixar de existir, não é, tem que haver...essa atuação tem que ser mais informada, até porque é uma atuação que envolve dinheiros públicos, dos contribuintes, não é, porque não vamos esquecer, estes serviços de limpeza são caros, são coisas dispendiosas, e portanto, se estão a usar o nosso dinheiro para fazer estas limpezas, ainda por cima mais tem que haver algum profissionalismo, não pode ficar dependente do trabalhador chegar ali, limpar isto porque acha bonito e limpar...não limpar isto porque acha bonito e limpar uma coisa porque acha que é feia, quer dizer, não faz sentido nenhum. Portanto, temos que ter aqui algum cuidado e também algum profissionalismo a fazer as coisas, e acho que a Câmara tem que olhar para isto, sem dúvida. Mesmo que não queiram ir muito além em termos de implementação de iniciativas, ao nível da limpeza tem que JÁ, ontem, já se deviam ter organizado em termos de sistematizar um pouco a estruturar mais o serviço da limpeza.

Anexo D: Entrevistas a Artistas

D1. Fedor

Entrevista realizada por email, a 7 de Julho de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

F: Estamos a caminhar para isso. Orgulho-me de afirmar que a nossa cidade tem vários artistas dedicados e talentosos mas o crescimento da arte urbana está-se a afirmar lentamente.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

F: Costumamos ter muito bom feedback da população em geral. A Câmara Municipal do Porto tem feito alguns esforços no sentido de promover e apoiar a arte urbana, mas há ainda um longo caminho a percorrer.

3 - Costuma participar em projetos ou iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal do Porto? E de outras entidades?

F: Felizmente fui incluído em alguns dos maiores projetos realizados pela Câmara Municipal do Porto. Também trabalho com outras entidades fora do Porto. É de mencionar também que os esforços da Circus foram bastante relevantes para o desenvolvimento desta arte na zona norte do país.

4 - Pensa que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

F: Na minha opinião não. As iniciativas que decorreram até à data foram de bastante importância mas não tem havido a continuidade que eu considero necessária para criar um movimento sólido.

5 - Acha que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

F: Acho que sim. Não faltam espaços descaracterizados que iriam beneficiar bastante com o nosso trabalho.

6 - Em que tipo de locais gostaria de trabalhar e/ou acharia mais propícios para criar proximidade com a comunidade?

F: Acho que a baixa do Porto é um local essencial para a promoção da arte urbana, dada a grande afluência de pessoas. Mas há sempre espaços com uma envolvência interessante que não estão necessariamente no centro. Acho que a zona beira-rio poderia ter muito potencial para ser explorado.

7 - Já apresentou alguma proposta de projeto/ação artística à Câmara Municipal do Porto? Se sim, como decorreu o processo?

F: Não. Todas as colaborações com a Câmara Municipal do Porto foram feitas através de um convite ou por concurso.

8 - Se tiver mais alguma opinião sobre o assunto que pense que merece ser partilhada.

F: Acho que a cidade beneficiaria da criação de muros legais onde se pudesse intervir sem autorização prévia. Com isto conseguiríamos minimizar o vandalismo e direcionar a próxima geração de *writers* para trabalhos com maior qualidade.

D2. Godmess

Entrevista realizada presencialmente, no espaço BECUH, a 11 de Julho de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

G: Cidade chave não. Em primeiro lugar porque estamos muito atrasados já. Mas que tem potencial, tem. Sofre ainda consequências de umas políticas erradas que tivemos aqui há poucos anos, o que não possibilitou essa transformação, como aconteceu em Lisboa, por exemplo, que sim essa começou a trabalhar muito antes tem potencial para ser e já é por muitos reconhecida como uma das capitais da arte urbana mundial. E apesar de ter começado há mais tempo, também não só isso, também fez um investimento forte nessa área, de... está a produzir, todos os anos, dezenas de murais, dezenas de projetos ou centenas de projetos com artistas urbanos, direcionados para a urbe, para a cidade de Lisboa, para as cidades adjacentes, quer Loures com o festival recente que também tem, quer Almada... há ali uma série de entidades que estão a trabalhar para um bem comum. E aqui, em primeiro lugar isso não acontece ainda, a coisa é muito recente e não se está a fazer o investimento devido, por isso acho... acho que tem potencial para acontecer coisas e para obtermos arte de qualidade a nível europeu e mundial, mas é preciso trabalhar.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

G: Vou ter de desconstruir isso. Entre a arte urbana e comunidade é uma coisa que já se percebeu em todo o lado que é uma fórmula positiva. Já se percebeu que ela, incluída num contexto pluridiversificado, seja um contexto social de um bairro, seja numa grande empresa, que ela resulta. Tanto temos o NOS Alive a apostar em arte urbana como temos o Bairro Padre Cruz a ser intervencionado por artistas urbanos. A fórmula resulta e há provas disso.

Aqui no Porto, em particular, a coisa é um bocado ao mesmo do que já te disse, a coisa é muito diminuta ainda. Quer se dizer, já se fizeram pequenas experiências, há

pequenas entidades que vão aplicando a coisa, a coisa resulta, a própria Câmara já fez coisas e a coisa resulta, mas não a um nível que, se calhar, se tenham aqui no Porto um resultado concreto ainda.

A relação da arte urbana com a Câmara, ou posso dizer com a cidade, é boa. Temos artistas de topo, diria a nível mundial, só não são a nível mundial porque nasceram no Porto, Hazul, Frederico Draw, Mr. Dheo... e a relação da própria arte urbana com a Câmara à partida não existe. Relação da arte urbana com a Porto Lazer é uma dimensão que começou por ser uma coisa com muito potencial, em que se deu a entender que a coisa de facto ia haver investimento e que se iam fazer coisas, percebeu-se que a cidade estava aberta para acontecerem essas coisas, até com este boom turístico, quer dizer... que a coisa tinha potencial. Acho que um exemplo, o maior exemplo que a autarquia teve foi o Street Art AXA Porto. Quer dizer, a autarquia nunca teve na vida nem nunca sonhou ter tanta gente para entrar dentro de uma exposição, acho que foram 20 e tal mil pessoas numa exposição. Fizeram-se filas... Aquilo era o edifício Axa ali na Avenida dos Aliados e fizeram-se filas para lá da Câmara Municipal. Quer dizer, foi uma coisa completamente absurda. Quer dizer, acho que ninguém estava à espera, nem nós próprios estávamos à espera, mas acho que é prova de que a cidade está aberta e que tem necessidade que essas coisas aconteçam. A arte ainda é um bocadinho elitista, a contemporaneidade tornou a arte um bocadinho elitista e a arte urbana de facto tem uma relação tão próxima com as pessoas que as pessoas tendem a...a quase haver uma conexão ou uma... como é que te hei de dizer, não sei, uma homogeneidade entre a pessoa e a obra e a cidade. Quer dizer, é uma coisa tão próxima que as pessoas se relacionam tão diariamente que aquilo passa a fazer parte da vida das pessoas. Não têm de se deslocar a um museu e pagar um bilhete, não têm de especular ou ficar a tentar perceber o que é que é aquilo, quer dizer, não estou a dizer que por isso a arte urbana é fácil, porque não é fácil. Quer dizer, há muitos artistas que a obra vai para além daquilo que reproduzem ou para além da imagem que apresentam. Mas de certa forma, o estar tão próxima das pessoas, é fácil para as pessoas conseguirem interpretá-la, seja à sua maneira ou à maneira do artista, o que difere muito da arte contemporânea.

Pronto, mas acho que esta é a relação, para já, possível entre estas três coisas.

3 - Costuma participar em projetos ou iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal do Porto?

G: Sim, pela Câmara não, pela Porto Lazer. Continuo a especificar porque a Câmara tem um departamento cultural que não trabalha com a arte urbana. Trabalha com a arte contemporânea e etc., etc. Quem tem a parte da arte urbana neste momento é a Porto Lazer, pelo menos até agora. Eu espero que mude, mas pelo menos até agora.

3.1 - E de outras entidades?

G: Sim, também, quer dizer, com a Porto Lazer eu trabalho, eu sou amigo da Cláudia. A Cláudia acho que é uma pessoa que tem feito, pelo menos o pouco que tem feito, tem feito. Eu gostava que ela fizesse mais, obviamente. Estou-lhe sempre a dizer isto mas eu acredito que não dependa dela estas questões. Tem de depender da própria autarquia e tem de haver alguém dentro da autarquia que faça coisas, facilmente seguindo o exemplo de Lisboa em que dentro da própria autarquia há uma entidade que gere este tipo de projetos. Quer dizer, há uma equipa só direccionada para isto. Não posso esperar que a Cláudia, à frente da Porto Lazer, trate, sei lá, da arte contemporânea, das Festas de São João, e depois que vá fazer ainda alguma coisa pela arte urbana que é um universo tão alargado e tão multidisciplinar com tanta coisa que se pode fazer. Mas eu gosto de trabalhar com eles, acho que eles têm potencial para fazer mais, gostava que eles fizessem mais.

Em relação às outras entidades, é com quem eu trabalho mais, tipo empresas, marcas. Quer dizer, nestes últimos três/quatro anos tem havido cada vez mais um interesse por parte de, tanto das pequenas marcas como das grandes marcas. Já trabalhei com a Jameson, com a NOS Alive, com o Continente, sei lá, com grandes marcas e percebes que cada vez mais tem havido esse interesse de potencializar a coisa. Tem a haver com isto que eu te disse, como consegues chegar a um público tão diversificado, acho que toda a gente tem interesse em querer fazer coisas.

4 - Pensa que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

G: Isso está respondido – não.

5 - Acha que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

G: Oh, claro que sim. Não falta, apesar de a cidade, nestes últimos 5/6 anos ter sofrido uma mutação muito profunda. O Porto, sei lá, aqui há uns 6, 7, 8 anos era uma cidade decadente. Era edifícios devolutos, montes de edifícios devolutos a pontapé. A cidade era completamente, estava completamente em ruína quase. E com este boom turístico dá para perceber, basta sair à rua que grande parte dos prédios já foram reabilitados, os que não estão ainda reabilitados estão prontos a ser reabilitados. A baixa mudou muito. Mas continua a haver sítios que de facto podem ser intervencionados. Quer dizer, o Porto não é só o centro. Eu acho que a Câmara tem cometido o erro de achar que o Porto está situado entre o Estádio do Dragão e a Boavista e não é verdade, o Porto é um universo muito maior e há de facto... seja os bairros sociais, seja outro tipo de situações. Quer dizer, há muita coisa que pode ser feita, desde pequenas paredes, a empenas, a outros projetos que absorvam outro tipo de materiais, sei lá, fazermos as caixas da eletricidade é um exemplo disso mesmo. Quer dizer, há monte de coisas que podem ser feitas de uma...coisas mais temporárias, coisas mais definitivas, com vários tipos diferentes de artistas. Acho que o Porto tem potencial para isso, tem vários...o Porto é muito grande, tem vários locais em que se podem fazer coisas, é preciso é fazer coisas.

6 - Em que tipo de locais gostaria de trabalhar e/ou acharia mais propícios para criar proximidade com a comunidade?

G: A arte urbana é na rua, quer dizer, a rua acho que tem de ser o principal foco, em primeiro lugar. Pah, depois acho que é copiar exemplos, não precisamos de estar aqui a inventar nada de novo, quer dizer. Bairros sociais resulta? Resulta. Bairros sociais é fixe, vamos fazer coisas lá. Vai fazer bem às pessoas? Porque há provas disso

já. As grandes marcas querem pagar e querem fazer coisas? Vamos lá fazer coisas. Acho que é só estar predisposto a, que isso é o que sinceramente me tem chateado mais. Quer dizer, não há alguém que esteja predisposto na autarquia a focar-se e a querer desenvolver coisas. Porque é isto, de facto podem-se fazer mil e uma coisas, desde exposições, a workshops, a sei lá, podes pintar uma parede pequena, podes pintar uma caixa de eletricidade, podes pintar um prédio de cima a baixo, podes pintar um viaduto, podes pintar uma rua, podes ter instalações. A arte urbana não é só pintura, não é, podes ter instalações, podes ter performances, há muitos artistas de arte urbana que são performers. Quer dizer, é um universo tão grande que eu acho que é uma parvoíce não se conseguir aproveitar isso.

7 - Já apresentou alguma proposta de projeto/ação artística à Câmara Municipal do Porto? Se sim, como decorreu o processo?

G: Eu tenho contato direto com a Cláudia, eu falo muitas vezes com ela e digo que precisamos de muitas coisas. Propostas não faltam, ainda no outro dia seguiu um email cheio de propostas. A Cláudia diz que a Porto Lazer está a tratar. Mas de facto, quer dizer, estamos em Julho e a única coisa que a Câmara fez até Julho deste ano foi abrir o mural da Restauração há duas semanas. Acho que isto é o exemplo mais claro de como é que a coisa está.

8 – Quando eles [Câmara] estão a limpar a cidade, pensa que eles têm algum critério definido, se pensa que é uma coisa aleatória?

G: Pah, isso para já continua a ser uma coisa que é meio mistério. Ouvem-se muitas coisas, mas de facto aquilo que me dizem é que há...a Câmara subcontrata uma empresa e é a pessoa responsável por essa empresa que define aquilo que deixa ficar ou não. À partida, com o critério que a Câmara deve ter estabelecido e que, daquilo que eu vejo na rua, tudo o que seja letras é para apagar, tudo o que seja figuras mais ou menos reconhecíveis do artista X ou Y é para ficar, alguma coisa que tenha algum potencial é para ficar. Mas tudo isto é muito relativo, porque de vez em quando acontece que vai e limpam uma data de coisas sem se perceber muito bem porquê. Quer dizer, estar a

gastar dinheiro num prédio que está a cair, mas se alguém foi lá e produziu alguma coisa que de facto está a enriquecer aquele local, quer dizer, não consigo perceber qual é a mais-valia de ter ali um quadrado ou um retângulo cinzento a ter uma imagem que potencializa aquela paisagem.

Pah, de facto essa limpeza não tem sido feita de uma forma muito coerente nem muito consciente. É uma coisa que eu acho que para além de fazer coisas, é preciso de facto ter alguém que perceba e que direcione estas questões. Eu acho que a limpeza é importante, atenção, eu acho que é mesmo importante porque é o que mantém as características da cidade, mas acho que ela tem de ser feita com consciência. Quer dizer, não se pode andar aqui a apagar desenfreadamente, a passar tinta por cima de azulejaria, passar tinta por cima de pedra, mesmo limpar marcas identitárias de certos locais, quer dizer, acho que a Câmara também não tem esse direito de entrar e invadir e pôr a coisa como acha que deve ser. Acho que as pessoas de certos lugares têm de ser ouvidas e perceber de facto onde é que se pode mexer ou não. Pah e depois fazem-se coisas só porque...não sei se reparaste aqui nesta fachada do (...), que são uns artistas italianos que a Câmara contratou aqui há dois anos para fazerem esta intervenção e que pah, primeiro está numa rua que ainda não sofreu intervenção, uma rua que ainda está em processo de qualquer coisa, e depois está num sítio em que por norma aqui os artistas, os *writers*, pessoal que faz *graffiti* se encontra por ser um sítio onde consegues ver os comboios, onde o pessoal que pinta comboios vem e vai ver onde fotografar, pronto, é um sítio que de certa forma está exposto a que mais facilmente aconteçam coisas como *tags*, como *bombings*, como peças, como intervenções, pronto. E então, pah, como é um sítio normalmente habitado por essas pessoas, quer dizer, eles introduziram aqui um objeto, uma peça meio estranha às pessoas que convivem neste espaço e pronto, a peça claro que vai sofrendo, também o tempo...e pah, foram pintadas algumas coisas por cima dessa peça que eles fizeram e a Câmara...esta equipa de limpeza o que fez foi, por exemplo, limpar essas peças e tentar reproduzir aquilo que o artista fez. É uma coisa que eu acho que é um bocado abstrato e que não consigo perceber como é que é possível cometer uma coisa dessas. Pah, como outras coisas, como recortar peças à volta ou, sei lá, deixar a peça e apagar a assinatura do artista, por exemplo, com o caso do Mesk, que

já aconteceu mais do que uma vez. Por isso é que eu acho que ela é feita de uma forma inconsciente e acho que é preciso muito rapidamente existirem pessoas dentro da autarquia que percebam do assunto, que conheçam os artistas e que saibam coordenar a coisa, não será a correta mas será a mais correta de agir.

Para o Porto ser, a primeira pergunta que fizeste, para ser uma...ou pelo menos para ter esse potencial de...das outras capitais europeias que já investiram na street art há muitos anos, precisa de facto urgentemente de ter alguém ou ter uma equipa que estude, que projete, que trabalhe em prol de um objetivo maior.

D3. Mesk

Entrevista realizada presencialmente, no estúdio do artista, a 13 de Julho de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

M: Acho que sim, que temos bons artistas, que falta um bocadinho apoio, faltam paredes legais, uma coisa qualquer que se possa pintar, que não se tenha de dar...sei lá, para dentro de fábricas ou não sei quê, isso também faz parte e era assim, mas se realmente se quer andar para a frente e se quer fazer... Eles estão quase a escolher mais ou menos o que é que fica, o que não fica, não é?, e ok, já se percebeu que eles querem as coisas mais agradáveis visualmente, seja isso o que for. Pah, não sei, também não sei, não posso dizer “quero esta parede, e toda a gente pode pintar aqui e não sei quê”. Isso era fixe, mas é um bocado...uma utopiazinha.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

M: Nem sei. Tipo, eu tento ver de todos os ângulos mas pronto, é o meu ponto de vista, e é sempre um bocado... tenho vindo a impressionar cada vez mais com o *graffiti* que a Câmara permite ou não permite, se bem que não há uma premissa porque se eu for apanhado a fazer o *graffiti* vou ter encargos ou não sei o que vai acontecer. Tenho tido a sorte, e fico aqui preso um bocadinho no meu ponto de vista... o que é que eu quero afinal?...quero pintar, quero uma autorização para poder pintar na rua onde me apetecer, isso era fixe mas acho que não vai acontecer. Também não sei bem...era designar certos sítios onde se pudesse pintar livremente, as condições mínimas sem precisarmos de andar a partilhar sítios abandonados com o pessoal.

3 - Costuma participar em projetos ou iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal do Porto?

M: Já participei, sim. Não é hábito mas...

3.1 - E de outras entidades?

M: Também, claro. Pronto, nunca, lá está, o *graffiti* também não é uma coisa que se possa...que uma entidade possa utilizar vezes e vezes e vezes, é mais pontual em cada uma das empresas, mas vai havendo essa... Empresas, quer dizer, também entidades particulares.

3.2 – Mas costuma haver procura?

M: Costuma. Há procura. Há procura, agora depende, lá está, pessoal que procura com nexo ou pessoal que procura sem nexo nenhum. Há pessoal que te pergunta quanto é que custa um *graffiti*...só assim tu ficas logo “ok, isto...”.

4 - Pensa que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

M: Acho que nunca são suficientes. Mas lá está, acho que não nos devemos contentar...prontos, eu acho que é pouco o que vai havendo. E acho que se uma pessoa se contentar com aquilo que tem, as coisas não avançam, e tens de querer mais e mais e mais até... não sei se há um ponto em que te fargas, tens tanta coisa já do mesmo que aquilo satura até, mas depois disso dá azo a outra coisa e há uma dita revoluçãozinha dentro daquilo, não sei.

5 - Acha que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

M: Julgo que sim. Julgo que sim. Sei lá, há opções, eu não fiz nenhum levantamento, não é, não me pagam para isso. Mas sei que há pontos, há pontos no Porto. Ao dizer pontos, lembrei-me de pontes, que também é fixe, pintar debaixo das pontes, não chove e tal. É fixe. Lá está, há pontos, há sítios, que as pessoas gastam dinheiro a pintar aquilo de branco ou de bege ou de verde ou da cor que tiverem na altura, que ainda não percebi muito bem como é que isso funciona também. E sei lá, porque é que não se pode pintar? Se as pessoas puderem ir para lá e estão à vontade, os que quiserem estar à vontade e pintar, claro, porque não vai e “ei, o *graffiti* é legal, mais ninguém pinta fora das paredes legais, agora tem paredes legais...” isso nunca vai acontecer. Sim, há sítios que poderiam ser cedidos para *graffiti*.

6 - Em que tipo de locais gostaria de trabalhar e/ou acharia mais propícios para criar proximidade com a comunidade?

M: Depende, eu trabalho...faço algum trabalho comunitário, de formação, workshops e tal, para as camadas mais jovens. Acho que é onde comesças a ganhar, ou foi quando eu comecei a ganhar um gostinho pelo desenho porque começava a ver umas coisas e tal, e prontos, isso manteve-se. Por isso acho que é uma idade importante para aprender e para saberes o que é, estás a ver. Não é tipo “não faças isto, faz isto”, é tipo, há isto e também há isto, estás a ver, mas é uma cena consciente. Não é, tens a informação e fazes com ela o que quiseses.

Pronto, escolas, os workshops normalmente são em escolas. Começa a haver uma coisa interessante que é tipo um género de workshop durante um aniversário de um miúdo, por norma se bem que as meninas também têm muito jeito, e pronto... Começam a haver coisinhas, isto não é uma loja, não é, tipo chegas ali e quero isto. Cada caso é um caso e as coisas adaptam-se ao que for preciso para proporcionar ali um... sei lá, acho que é uma coisa que tu podes participar e no final ficas com uma obra em que dizes “fui eu que fiz parte”, pelo menos aquele canto ou aquela perna, o que seja, fui eu que preenchi. E pronto, é engraçado para eles como primeira experiência no *graffiti*. Não é aquele... que pronto, sou eu a limitar um bocado ao meu estilo não é, mas... pronto, é só tipo, para eles terem a primeira experiência de como preencher, e depois a partir daí também lavo as minhas mãos, cada um sabe de si.

6.1 – Acha que seria bom levar esse tipo de atividades para quando a Câmara organiza eventos, por exemplo no Palácio de Cristal, ou quando faz mesmo para famílias e para todo o tipo de pessoas?

M: Eu não vejo porque não. Agora depende... às vezes pode fazer sentido, outras vezes nem por isso. Mas acho que o *graffiti* é uma arte tão...não há limites, estás a ver. Tu podes pegar em tudo, é desenho, é representá-lo através duma imagem. E depois a maneira como pintas essa imagem, essa mensagem, pronto...

7 - Já apresentou alguma proposta de projeto/ação artística à Câmara Municipal do Porto? Se sim, como decorreu o processo?

M: Eu não gosto muito de burocracias, esse é um problema meu. Eu chegar lá e dizer...não vai acontecer. Já fizemos [Circus], já entregamos proposta, já foi feito um festival, já foi...já houveram coisas a acontecer. Já pedi para me tentarem encontrar o proprietário daquela parede, tipo “é possível legalizar a parede que tenho em baixo da minha casa? Que dá para um terreno baldio e não está ninguém, e está cinzenta e/ou está toda riscada, e sei lá. Até pintava isto à pala, porque gosto de pintar, e é à beira da minha casa.” Acabou por nunca ir para a frente, também lá está, nunca preenchi nenhum formulário. Liguei, falei com as pessoas que me são próximas mas pronto...espera-se pela noite, pinta-se à noite, e pronto, está feito, não há cá papeladas, não há essas coisas. Percebo que é complicado mas depois acaba por ficar.

8 – Acha que existe alguma lista de critérios definida para selecionar o que fica e o que não fica, ou acha que é tudo muito aleatório?

M: Acho que é um bocado “olha este é bonito”, estás a ver. “Este é só letras, apaga.”; “este é um boneco do Mickey”. Sei lá. Não, acho que não há critério nenhum a não ser esse, o de ser visualmente, sei lá, agradável, polidinho ou uma coisa assim. Mas mesmo as letras, se forem polidas, eles em princípio vão apagar. É mesmo aquela coisa do *graffiti* associado ao vandalismo e às letras, não sei quê, não tem parte da cidade, estás a ver. Só querem o *graffiti* que surgiu depois desse...estás a ver, porque o *graffiti* surgiu assim, eram letras, eram rabiscos, era as *tags*. E só por ter existido isso, estás a ver, é que chegamos ao que, pronto, as pessoas dizem que gostam de ver de *graffiti*. As coisas não nasceram assim, tipo “ei, agora vamos fazer esta”, não, houve uma história e há pessoal que é fiel às raízes e que continua a querer manter a cultura, pronto, manter-se fiel à cultura e que nem está virado para...nem lhe consegues pagar um trabalho, porque ele não quer trabalhar para ti, quer pintar a cena dele à vontade. E há pessoal que, sei lá, eu tive a sorte, eu não sou da destruição, claro que depois de estar no grupo, e mesmo a crescer, não tens sempre aquela consciência do que estás a fazer, não é, à medida que vais tendo mais idade também tens um bocadinho mais cabeça e tal e

começas a pensar nas coisas se calhar duma maneira diferente. Como seria se fosse na minha propriedade, e isso já me faz um bocadinho de confusão, porque eu não sou obrigado a ter ali alguma coisa. Se a propriedade é minha, eu posso ter aquilo branco, e há essa luta às vezes de, pah, pronto... eu às vezes perco-me um bocado.

Pois, não sei, do que me consta, isto lá está, também não sei porque nós estávamos a tentar marcar um jantar o responsável para conhecer a pessoa, porque não faço ideia quem é o...quem é que anda a dizer “isto sai, isto fica”, porquê, quem é o senhor. Sei lá, é uma pessoa comum?, comum no sentido de não ser formado na área. Acho que ele nunca pegou numa lata de *graffiti*, como é que está a avaliar *graffiti*. Também não é preciso, pronto... Acho que é preciso ser conhecedor da técnica... nem estou a dizer que ele tinha de pegar numa lata de *graffiti* ou dominar a técnica, estou a dizer que ele precisava pegar numa lata de *graffiti* para perceber a dificuldade que é e para conseguir analisar as coisas como as coisas são. Porque não é por ser uma letra ou por ser um boneco que as coisas devem ser limpas ou não. Às vezes deixam-me ficar os bonecos e limpam-me a assinatura e tipo, como é que... só querem, sei lá, pah, as coisas estão ligadas, e pronto.

Estive para fora, cheguei, estava a vir para casa, e vi...tenho um personagem que eu fiz, um urso, e eles pintaram à volta mas de outra cor diferente e cortaram aquilo tudo direitinho e fizeram um quadrado, estás a ver. Pah, eu fico contente, eu gosto muito de ver, é o fundo do meu telemóvel mas...eu gosto muito daquele boneco mas...fiquei contente, ao limparem não o limparam, não desapareceu, fixe, mas é estranho, estás a ver, ver aquilo, ver que alguém esteve a recortar o meu boneco...lá está, é um misto de emoções que não sei bem às vezes, o que é que eu quero afinal?...não queria que eles me deixassem o boneco? Está ali o boneco, mas eu não me sinto muito fixe com isso, não sei.

8.1 – Então acha que deveria haver alguém mais entendedor que conseguisse gerir melhor... uma equipa...

M: Nem consigo imaginar que uma pessoa gira o *graffiti* do Porto. Sei lá. Eu não sou o poço da sabedoria. Eu só levanto questões, tipo “isto era fixe se fosse assim, se

não fosse um bocadinho não tão assim”. E olha, é apontar para ali e pronto, se as coisas, se alguém ouvir um dia, pronto, que seja por ali. Mas eu não sei, o que é que sabemos, olha “era fazer assim assim assim, estava feito”, não há essa forma.

D4. mynameisnotSEM

Entrevista realizada presencialmente, no estúdio do artista, a 21 de Julho de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

S: Potencial, sim. Não é uma cidade chave no circuito de arte urbana atualmente, nem de perto, mas tem potencial sim, tem. Por vários motivos, pelo turismo que tem vindo a evoluir, não é, que a arte urbana também chama muitos turistas...

[começar de novo] Sim, tem. Tem potencial, pelo que já referi antes, por este boom turístico, porque se houver um investimento eu acredito que comece a haver algum turismo de arte urbana. Também, se houver um investimento como houve em Lisboa. No caso é o exemplo mais próximo, já existe algum turismo de arte urbana. Acho que teria, sim. Também estamos num ponto estratégico do globo, passa muita gente aqui, não só de férias mas para passar para outros sítios, e esse tipo de abordagem mais contemporânea, não é, mais acessível a todos, sem dúvida acho que desperta interesse, não só na comunidade como nos visitantes também. Poderia levar a que se tornasse um ponto chave, uma cidade chave.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

S: Eu acho que entre a arte urbana e a comunidade a relação tem-se vindo a desenvolver cada vez mais, as pessoas estão cada vez mais recetivas, curiosas, compram ou querem comprar, ou pelo menos tentam saber quanto custa, e acho que já vêm como algo bom. E já também conseguem diferenciar vários tipos de artes urbanas, do *graffiti* àquilo que chamamos de street art na arte urbana, não é, já começam a conseguir diferenciar os vários tipos de linguagem do espaço público.

Entre a Câmara do Porto e a arte urbana, uma relação esporádica, tipo aquele amigo que só vemos nas férias. Acho que é isso. Ou pelo menos tem sido.

3 - Costuma participar em projetos ou iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal do Porto? E de outras entidades?

S: Sim, costume, tanto pela Câmara como por outras entidades. Se costume participar? Sim. [participa muitas vezes?] É esporádico, também não há muitas atividades, por isso não dava para participar muitas vezes.

4 - Pensa que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

S: Não são suficientes. Não, acho que ainda não. A Câmara na figura da Porto Lazer vai fazendo um esforço para começar a acontecer coisas, mas acho que não são suficientes, de forma alguma. Tendo em conta o paralelo estrangeiro, o paralelo Lisboa, tendo em conta o tempo que estamos atrasados, não é, ou o que nos falta recuperar, então a este ritmo não vamos recuperar assim tão cedo. Teria que haver um esforço maior.

5 - Acha que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

S: Sim, O Porto tem. O Porto não tem espaços para isso, tem sem dúvida espaços com bastante potencial, agora falta essa capacidade de desbloquear certos vazios, não são vazios legais, certos... por exemplo os emparedamentos, que são estruturas temporárias, não é, poderiam ser quase que sítios legais para toda a gente pintar, que eventualmente aquilo vai ser destruído quando for preciso aceder àquele espaço, aquela estrutura vai ser destruída. Então parece que poderiam funcionar como pequenas telas legais ao longo da cidade. Isto é um exemplo. Depois temos 50 muros gigantes, traseiras de escolas, ou outros que até estão um bocado decadentes, que aí, sendo um espaço aberto à experimentação, se poderia chegar a resultados bastante interessantes.

6 - Em que tipo de locais gostaria de trabalhar e/ou acharia mais propícios para criar proximidade com a comunidade?

S: Em que tipo de locais, é diretamente com a comunidade. É o que se tem vindo a assistir lá em baixo em Lisboa, diretamente com a comunidade, em comunidades específicas, e também fazer um trabalho específico junto dessa comunidade. De ter alguém a fazer um trabalho de natureza etnográfica, não é, de ouvir as pessoas e a tentar entender o tipo de comunidade. Aqui no Porto as comunidades são mais...como é que hei de dizer, são mais naturais no sentido de portuenses. Em Lisboa, as comunidades diferem muito, tem muitos imigrantes africanos, que vieram, pronto, são comunidades muito mais heterogéneas. Aqui no Porto se calhar não são tanto, o que pode facilitar esse trabalho, mas eu acho que seria diretamente com a comunidade, nos bairros. E também não acho que seja preciso ir pintar empenas ou vinte empenas no mesmo bairro como em Lisboa. Se calhar é preciso fazer um trabalho junto a paredes mais pequenas ou sítios mais simbólicos do que as empenas.

7 - Já apresentou alguma proposta de projeto/ação artística à Câmara Municipal do Porto? Se sim, como decorreu o processo?

S: Do Porto não, em Matosinhos sim, muitas vezes. [no Porto nunca apresentou mesmo nenhuma?] Acho que não, no máximo podemos ter apresentado qualquer coisa em conjunto...o Tiago disse se apresentamos alguma coisa? [resposta] A Câmara já nos contactou, sim. Vamos agora começar a desenvolver aqui uns workshops, começam amanhã, vão ser todos os sábados durante Julho e Agosto, ou até meio de Agosto, são os próximos 6 sábados. Amanhã é o workshop de stencil. Mas vão ser vários workshops com temas diferentes e que foi a Câmara que nos contactou sim, para começarmos a trabalhar nesse âmbito. Mas propostas diretas a eles, não, acho que não.

Agora estou a falar enquanto eu, Filipe, ok? Eu pessoalmente, porque eu não sou do Porto, sou de Matosinhos. Então, eu já tentei apresentar vinte propostas à Câmara de Matosinhos e entendo que, se eu não consigo alcançar num sítio mais pequeno, vai ser ainda mais longínquo alcançar num sítio maior. É por isso que...nunca, é pá, nunca calhou.

8 – Considera que a limpeza das peças pela cidade segue critérios definidos ou é aleatória?

S: Para já, quanto à limpeza, não tenho uma opinião contra. Eu acho que a cidade tem e deve ser renovada volta e meia. A cidade tem que se renovar senão acontece como em Matosinhos, temos *graffiti* com 15 anos e...já fazem parte da paisagem urbana e não faz sentido, na minha opinião. Agora, quanto à limpeza aqui no Porto, há algum critério? De certeza que há e não se sabe de onde é que a ordem vem ou quem é que dá a ordem, mas há. Já tivemos aqui uma situação na rua em que estavam a limpar, estavam aí a fazer barulho no portão, e eu abri a porta e estava um senhor a pintar o portão, da Câmara, e nós saímos e limpamos a rua toda menos aqui um emparedamento, do Azul. E nós fomos perguntar “olhe ó chefe, não vai limpar ali o emparedamento?”, e ele “não não, que este aqui é o Azul, ele tem autorização da Câmara...” e não sei quê, e todos sabemos que ele não tem autorização nenhuma da Câmara. Mas já deve haver algum tipo de diretiva para identificarem algum tipo de linguagem visual que pertence a um certo grupo de artistas e que seja mais agradável de olhar. Temos de ser realistas, não é, porque uma *tag* e um desenho do Azul, acho que 90% das pessoas preferem o desenho do Azul. E pronto, acho que tem que haver e acho bem que seja feito com alguma seleção, porque limpar tudo também não acho necessário. Acho que há espaços e espaços, e acho que há espaços em que pode prevalecer embora que temporariamente, enquanto dure o espaço. Acho bem a limpeza, no fundo.

D5. Veshpa

Entrevista realizada por email, a 6 de Setembro de 2017

1 - Acha que o Porto tem potencial para se apresentar como uma cidade chave no circuito mundial de arte urbana?

Penso que para um futuro próximo isso é muito provável, mas também acho que ainda estamos muito atrás de países como França por exemplo que tem uma história e contribuição artística gigante.

2 - O que pensa sobre a relação arte urbana + comunidade + Câmara Municipal do Porto?

Acho que todos podemos beneficiar e efetivamente tendo uma boa relação com a CMP é o que vai ajudar a pôr o Porto no panorama artístico mundial.

3 - Costuma participar em projetos ou iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal do Porto? E de outras entidades?

Não.

4 - Pensa que o número de projetos/iniciativas públicas/privadas no Porto são suficientes?

Não.

5 - Acha que o Porto tem capacidade para ceder mais espaços para intervenções artísticas legais?

Sim, no que diz respeito ao espaço físico parece-me que há vários edifícios abandonados em que se pode intervir. No que diga respeito a burocracias, já não sei como pode funcionar.

6 - Em que tipo de locais gostaria de trabalhar e/ou acharia mais propícios para criar proximidade com a comunidade?

Edifícios abandonados.

7 - Já apresentou alguma proposta de projeto/ação artística à Câmara Municipal do Porto? Se sim, como decorreu o processo?

Não